

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**IDENTIDADES NEGOCIADAS:
O RÁDIO E A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA QUARTA COLÔNIA/RS**

ELISANGELA CARLOSSO MACHADO MORTARI

2004

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

IDENTIDADES NEGOCIADAS:
O rádio e a construção simbólica da Quarta Colônia/RS

Elisangela Carlosso Machado Mortari

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Milton José Pinto

Rio de Janeiro

Março de 2004

“IDENTIDADES NEGOCIADAS: O RÁDIO E A
CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA QUARTA COLÔNIA/RS”

Autora: Elisangela Carlosso Machado Mortari

Orientador: Dr. Milton José Pinto

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Milton José Pinto

Profa. Dra. Veneza Mayora Ronsini
(Faculdade de Comunicação Social/UFSM/RS)

Profa. Dra. Diana Damasceno
(Curso de Letras/Ferlagos/RJ)

Profa. Dra. Ilana Strozemberg
(Escola de Comunicação Social/UFRJ/RJ)

Profa. Dra. Raquel Paiva
(Escola de Comunicação/UFRJ/RJ)

Rio de Janeiro
Março de 2004

Mortari, Elisangela Carlosso Machado.

Identidades negociadas: o rádio e a construção simbólica da Quarta Colônia/ Elisangela Carlosso Machado Mortari. – Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004.

xi, 219f.:il.;31cm.

Orientador: Milton José Pinto

Tese (doutorado) – UFRJ / Escola de Comunicação/ Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, 2004.

Referências Bibliográficas: f. 206-210.

1. Subjetividade. 2.Campo midiático. 3. Formação discursiva e identidades. I.Pinto, Milton José. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. III. Título.

“na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo”.

Prost

À memória dos meus avós,
Elisa e Abílio Machado e João e Tereza Carosso.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno Pai pela vida, e pela vida em abundância.

Ao Sergio, esposo fiel que acompanhou minhas angústias e me provocou a brasilidade.

Aos meus pais, pela graça da experiência mestiça.

Aos meus interlocutores na Quarta Colônia, por me brindarem com suas memórias, suas experiências e suas identidades.

Ao meu orientador, professor Milton José Pinto, que mesmo à distância confiou em meu trabalho e se fez presente nos ensinamentos passados.

À professora Veneza Ronsini, por ter despertado meu gosto pela pesquisa ainda na graduação, e por continuar me acompanhando na trajetória acadêmica.

À professora Diana Damasceno, amiga, colega e vivaz conhecedora das práticas discursivas.

À professora Ilana Strozemberg, pelas interlocuções e por me despertar o olhar etnográfico.

Ao professor Micael Herschman, pelas contribuições ao trabalho.

Aos meus grandes e queridos amigos, Janny, Marcelo, Isabella, Mariana, Mariana Bretas, Ronize e Marco, que confirmaram o valor da família e da acolhida.

Aos professores do Centro Universitário Franciscano, Carlos Alberto Badke, Daniela Pedroso, Laura Fabrício, Gláise Palma, Viviane Borelli, Marisa Bastos, Carlos Dominguez e César Steffen, pela amizade incondicional e pelo trabalho em equipe.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, especialmente nas pessoas do Laércio, do Paulo, da Valéria e da Mariene, pela constante atenção.

A todos os amigos e colegas da UFRJ, do Centro Universitário da Cidade, do Nupec, do Maranhão, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que fizeram da minha estada no Rio, inesquecível.

Ao Cnpq e à Capes, pelo apoio financeiro.

Ao Rio de Janeiro, pela experiência da metamorfose constante.

RESUMO

Este trabalho trata das relações de produção, circulação e reconhecimento dos discursos sociais na região centro do Rio Grande do Sul, em comunidades de descendentes de imigrantes italianos. Em outras palavras, procura-se desenvolver uma prática de pesquisa que alie o olhar etnográfico, a interferência do pesquisador, a ação dos meios de comunicação, o desempenho dos sujeitos e a revisão conceitual dos estudos acerca das identidades. Para isso, avalia-se a memória construída pelos agentes autorizados, a produção discursiva de três programas de rádio, a reflexão dos discursos entre os sujeitos da Quarta Colônia e o processo de formação das redes identitárias. Com efeito, as relações dos meios de comunicação e das identidades culturais são articuladas através da construção simbólica do território e das atuações performáticas dos sujeitos. Assim, o trabalho desenvolve a idéia dos discursos aliada à experiência mutante de ser e de deixar de ser e de entrar e sair dos cenários culturais.

Palavras-chave: identidades, discursos sociais, programas de rádio, memórias.

Rio de Janeiro

Março de 2004

RESUME

Ce travail traite des relations de production, circulation et reconnaissance des discours sociaux à la région centrale du Rio Grande do Sul, dans les communautés descendantes des immigrants italiens. Il s'agit, en fait, de développer une pratique de recherche en alliant le regard ethnographique, l'interférence du chercheur, l'action des médias, la performance des sujets et la révision conceptuelle des études sur les identités. Pour cela, ce sont évalués la mémoire construite par les agents autorisés, la production discursive de trois émissions radio, la réflexion des discours entre les sujets de la Quatrième Colonie et le processus de formation des réseaux identitaires. En effet, les relations des médias et des identités culturelles ce sont articulées par moyen de la construction symbolique du territoire et des actuations performantes des sujets. De ce fait, ce travail développe l'idée des discours alliée à l'expérience mutante d'être et de ne pas être et d'entrer et de sortir des cadres culturels.

mots-clés: identités, discours sociaux, émissions radio, mémoire

Rio de Janeiro

Março de 2004

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	vii
RESUME	viii
SUMÁRIO	ix
LISTA DE FIGURAS	x
I. INTRODUÇÃO	10
II. A SUBJETIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DO SOCIAL: CONSTRUINDO O CAMPO MIDIÁTICO	21
II.1. O olhar etnográfico, a memória e os discursos.....	26
II.2. A memória, os discursos autorizados e o espaço do abandono.....	58
II.3. Biografias autorizadas: os discursos fundadores.....	76
III. O CAMPO MIDIÁTICO E A PRÁTICA DISCURSIVA	88
III.1. O rádio e as disputas de poder.....	93
III.2. Parla Quarta Colônia: os discursos reflexivos.....	100
III.3. Memórias discursivas e comunidades discursivas.....	118
III.4. O rádio e a construção de identidades.....	146
IV. A FORMAÇÃO DISCURSIVA E AS IDENTIDADES NA QUARTA COLÔNIA	152
IV.1. As mestiçagens e as identidades culturais.....	166
IV.2. Os discursos como agenciadores de relações híbridas.....	174
IV.3. Do hibridismo às performances.....	182
IV.4. Identidades em metamorfose.....	189
V. CONCLUSÃO	196
VI. BIBLIOGRAFIA	205
ANEXOS	211
Anexo 1: históricos dos municípios de Silveira Martins e Ivorá	212
Anexo 2: históricos dos municípios de Agudo e Faxinal do Soturno	213
Anexo 3: histórico do município de Pinhal Grande	214
Anexo 4: histórico do município de Nova Palma	215
Anexo 5: históricos dos municípios de Dona Francisca, Restinga Seca e São João do Polêsine	216

LISTA DE FIGURAS

Fig.1 – Mapa cronológico da formação de Santa Maria.....	30
Fig.2 – Ruínas da primeira casa construída por imigrantes chegados na região por volta de 1880 – São Valentim/São João do Polêsine/RS.....	38
Fig.3 – Fachada lateral da primeira casa de famílias de imigrantes italianos – São Valentim/São João do Polêsine/RS.....	38
Fig.4 – Monumento em homenagem aos italianos mortos. Val de Buia/Silveira Martins/RS.....	40
Fig.5 – Seminário Pallottino – Vale Vêneto/ São João do Polêsine/RS.....	45
Fig.6 – Capitel.....	50
Fig.7 – Vista interna do capitel	50
Fig.8 – Festa de Nossa Senhora da Saúde – Linha 4 ^a / Silveira Martins/RS – Celebração Eucarística.....	55
Fig.9 – Festa de Nossa Senhora da Saúde – Linha 4 ^a /Silveira Martins/RS – Romaria.....	56
Fig.10 – Brasão comemorativo aos 43 anos de emancipação de Nova Palma/RS.....	65
Fig.11 – Centro de Pesquisa Genealógica – Nova Palma/RS.....	65
Fig.12 – Pe. Luizinho Sponchiado – CPG/Nova Palma/RS.....	66
Fig.13 – Reportagem 1 Diário de Santa Maria – Pe. Luizinho Sponchiado.....	68
Fig.14 – Reportagem 2 Diário de Santa Maria – Pe. Luizinho Sponchiado.....	69
Fig.15 – Gruta no sopé do morro.....	79
Fig.16 – Pe. Clementino Marcuzzo – festas na Quarta colônia.....	81
Fig.17 – Placa em homenagem aos imigrantes italianos – torre da rádio-igreja/Ivorá/RS.....	95
Fig.18 – Rádio-igreja / Ivorá/RS.....	95
Fig.19 – O mapa do poder – Diário de Santa Maria.....	99
Fig.20 – Brasão da família Mainardi.....	112
Fig.21 – Família Mazzardo Manfio.....	133
Fig.22 – Cantina da família Londero.....	135
Fig.23 – Sobrado construído por imigrantes italianos.....	135
Fig.24 – Sobrado construído e conservado pela família Londero.....	136
Fig.25 – Ruínas de um sobrado – heranças da memória italiana.....	144

Fig.26 – Locomotiva- período de transição entre o passado e o futuro. São João do Polêsine/RS.....	144
Fig.27 – Igreja de São Valentim/São João do Polêsine/RS – preservada pelos descendentes de friulanos.....	145
Fig.28 – Propriedade rural – base para o turismo na Quarta Colônia.....	145
Fig.29 – Monumento em Val de Buia – “escultura mostrando um velho italiano com uma enxada e um menino com um livro na mão”.....	178
Fig.30 – Placa comemorativa ao centenário de imigração italiana.....	178
Fig.31 – Monumento em Vale Vêneto: objetos recuperados.....	183
Fig.32 – Apresentação do grupos de danças típicas italianas.....	188
Fig.33 – Apresentação de danças típicas com a participação do público.....	195

I – INTRODUÇÃO

O zelador do Labirinto

Luis Fernando Veríssimo

Tem também a história do zelador do labirinto. Todos os dias ele saía de casa cedo, com sua marmita, e entrava no labirinto. Seu trabalho era percorrer todo o labirinto, inspecionando as paredes e o chão, vendo onde precisava um retoque, talvez uma mão de tinta, etc.

Era um homem metódico. Pela manhã, fazia a ronda do labirinto, anotando tudo que havia para ser consertado, depois saía do labirinto, almoçava, descansava um pouquinho, e entrava de novo no labirinto, agora com o material que necessitaria para seu trabalho. Quando não havia nada para ser consertado, ele apenas varria todo o labirinto e, ao anoitecer, ia para casa. Um dia, enquanto fazia a sua ronda, o zelador encontrou um grupo de pessoas apavoradas. Queriam saber como sair dali. O zelador não entendeu bem.

_ Como, sair?

_ A saída! Onde fica a saída?

_ É por ali – apontou o zelador, achando estranha a agitação do grupo.

Mais tarde, no mesmo dia, enquanto varria um dos corredores, o zelador encontrou o mesmo grupo. Não tinham encontrado a saída. Estavam ainda mais apavorados. Alguns choravam. Alguém precisava lhes mostrar a saída! Com uma certa impaciência, o zelador começou a dar a direção. Era fácil.

_ Saíam por ali e virem à esquerda. Depois à direita, depois à esquerda outra vez, direita, direita, esquerda _ Espere! – gritou alguém. _ Ponha isso num papel.

Sacudindo a cabeça com divertida resignação, o zelador pegou seu caderno de notas e toco de lápis e começou a escrever.

_ Deixa eu ver. Esquerda, direita, esquerda, esquerda...

Hesitou.

_ Não, direita. É isso. Direita, direita, esquerda... Ou direita outra vez?

O zelador atirou o papel e o lápis no chão como se estivesse pegando fogo. Saiu correndo, com todo o grupo atrás. Também estava apavorado. Aquilo

era terrível. Ele nunca tinha se dado conta de como aquilo era terrível. Corredores davam para corredores que davam para corredores que davam numa parede. Era preciso voltar pelos mesmos corredores, mas como saber se eram os mesmos corredores? A saída! Onde fica a saída?

A administração do labirinto teve que procurar um novo zelador, depois que o desaparecimento do outro completou um mês. Podia adivinhar o que tinha acontecido. O novo zelador não devia ter muita imaginação. Era preferível que nem soubesse ler e escrever. E em hipótese alguma devia falar com estranhos.

(Revista *Ícaro Brasil*, outubro 2003)

.....

A leitura que você inicia agora deve lhe passar uma sensação de estranhamento, mas não temas em prosseguir. O sentimento o acompanhará durante todo o percurso e, somente depois de concluída a travessia, perceberá como é estranha a experiência de participarmos do jogo, de identificarmos os jogadores e de reconhecermos como jogamos mal! O estranhamento acompanhou todo o processo de construção deste trabalho. Não foi simples chegar à conclusão de que somos iguais, embora diferentes. Já havia lido vários livros que abordavam esta ambigüidade, mas não esperava que a prática fosse tão assustadora.

É semelhante ao que aconteceu com o zelador de labirintos, nunca mais se encontrou. Percebo que o lugar de fala é um cômodo dispositivo criado para resguardar o autor. Quando ele se torna o sujeito da enunciação, corre o risco de se perder pelos caminhos que sempre apontam algo de diferente. Este olhar efetivamente participante parte do campo de visão do pesquisador, e eu, como tal, assumo a posição textualmente. Por isso, os deslizos nos pronomes: ora na primeira pessoa do singular, ora na terceira pessoa do plural, ora no impessoal... E, isso tudo, porque é impossível viver na singularidade, na pluralidade ou na impessoalidade, se não for ao mesmo tempo.

Além do desconforto em analisar o meu cotidiano e de falar (às vezes mal) da vida dos outros, fui sempre instigada para ir em frente. Não ouvi nenhum conselho de que deveria parar porque poderia me perder; e então eu fui...Lembro-

me ainda dos apontamentos das professoras Heloísa Buarque de Holanda e Ieda Tucherman. A primeira, em meu trabalho de final de semestre, apontou: “você têm ótimos pressupostos teóricos, portanto tem a obrigação de utilizá-los bem”. E, a segunda, “isso vai ser uma tese ótima”. Não sei, sinceramente, se as correspondi diante de tanto incentivo.

A ‘ótima tese’ trata das realidades possíveis que se constroem no ambiente simbólico identificado como Quarta Colônia. Um pedaço do Rio Grande do Sul que estava esquecido na memória de seus habitantes. Acredito que, o potencial globalizador do final do século XX, despertou lembranças perdidas e indicou a passagem por lugarejos como Nova Palma, Silveira Martins, Ivorá, Dona Francisca, Faxinal do Soturno e outros, que nem se sabia o nome, mas que ficavam naquela região. Os fragmentos de memória nunca foram suficientemente ágeis para sustentar uma identidade local queurgia no final do século global. Ficava pior ainda com o esfacelamento do território: “onde acaba Nova Palma e começa Ivorá? Faxinal fica entre quais cidades mesmo? Pôxa, já passamos por lá”!

Até que um padre, que procurava vestígios da sua identidade perdida, resolveu adotar a expressão Quarta Colônia. Mas, por que quarta? Porque tinha sido naquele lugar que os imigrantes italianos, da quarta leva, se estabeleceram. Ora, a busca do religioso era por uma identidade italiana; então, Quarta Colônia de Imigração Italiana.

A primeira, a segunda e a terceira colônia existiram, mas, hoje, tenho até medo de chamar a cidade de Caxias do Sul de colônia. Os colonos são grandes empresários nos ramos de móveis, de utilidades domésticas, de alimentos e de turismo, citando apenas alguns. E depois da quarta? Não há registro de nenhuma outra colônia que tenha se formado. Poderia ser então: “última colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul”. Mas, certamente, os efeitos de sentidos não seriam iguais aos verificados atualmente.

É desse lugar inventado que falo, de suas manobras narrativas, de suas memórias construídas e de sua gente simples que negocia com ingenuidade suas identidades culturais. Faço parte deste espaço, portanto, sou também uma ficção e, tudo o que disser, pode ser avaliado de outro modo, à maneira italiana, ao estilo gaúcho, no jeitinho brasileiro.

Quanto aos pressupostos, nunca fiquei muito à vontade com a utilização dos mesmos conceitos para realidades tão diferentes. Não os abandonei, é verdade, mas reconduzo a trajetória teórica em função do lugar observado. A Quarta Colônia é a minha inspiradora, do início ao fim do trabalho. E o olhar foi sempre orientado pela experiência etnográfica, embora não faça etnografia. Sei que os antropólogos cuidarão de descrever a região muito mais densamente do que eu. Faço da visada etnográfica um recurso metodológico e, a minha vantagem sobre os etnógrafos, é que faço parte do grupo social.

No início, quando interagia com os sujeitos na Quarta Colônia, não compreendia por que sempre me perguntavam sobre minha família. “De que família tu és?” Tinha certeza de que nós não éramos parentes, nem sequer conhecidos, mas a indagação estava sempre lá. E mais, mesmo sem saber por que, remetia somente à família Carlosso, nunca aos Machado. Ninguém se conhecia da mesma forma, mas eu era reconhecida como mais uma do grupo.

Esse foi o primeiro estranhamento que experimentei. Hoje entendo que não se trata de uma prática discriminatória, mas de uma identidade em estado nascente. E, assim, os pressupostos foram se configurando. Para pertencer ao lugar, mesmo de forma transitória, é necessário ter memórias. Lembranças, geralmente sem dono ou autoria, que circulam nas fundações discursivas.

As memórias por si só não bastam; são necessários dispositivos que incentivem a produção de mais memórias e, a exemplo do padre que ‘criou’ a expressão ‘quarta colônia’, outros agentes criativos que se engajam na produção simbólica do território. Falava-se com um, falava-se com outro, escreviam-se biografias de famílias, articulavam-se festas, mas as lembranças ainda eram insuficientes para manter o projeto identitário.

O meu segundo estranhamento foi diante do segundo pressuposto. Explico. Comecei a perceber um crescente número de programas de rádio em que o locutor falava propositalmente atrapalhado, com sotaque de *colono italiano* do tipo ‘caroça’, ‘io’, ‘grazie a Dio’, ma non é possível’, etc. A audiência crescia e os programas aumentavam, em quantidade e em duração. O fenômeno midiático explica-se porque a memória, da qual eu falava antes, havia encontrado um meio amplificador e não se restringia mais a uns poucos agentes discursivos. O rádio passava a ser a chave central na constituição das identidades da Quarta Colônia.

A primeira vez que estive como pesquisadora com um dos produtores de programas de rádio, fui surpreendida pela pergunta, que já me era comum - *de onde eu vinha*. Titubeei. Mesmo tendo colocado-me como *avaliadora do processo social*, sabia que necessitava continuar no grupo. E confirmei: “da família Carlosso.” E ele continuou: “de que região da Itália?” Eu não fazia a menor idéia de onde eram os meus bisavós. Havia escutado uma vez que a família de minha avó era do sul da Itália, mas nunca tinha se comprovado nada, não havia interesse e sequer documentos que confirmassem a história. Neste resquício de memória, assumi que era da Calábria. Para o meu espanto ele afirmou: “é, tu tens a pele bem morena mesmo, como os italianos do sul”.

A partir daquele fragmento de memória, construí o meu lugar italiano entre os agenciadores culturais. E, essa onda de construções, foi rapidamente tomando forma nas comunidades discursivas. Munidos do sentimento coletivo, os discursos fundadores encontraram espaços para agir e se refletir entre os sujeitos circulantes da Quarta Colônia.

Quando interagia com o território familiar, a fim de ampliar os meus pressupostos, sentia um desconforto que fez gritar o meu lado bugre. Adormecido por pelo menos vinte e cinco anos, o assumi, e passei a visualizar as negociações simbólicas da Quarta Colônia com a desconfiança de que tudo não passava de uma conspiração preconceituosa. Meus primeiros ensaios refletem esse lugar estrangeiro que foi construído. Passei a chamar os italianos da Quarta Colônia (até o meu marido!), de puros, porque eles nos denominavam (os brasileiros), de mestiços.

Quando parecia ter esgotado a capacidade de olhar para a região, e não ver apenas a discriminação e as identidades formadas a partir da diferença construída com o outro, passei pelo meu terceiro estranhamento. A família de minha mãe, “Carlosso”, resolveu aderir ao projeto identitário promovendo uma festa de família. Trata-se de uma prática comum atualmente; que reuni o máximo possível de sujeitos com o mesmo sobrenome para compartilhar lembranças e executar, performaticamente, as tradições inventadas. Na reunião dos Carlosso, soube que um parente distante havia feito a reconstituição genealógica da família. Motivado por interesses particulares, descobriu que o meu bisavô era gêmeo e, que somente os dois irmãos haviam chegado ao Brasil em torno de 1900.

Segundo ele, o sobrenome foi alterado quando desembarcaram no Brasil: de Luigi e Ângelo Carnelos, um passou a assinar Luigi Carlosso e, o outro, Ângelo Carnellosso.

A confusão só não foi maior porque, somado ao fato de que vinham do norte da Itália, Estado de Oderzo/Treviso; os imigrantes partiram de uma colônia de descendentes de gregos. A história que eu havia construído se modificou. Não procurei mais informações sobre o bisavô Carnelos; temi encontrar novos fatos que permitissem novas investidas performáticas. A família também não se interessou em levar adiante as investigações, eles já têm um bom pretexto para se encontrar: construir as suas próprias memórias e experimentar a mestiçagem acidental.

E, assim, cheguei a mais um pressuposto. Revigorada por saber que o processo identitário é muito mais sofisticado do que o reducionismo da mestiçagem, do hibridismo e da diferença. Passei a acreditar no desempenho performático das vontades e na constante mutação do meu eu. Aceitei a Quarta Colônia, e deixo transparecer em meu texto, todo o conflito que faz, não uma tese grande, tampouco uma grande tese, mas um estudo alternativo. Passo agora a detalhar os caminhos teóricos da estranheza.

Estudar as negociações identitárias nos discursos produzidos pelos programas de rádio em Santa Maria e na região da Quarta Colônia significa ultrapassar as fronteiras das inclusões e das exclusões culturais. Os mecanismos, atuantes no ambiente pesquisado, são tênues, sendo preciso ter cuidado para não corrompê-los. Participar da cena sócio-cultural exige a atenção e o afastamento do pesquisador. Entretanto, quando se é parte do cenário descrito, o potencial interventor adquire proporções bem maiores.

Corre-se o risco de expor pessoas muito próximas a realidade ambígua em que vivem e, na qual, se esforçam para modificar. Ao focalizar uma comunidade muito conhecida, é possível destruí-la na total ignorância. Como explica James Clifford (1998) em *A Experiência Etnográfica*, na descrição e na interpretação cultural em que estão envolvidos o observador e as narrativas culturais, a alegoria é um aspecto importante para ser anotado. “Ela rompe com o aspecto de continuidade da descrição cultural, acrescentando um aspecto temporal ao processo de leitura. Um nível de significados em um texto vai sempre gerar outros

níveis” (p.66). Portanto, tratando-se de um sujeito da própria comunidade que a avalia, a sua produção textual também fará parte das negociações simbólicas dessa comunidade. “A alegoria nos incita a dizer, a respeito de qualquer descrição cultural, não ‘isto representa, ou simboliza, aquilo’, mas sim ‘essa é uma história (que carrega uma moral) sobre aquilo” (Idem).

Tratando-se de discursos sociais é inevitável não passar pelas alegorias. Entretanto, deixar-se seduzir pelo mesmo dispositivo utilizado pelos sujeitos discursivos seria interromper um processo natural de transformações identitárias. Nas comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, as identidades são negociadas, isto é, passam por processos dialéticos que ampliam a temporalidade da narrativa. O entendimento dessas disposições históricas conduz o pesquisador *a falar com* e não *a falar de*.

Existe, nas comunidades de descendentes de imigrantes, um lugar desestabilizador e heterogêneo que polariza com a homogeneidade da narrativa. Este lugar não é individual, mas está internamente ativo na idéia construída de nação. Trata-se das contra-narrativas que perturbam as *comunidades imaginadas*. Conforme explica Bhabha (1998:211), esse movimento acontece porque

a unidade política da nação consiste em um deslocamento contínuo da ansiedade e do espaço moderno irremediavelmente plural (...) A diferença do espaço retorna da mesmice do tempo, convertendo Território em Tradição, convertendo o Povo em Um. O ponto liminar desse deslocamento ideológico é a transformação da fronteira espacial diferenciada, o ‘exterior’, no tempo ‘interior’ legitimador da tradição.

O risco dessa *escrita-dupla* acompanha todo o trajeto da pesquisa. A proposta metodológica do olhar etnográfico associado à análise discursiva afasta a possibilidade de cair no reducionismo histórico ou na avaliação conteudística. As práticas discursivas remetem às condições e aos contextos de produção sócio-culturais, os interdiscursos trazem as marcas do passado e do presente que constituem a idéia de nação e as ordens de discursos encadeiam temporalmente os textos, substituindo-os por outros no contexto cultural.

A Teoria Social do Discurso é, portanto, um dos lugares teóricos que examinarão as experiências sociais e culturais da Quarta Colônia. Proposta por

Norman Fairclough, a Teoria Social do Discurso parte da Escola Francesa de Análise de Discurso e inova quando avalia em profundidade a linguagem e as transformações sociais decorrentes de processos ideológicos. Assim, entendo discurso como “forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (Fairclough, 2001:91)

Compreendido assim, os discursos contribuem na construção das relações sociais (“convertendo o povo em um”), na mobilização do conhecimento e das crenças (“convertendo território em tradição”) e, finalmente, no eu social (“o tempo interior”).

As identidades sociais, articuladas pelos discursos, enfatizam os sujeitos como progressivamente interventores das produções textuais. O sujeito é definido, na Semiologia dos Discursos, como sujeito do enunciado, da enunciação e falado. Esses três lugares, conforme explica Pinto (1999:32), “nada mais são do que uma forma cômoda de se explicar os diferentes posicionamentos, posições, lugares ou mesmos discursos (...) que se tecem nos textos, apoiando-se ou opondo-se entre si”.

Os textos, portanto, posicionam os sujeitos como produtores e como receptores nas situações enunciadas, comprometendo duplamente o sujeito com o contexto construído. Os sujeitos descritos no estudo sobre a Quarta Colônia são “posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras” (Fairclough, 2001: 121).

A prática etnográfica, realizada para compor este estudo, considerou os sujeitos como circunscritos à pelo menos três lugares politicamente significativos. No campo midiático, as produções radiofônicas; no campo do saber, as entrevistas em profundidade; e, no campo social, as articulações familiares. O *corpus* para as análises foi selecionado em edições dos programas *Benedetta Itália* – Rádio Universidade/Santa Maria/RS; *Conheça a Quarta Colônia* – Radio Imembuí/Santa Maria/RS e, *Il Nostri Italiani* – Radio Guarathan/Santa Maria/RS. O programa *Nossa Tradição Italiana* – Rádio Medianeira/Santa Maria/RS, foi avaliado em 2001/2002, contribuindo para alguns questionamentos deste estudo. Entretanto, os três primeiros programas, apresentaram um potencial ideológico

mais atraente e responderam por grande parte das considerações aqui expostas. As análises das edições correspondem ao ano de 2002 e são confrontadas com as falas de duas famílias, representadas por três gerações. Aqui também, somam-se ao *corpus*, outros atores sociais que participaram da coleta de dados sem, efetivamente, estarem citados.

O estudo está apoiado em processos de diálogos em que os interlocutores negociam suas identidades culturais. Assim, dois personagens são centrais para o entendimento da construção cultural da Quarta Colônia. Falo do Padre Luizinho Sponchiado, pesquisador e incentivador da italianidade na região, fundador do Centro de Pesquisas Genealógicas e mentor do projeto político da *Quarta Colônia*. E de Silvino Santin, filósofo e professor de Filosofia da Linguagem e Antropologia. Autor de pelo menos dois livros tratando o tema da italianidade na Quarta Colônia e inúmeros artigos publicados na área.

Os dois agentes sócio-culturais, através de entrevistas formais e visitas informais, relatam a construção do presente na Quarta Colônia por meio de narrativas que exaltam o passado. Ao elaborar essa versão da realidade, com colaboração dos outros sujeitos discursivos, os pesquisadores apontam para o fenômeno da memória na constituição das identidades na Quarta Colônia.

Para compreender a produção das memórias na região em estudo, é necessário voltar à questão dos diálogos. Como dizia, toda a promoção discursiva e identitária da Quarta Colônia, está apoiada na troca e reflexão de informações. Esse fenômeno é conhecido na Semiologia dos Discursos Sociais como polifonia. Trata-se da multiplicidade de vozes presentes no universo discursivo e, no qual, o sujeito não tem controle total e, até mesmo, consciente. A polifonia, apresentada por Mikhail Bakhtin, está no processo constitutivo das memórias narradas na Quarta Colônia.

A memória possibilitará os engendramentos dos sentidos discursivos e a duplicidade da narrativa identitária. Segundo Halbwachs (1990:34),

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ele não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é

suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque eles passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Esse longo trecho citado da obra *A Memória Coletiva*, explica como as redes discursivas se formam e adquirem *status* de lembranças. As memórias podem iniciar seus trajetos no convívio familiar, ganhando a coletividade através dos agenciamentos nos programas de rádio ou, sair da individualidade radiofônica e ganhar a coletividade familiar.

A memória é o mecanismo central que aciona as negociações identitárias na Quarta Colônia. Ela passa pela construção social e cultural organizada no olhar etnográfico, pelo campo midiático através das práticas discursivas e pelos estudos culturais com a formação das identidades.

Os discursos sociais modificam as estruturas de poder nas comunidades modernas. Ao avaliar as formações discursivas na Quarta Colônia, se detectou que os fenômenos culturais são revistos sob a luz da metamorfose. Entendendo como metamorfose, o processo identitário que se desenvolve na região avaliada. A noção de metamorfose é compartilhada com Gilberto Velho (1999:29), que alerta para o cuidado do seu uso. Segundo ele,

os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsito entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como família, etnia, região, vizinhança, religião, etc. A tendência à fragmentação não anula totalmente certas âncoras fundamentais que podem ser acionadas em momentos estratégicos. Por outro lado, a fragmentação não deve ser entendida como um estraçalhamento literal do indivíduo psicológico. O trânsito entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente, graças à natureza simbólica da construção social da realidade.

A hipótese das identidades em metamorfose é sustentada pela perspectiva dos estudos culturais britânicos quando se explora as noções de território e poder, aplicados à dinâmica das cerimônias performáticas; e, dos estudos culturais latino-americanos, com as discussões de mestiçagem e de hibridismo.

O desdobramento da visão crítica no cenário da Quarta Colônia, será apresentado em três partes. Na primeira, tratar-se-á da subjetividade e da construção social que preparam o campo midiático. Nesse primeiro momento, é feita uma exploração histórica da região analisada, contrapondo com as tradições inventadas e com as memórias dominantes. Apresentam-se os discursos fundadores como os agenciadores no processo de identificação entre os descendentes de italianos e a cultura *estrangeira*.

Na segunda parte, é mostrado o potencial mediador do rádio na construção simbólica da Quarta Colônia. Através do campo midiático, os discursos fundadores conquistam as comunidades discursivas e passam a agir como discursos reflexivos. A reflexividade perpetua a experiência das gerações, através da valorização da tradição, encampada nas narrativas radiofônicas.

Na terceira e última parte, discute-se as identidades resultantes da organização espaço-temporal que, apontam, para identidades situacionais e ocupacionais transitórias, sujeitas às ações da mestiçagem, do hibridismo e das performances. O desdobramento desses três conceitos nos levará ao projeto das identidades em metamorfose.

**II - A SUBJETIVIDADE E
A CONSTRUÇÃO DO SOCIAL:
PREPARANDO O CAMPO MIDIÁTICO**

O caráter mutável da sociedade contemporânea tem implicado diversos estudos acerca da constituição dos sujeitos sociais, das experiências individuais e das identidades coletivas. Os meios de comunicação de massa são agentes destas mudanças em várias esferas: a televisão e as mediações simbólicas nas pesquisas de recepção, a imprensa e os efeitos de sentido na análise dos discursos, as novas tecnologias midiáticas com a cibercultura, a mídia e as pesquisas etnometodológicas, os estudos dos cenários identitários na mídia brasileira, os meios e a perspectiva do multiculturalismo e a abordagem dos estudos culturais na produção do discurso midiático.

Na diversidade das abordagens, questões básicas surgem quando se aproxima a mídia do campo social: como ocorre o vínculo entre os homens na sociedade do século XXI? O que assegura a coletividade? Como o indivíduo negocia suas experiências identitárias? O que o faz selecionar práticas culturais? Como ele exerce suas práticas culturais? O homem é um agente midiático ou a mídia agencia os sujeitos sociais?

Embora não seja o objeto de estudo desta tese, a questão da subjetividade passa por todas essas interrogações iniciais e acena com uma saída, que é a de descrever o sujeito histórico que habita na sociedade moderna e avaliar seus discursos e a mudança social decorrente das paradas passado e presente, tempo e espaço, memória e esquecimento, tradição e modernidade.

Para entender a complexidade envolvida na contemporânea experiência do indivíduo, sugiro um olhar etnográfico para a região central do Rio Grande do Sul. Não se trata de uma descrição etnográfica densa, mas de uma experiência antropológica que une o espaço de observação à morada concreta do pesquisador. Este duplo lugar etnográfico, além de focalizar as negociações culturais e identitárias da região, reflete sobre a expressão de James Clifford: “você está lá... porque eu estava lá” (1998:18). As ambivalências do processo de construção das identidades individuais e coletivas proliferam no cotidiano de sujeitos que organizam os significados circulantes na Quarta Colônia de Imigração Italiana. E eles só o fazem, porque a minha presença constatou a ação. Assim como eu, a pesquisadora, me fiz diante das ofertas dos textos circulantes, passei também a existir no cenário identitário e me refiz na transformação dos papéis actantes: um verdadeiro processo de metamorfose.

Boa parte do jogo cênico que descrevemos nessa olhada etnográfica com o esconde-mostra discursivo, encontra-se no aparato midiático, legítimo porta-voz da cultura e das tradições locais, e que emerge como um dispositivo de alterações sociais. A mídia é o instrumento socializador mais eficiente da modernidade. Através dela, as comunidades convivem com diferentes discursos e reconstróem outros tantos. É este o campo de negociações com que o pesquisador se depara e que transforma em interpretações e escritas. Assim, a narrativa circula entre os sujeitos, sejam eles enunciadores ou sujeitos dos enunciados, e fazem das experiências de vida exemplos biográficos.

A descrição histórica nos coloca diante de “biografias reflexivas” que ajudam a compreender o jogo entre os fatos e a história contada. A formação do sujeito moderno passa por uma bricolagem de discursos que permitem a maleabilidade identitária: “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim seu caráter”.¹

As rotinas sociais apagaram os traços do passado, e a sociedade contemporânea reinventou tradições diante de convenções políticas. Esquecer é tão necessário quanto lembrar e abandonar aspectos históricos da trajetória humana é tanto preciso quanto resgatá-los. Por isso a tradição é essencialmente importante nas sociedades modernas: não é o seu caráter perpetuador que mantém o poder político, mas ao fato de a elaboração consciente (ou não) das tradições se incorporarem ao exercício do poder: “É um mito pensar que as tradições são impenetráveis à mudança. As tradições evoluem com a passagem lenta do tempo, mas também podem ser transformadas ou alteradas de maneira bastante rápida. Se assim posso dizer, são inventadas e reinventadas”.²

Aliar a construção das tradições aos discursos sociais foi uma maneira encontrada para dizer que o sujeito não está sozinho e que ele é constituído na metamorfose cotidiana dos papéis desempenhados.

O sujeito social aqui analisado é um negociador no campo midiático. Os meios de comunicação disputam os sentidos da totalidade identitária na região de imigração italiana estudada. Primeiro, como incentivador da recuperação e da

¹ GIDDENS, 1991:45.

² GIDDENS, 2000:48.

preservação das histórias de vida, o rádio contribui para aflorar o desejo da italianidade. Descobrir-se italiano e divulgar suas biografias é o passo inicial para participar do contexto simbólico. Depois, delegar autoridade a agentes culturais e a guardiões da memória italiana faz do rádio instrumento significativo dos sentidos que circulam na região da Quarta Colônia. O fazer-se italiano depende do grau de interação com o meio de comunicação e, principalmente, da intimidade com o passado e da capacidade de transformá-lo em presente. Na estrutura social ofertada e no conjunto de regras instituídos, localizam-se os discursos de fundação, os autorizados e os reflexivos, que correspondem, respectivamente, às cartas dos imigrantes italianos, à re-produção dos seus conteúdos nos programas de rádio e à circulação dos textos entre os sujeitos da região.

Os discursos de fundação, localizados parcialmente nas cartas escritas por imigrantes italianos, revelam a natureza descontínua do processo histórico de produção de conhecimento. As cartas são documentos *vivos* da memória *quase* perdida e, quando reatualizadas, fragmentam-se em novos discursos e fundam novas memórias. As cartas escritas pelos imigrantes aos parentes na Itália, presume-se, não chegaram ao seu destino. Ao permanecerem na região, elas perderam o valor informativo e adquiriram valor histórico. O contexto sócio-cultural em que foram produzidas também se modificou, exigindo uma adaptação da leitura e um outro uso dos discursos. A reorganização discursiva acontece, principalmente, através das rupturas: destacam-se alguns elementos, esquecem-se de outros.

Os discursos autorizados são feitos do rompimento dos textos fundadores e, mesmo não sendo possível localizar os momentos de rupturas, é possível medir os efeitos sociais e as mudanças das posições discursivas. Na atualização dos textos em outros discursos, é possível verificar a circulação dos efeitos de sentido, principalmente quando, segundo Véron, “o processo de produção de um discurso ou de um tipo determinado de discurso tem sempre a forma de uma descrição de um conjunto de operações discursivas, que constituem as operações pelas quais as matérias significantes que compõem o texto analisado são investidas de sentido” (1987:18).

O sentido atualizado no discurso autorizado conserva a noção de unidade e de identidade social. A constituição do sujeito histórico (aquele que reorganiza a

noção de tempo/espaço) passa pela arbitrariedade do discurso: os textos de fundação necessitam da leitura que rompe e autoriza a existência dele. Seguindo com Véron, é necessário que “o discurso do sujeito seja o discurso do outro”.

A aproximação entre o sujeito discursivo e o sujeito social deve ser percebida pelo esforço que a comunidade “italiana” tem ao produzir biografias, mostrando, primeiramente, que as histórias se sobrepõem e tecem uma rede subjetiva e, porque não, política, em que o indivíduo luta para se inserir nas instituições da sociedade contemporânea.

A disputa política está localizada nos discursos e é neste lugar discursivo que os sujeitos se constituem e negociam seus sentidos. Esta primeira parte é um recorte histórico, político, lingüístico e biográfico de experiências também minhas e que foram realocadas num pequeno espaço e num breve tempo e que pretendem desequilibrar o campo conceitual que exige da sociedade uma “homogeneidade híbrida”.

II.1 O Olhar Etnográfico, a Memória e os Discursos

Apresento, neste capítulo, as histórias que povoam o imaginário do meu objeto de estudo e as histórias oficiais que se agregaram no processo de formação da região central do Rio Grande do Sul. A lenda da Índia Ymembuí explica metaforicamente a miscigenação das raças guarani e alemã que, desde 1826, contribuem para o crescimento populacional da cidade de Santa Maria. A lenda e a história se confundem e se atualizam nas memórias hoje narradas. O heroísmo, a fé e o labor são marcas fundamentais para a construção das tradições e da identidade cultural da região. São vestígios que se adaptam ao tempo e ao espaço de uso, mas que, inevitavelmente, perduram nas lembranças dos filhos de Santa Maria.

Com a intensificação da imigração européia, a história italiana encontra, também no Rio Grande do Sul, o espaço que necessitava para crescer. Gaúchos e italianos se confundem nas recordações e fundam um estado rico culturalmente, de tradições inventadas e à procura de uma identidade. Falo da Quarta Colônia, pequeno retrato 3x4 das negociações culturais da sociedade contemporânea. Falo da história de italianos que abandonam suas próprias histórias e inventam a do povo gaúcho. Conto um pouco de mim, filha de mãe descendente de italianos e de pai descendente de índios, e um pouco deles, os outros que refazem a cena simbólica da região. Na confusão dos relatos que me pertencem e dos quais, a partir de hoje, me aproprio, narro histórias ouvidas e vividas, minhas ou emprestadas, que resumem as identidades culturais na modernidade: fragmentos de eu, contados por mim e experimentados por muitos.

A história dos imigrantes italianos é narrada por cartas e é recontada por gente que acredita na memória, no passado e na identidade. De Ymembuí à Quarta Colônia, não é apenas o território geográfico que permanece; o território simbólico também continua sendo reconstruído. A história de Ymembuí é a de uma índia que habitou o território onde hoje está a cidade de Santa Maria, cenário também da imigração italiana. A índia protagonizou a experiência mais fantástica da modernidade: a troca identitária, o cruzamento cultural, as entradas e saídas do processo híbrido. Ao casar-se com um bandeirante português, Ymembuí inaugura o discurso mestiço e a prática performática: conta a história que ambos os cônjuges despem-se de seus papéis e tomam outros, sucessivamente.

A história de Rodrigues e Ymambuí é lembrada por alguns e contada por poucos. No anonimato, a primeira experiência mestiça virou lenda. Recortada, colada e reeditada, tentando reconstituir o que sobrou de muitos livros empoeirados que contam a história de Santa Maria e se lembram de Ymambuí. Cada qual segundo seus interesses; o meu, é para explicar as identidades na região e para despertar o sentimento fronteiriço entre as histórias contadas ontem e as reatualizadas hoje. A Quarta Colônia, sem a presença do rádio e a ação dos agentes autorizados, a exemplo de Ymambuí, corre o risco de também virar lenda. O texto que apresento a seguir é uma reconstituição de várias obras, muitas das quais não chegaram nem a ser publicadas; e de discursos que circulam com uma multiplicidade de vozes que Bakhtin se surpreenderia.

O lugar inicial: aspectos históricos de Santa Maria

a) Ymambuí, a experiência mestiça no Rio Grande do Sul

As terras do Rio Grande do Sul eram habitadas por grandes tribos de índios cavaleiros, entre os quais se destacavam os Guaranis, os Minuanos, os Charruas e os Tapes. Os índios guaranis foram submetidos à catequese jesuítica e os outros grupos lutavam bravamente pela sua liberdade, principalmente contra aventureiros que os atacavam para roubarem o gado e escravizarem os índios capturados. Conta a lenda que, no local onde hoje é a cidade de Santa Maria, região central do estado, habitavam duas tribos indígenas, os Tapes e os Minuanos, que viviam em perfeita harmonia, às margens do Rio Taimbé.

Certa tarde, a esposa do chefe dos Minuanos, Ibotiquintã, - *flor em botão*, foi banhar-se nas águas do rio e deu à luz a uma linda indiazinha, que recebeu o nome de Ymambuí, *filha das águas*. Anos se passaram e a menina tornou-se uma linda moça, com longos cabelos negros e olhar encantador. Tão encantador, que o sobrinho de Ibytyruçu, chefe dos Tapes, apaixonou-se pela bela índia. Ymambuí, conhecendo os sentimentos do rapaz e não os correspondendo, evitava possíveis encontros. O índio, entretanto, vigiando-lhe os passos, viu que Ymambuí entrava sozinha na floresta e a seguiu:

_ Ymambuí, tua formosura faz com que tu andes sempre diante de meus olhos... Se estou longe de ti, meu pensamento não está, porque teu sorriso, doce

como mel da mandaçaia, estou vendo em toda a parte. Quero ser teu esposo para dedicar a ti toda a vida. Posso esperar essa ventura?

_ Acangatú, eu só posso dar-te, como sinceramente te dou, um amor de irmã. Não tenho inclinação para o casamento.

_ Outro.... quem sabe? já prendeu o coração de Ymembuí, balbuciou, tristemente, o jovem.

_ Não, nenhum homem ainda despertou-me o amor... Vivo tão feliz, tão contente em casa de meus pais, que não penso em casar... Parece que nunca ei de ter esposo, meu irmão!

_ Há muito que Acangatú queria pedir a Ymembuí para aceitar em ser sua esposa. Mas o tempo passava e ele não tinha coragem, porque um pressentimento lhe avisava que Ymembuí não o queria como esposo... Agora só resta a Acangatú desaparecer, buscar outro sítio para esquecer o amor. Só o tempo com a ausência curam as feridas do coração.

_ Não, meu irmão, não debes deixar os teus, não debes deixar este lugar para viver em outras tabas, onde não terás o carinho que tens de todos que te estimam pelo teu valor. Não vás, Ymembuí ficará muito triste se partires...

_ Mas junto de Ymembuí, sem ser seu esposo, o meu amor não poderá morrer, e o meu sofrimento será cada dia maior.... Não, é forçoso que eu vá beber o esquecimento longe de Ymembuí. E o jovem Acangatú embrenhou-se na floresta e logo desapareceu, deixando a índia chorando silenciosamente.

As duas tribos amigas cuidavam-se mutuamente contra possíveis ataques dos brancos. Numa manhã, os índios avistaram um numeroso grupo de bandeirantes que regressavam da colônia Sacramento. Hábeis em seus cavalos, os Tapes e os Minuanos encurralaram os brancos, travando um combate que deixou vários bandeirantes mortos e dois presos. Um, de nome Rodrigues, foi condenado à morte; o outro, a avisar seus companheiros de que não voltassem àquelas terras, sob promessa de serem massacrados pelas patas dos cavalos.

O português condenado à morte era um rapaz de trinta anos, robusto e de uma coragem serena que impressionou os indígenas. Foi deixado amarrado

próximo a uma ramada para que todos pudessem vê-lo. Ymembuí também foi contemplar o prisioneiro e, vendo-o, exclamou: Angaturã (que belo!).

O amor nasceu no coração da virgem índia que, ao chegar em casa, implorou ao pai que não matasse o jovem, com a ameaça de que, se o fizesse, ela morreria também. A condição do cacique era que o branco se integrasse à aldeia e aceitasse o novo nome, Morotin. E assim aconteceu. Morotin e Ymembuí se casaram e tiveram um filho, batizado em rito católico e chamado José.

Aos dezoito anos, José saiu para caçar e não mais voltou. Julgaram-no morto, comido pelas feras. Entretanto, José não morreria, havia se perdido por entre as matas e vagado sem rumo por três dias. O jovem, depois de tanto andar, deparou-se com um rio e uma pequena cabana à sua margem. Encontrou um homem que, ao vê-lo, perguntou: _ Que fazes por aqui; quem és?

_ Sou um caçador desastrado. Perseguindo um animal que ferí, perdi-me no sertão e faz três dias que vagueio, sem esperança de voltar à casa de meus pais.

_ Mas quem és? Onde estão teus pais?

_ Eu sou **mestiço**, meu pai é branco e minha mãe é minuana, filha do chefe Yapacany.

Comovido, o homem que era Acangatú, abraçou José, dizendo: _ “O tempo e a ausência curam as feridas do coração. Eu te levarei para entregar-te a Ymembuí.”

E os dois retornaram para o lugar onde hoje é a cidade de Santa Maria, ou como chamavam seus primeiros habitantes, Ybitory-Ratani, terra da alegria, berço do povo amante da paz e do belo, do bem querer, da afeição, do sacrifício e da renúncia.

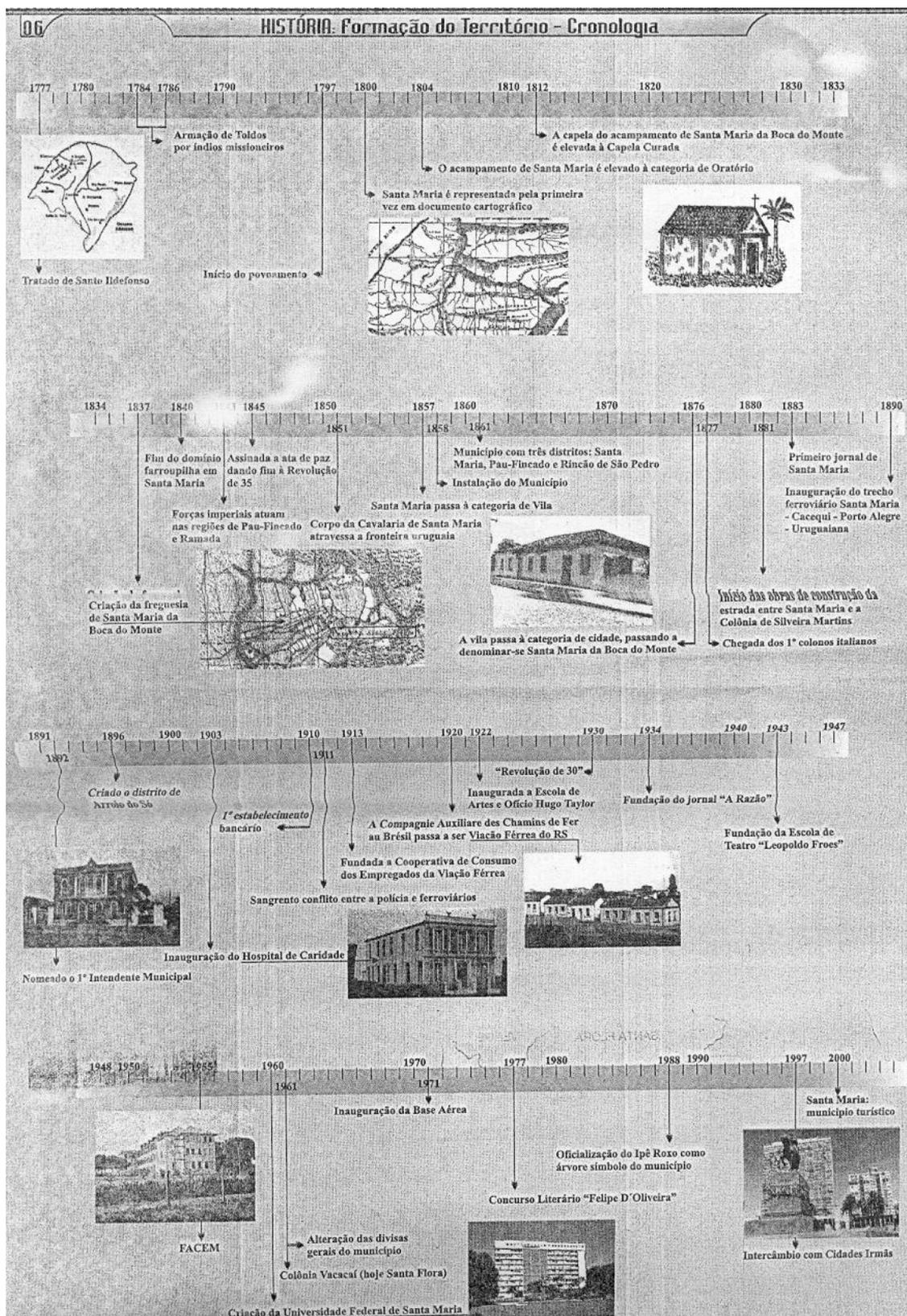


Fig.1 – Mapa cronológico da formação de Santa Maria

Atlas Municipal, Lia Margot Dornelles Viero/Encarte do Jornal Diário de Santa Maria – Fascículo 2

b) A história oficial de Santa Maria

Conta-se que, durante o século XVII, em meio a pequenas povoações que se encontravam anexadas aos Bandeirantes, surgiu a cidade de Santa Maria. A cidade não teve uma fundação oficial, assinalada em documentos ou marcos de pedra. Os antecedentes históricos remetem à presença de tribos indígenas que perambulavam pela região, depois ao período missioneiro e aos trabalhos de demarcação de fronteiras entre Portugal e Espanha. Em 1634, havia, no local, uma redução missioneira com o nome de São Cosme e São Damião que, devido aos saques promovidos pelos bandeirantes, foi abandonada. O lugar ficava na divisa entre as linhas demarcatórias de terras portuguesas e espanholas: em São Martinho, ficavam os espanhóis e, no Passo dos Ferreiras, os portugueses. Em 1787, José de Saldanha, engenheiro e astrônomo da Comissão Demarcadora de Limites, acampou, pela primeira vez, no local, batizando-o de Rincão de Santa Maria. A partir de 1789, o território do atual município foi distribuído em sesmarias.

O marco inicial para o surgimento da cidade pode ser considerado a Rua do Acampamento. Conhecido como Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte, o lugar era utilizado pela 2ª Subdivisão da Comissão Demarcadora, sob a proteção da guarda portuguesa de São Pedro do Passo dos Ferreiras. Em julho de 1801, Manoel dos Santos Pedroso Filho, conhecido como Maneco Pedroso, tomou de assalto a Guarda Espanhola de São Martinho. No entanto, a conquista das Missões para Portugal aconteceu no mês de agosto, por José Borges do Canto Gabriel de Almeida e outros peões. Após este acontecimento, a 2ª Divisão deixou o Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte, seguindo para o território conquistado e deixando, no local, vários ranchos que foram ocupados por empregados civis dispensados e pessoas da vizinhança que o transformaram em povoação. De 1801 a 1803, Santa Maria recebeu cerca de cinquenta famílias guaranis que vinham das Missões Orientais e construíram seus ranchos num local conhecido como "a aldeia". Os índios eram todos catequizados e professavam a fé católica, aceitando os costumes do povo local. Na "aldeia", os guaranis tinham a presença de um chefe, o que não garantiu a extinção dos índios e de suas tradições por meio do "cruzamento" de raças, como pode ser comprovado pelos livros de registro de batismo. Segundo BELÉM (1933:90),

A mestiçagem, porém, era em maior proporção o que atestam os repetidos registros de batismo de filhos naturais de índias, os quais, desde 1804, são encontrados, mais de um em cada página, nos livros respectivos existente no arquivo da Diocese de Santa Maria. Seria ingenuidade supor que esses incógnitos, pais de filhos naturais das mães indígenas, fossem da mesma raça das genitoras. Não o eram. Entre eles nada havia que impedisse o casamento de que resultaria filho legítimo. Os pais incógnitos deviam ser jovens solteiros, filhos de casais brancos que existiam na povoação. Deste modo, pouco a pouco, o índio foi desaparecendo no caldeamento da raça nova, existindo, em 1857, na antiga Aldeia, apenas seus descendentes, todos nascidos em Santa Maria, diferentes de seus antepassados, na linguagem, nos hábitos e até na cor, pois eram menos escuros que aqueles. Na época em que Santa Maria foi elevada à categoria de vila, o tipo mais representativo da raça que se extinguiu era, na Aldeia, a Tia Chica. (...) existia uma capelinha a que o povo chamava 'Igrejinha dos Índios'. Dela era proprietária a 'Capelôa', como diziam, a Tia Chica. (...) A preocupação maior de Tia Chica era a Igreja de que guardava a chave com zelo ávaro. Todos os anos, por ocasião da Semana Santa, na 'Igrejinha dos Índios' comemorava-se solenemente a Paixão de Cristo, sendo incansável a religiosa mulher em ornamentar o templo, colocando na parede, acima do altar, uma tela branca, de linho tecido em Missões sobre o qual estava pintada, grosseiramente, a imagem de Cristo. (...) Tia Chica teve uma filha única, Maria Leonarda do Espírito Santo que casou com Rodolfo Schwartz, alemão, de profissão ferreiro.

Em 1821, pôde ser constatado o crescimento do local segundo August de Saint-Hilaire, em visita à cidade, observando a existência de, aproximadamente, 30 moradias e um intenso comércio.

O primeiro recenseamento do distrito foi elaborado em 1826 e demonstrou a existência de 304 prédios e, aproximadamente, 2000 habitantes. A contratação de mercenários alemães para lutarem na guerra contra os castelhanos modificou a rotina da cidade, já que alguns deles se estabeleceram no local e atraíram em outros alemães oriundos das colônias de São Leopoldo. Este fator deu início à evolução germânica no município.

Pelo ano de 1828 esteve acantonado na povoação o 28º Batalhão de Alemães, sendo o primeiro contato que teve o povo santamariense com o povo germânico. (...) Em 1831, tendo sido dissolvidas as tropas alemães que estavam a serviço do Brasil, poucos foram os que regressaram ao país natal. (...) os germânicos, dominando privilegiadamente, o comércio e as pequenas indústrias durante um decênio, uns entrelaçando entre si as famílias pelo casamento, outros consorciando-se com filhas do lugar, estreitando o laço de solidariedade humana que a todos prendia, cresceram e absorveram a pequena

população nativa, conseguindo natural predomínio no meio em que agiram com denodada coragem, quando o triunfo era incerto.³

Santa Maria sofreu represálias e retrações durante a Revolução Farroupilha, ocasionando êxodo populacional, diminuição do comércio, insegurança e instabilidade na população. Cessadas as lutas farroupilhas, a cidade retorna à normalidade. Em 17 de maio de 1858, foi oficialmente instalado o município de Santa Maria da Boca do Monte.

Além dos alemães e dos guaranis que iniciaram a povoação e a constituição de Santa Maria junto com os portugueses e espanhóis, em 1903, instalaram-se 80 famílias judias ao norte do município, na Colônia Phelipson. Lá se iniciou o cultivo de trigo e fumo, com sucessivos fracassos, devido a pragas que atacavam as lavouras. Os judeus abandonaram a colônia e iniciaram pequenas iniciativas comerciais na cidade de Santa Maria.

Foi no 4º Distrito do município que se iniciou a colonização italiana. Em 1877, chegavam os primeiros imigrantes que ocuparam Silveira Martins, sede do distrito.

Lá se cultua, verdadeiramente, a Deus. Em todo o distrito manifesta-se o mesmo sentimento religioso; nenhum pequeno núcleo deixa de ter a sua capela, algumas das quais em magestoso estilo, como a da Pompéia, em forma octagonal, na Linha 4. Independente da religião, o espírito de sociabilidade, assás desenvolvido entre os moradores do 4º distrito, congrega-os em sociedades patrióticas, recreativas, artísticas e beneficentes, em as quais são discutidos os assuntos particulares de cada uma, sem ser esquecido o interesse geral da coletividade para o que trabalham todos em harmonia. É essa a mentalidade da população italiana de Silveira Martins.⁴

Os italianos, assim como os alemães, constituíram bases sólidas na cidade. Entretanto, os alemães miscigenaram-se rapidamente e não formaram núcleos coloniais. Os italianos, por sua vez, mantiveram sua *presença* italiana na cidade, destacando-se pela preservação de sua cultura e *identidade*:

³ Idem, pp. 92-94

⁴ Ibidem, p.169.

a colônia italiana de Santa Maria é verdadeiramente importantíssima, contando com trinta mil imigrantes italianos, os quais são, na sua maior parte, agricultores e são assentados na colônia de Silveira Martins. Os demais são comerciantes, industriais e artesãos. As condições econômicas de toda coletividade são ótimas: existem muitas riquezas importantes, muitíssimas mais modestas e, no conjunto, todas em feliz estado de prosperidade. O espírito de nacionalidade na colônia é muito desenvolvido. Existem duas associações italianas importantes: a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Santa Maria, que possui uma belíssima sede própria de valor que excede 200.000 mil liras e é presidida distintamente pelo Dr. Nicola Turi, auxiliado pelo bravo vice-presidente Eng. Aldo Bonardi. E a sociedade Italiana 'Duca degli Abruzzi', que além de também possuir uma bela sede, encontra-se em florescentes condições econômicas, de modo que pôde subscrever ao empréstimo italiano de 30.000 liras. Ambas associações são ótimos centros de italianidade, não deixando passar alguma data histórica nossa, sem promover belas manifestações patrióticas.⁵

A colônia italiana de Santa Maria prosperou economicamente e expandiu suas fronteiras. Os imigrantes italianos escoavam sua produção no centro comercial da cidade, onde, muitas vezes, eles próprios mantinham casas de comércio. Dessa forma, a colônia, com sede em Silveira Martins, desenvolveu-se muito mais rapidamente do que as outras colônias italianas localizadas no estado do Rio Grande do Sul. Os italianos que chegaram em Santa Maria encontraram uma sociedade em franco desenvolvimento econômico e social.

O difícil acesso à sede da colônia favoreceu a preservação territorial. A expansão da cidade de Santa Maria não chegou a ocupar a localidade; ao contrário, muitos habitantes da região abandonaram suas casas na colônia e se instalaram na zona *urbana* do município. O que se observa é que houve uma preservação da *identidade territorial* e que hoje se tenta recuperar sob a forma de *identidade cultural*⁶.

Decorridos esses anos, Santa Maria é, hoje, uma das principais cidades do Rio Grande do Sul, destacando-se como centro comercial, estudantil, militar e de prestação de serviços.

Santa Maria, com a formosura de sua paisagem, povoada de recantos aprazíveis e encantadores, com as suas colinas suaves e verdejantes, e com a salubridade de seu clima, não poderia fugir da influência dos caminhos, sestas, pousos e acampamentos de índios, portugueses, espanhóis (alemães e italianos) e brasileiros, no processo de sua

⁵ CUSANO, 1997:189

⁶ A questão da identidade territorial e cultural serão amplamente discutidas na quarta parte desta tese.

formação. Distante, embora, do seu convívio amigo, em tantos anos de separação, meu coração a abraça e a sente no doce enlevo do passado.⁷

O espaço construído: a Quarta Colônia de imigração italiana

A história da Quarta Colônia inicia bem antes da chegada dos primeiros italianos em terras brasileiras. O Brasil do século XIX era povoado por brancos, índios e negros, havendo uma ampla participação destes últimos que se integravam à nação principalmente através da miscigenação. Os intelectuais brasileiros da época, representados pelo evolucionista Silvio Romero, com as obras *O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro*, de 1881, e *História da Literatura Brasileira*, de 1888, e pelo ufanista Afonso Celso que escreveu *Porque me Ufano de Meu País*, já mostram a preocupação com a 'identidade nacional' e com a idéia de nação brasileira. A mestiçagem aparece como o novo predicado do caráter nacional. Os aspectos econômicos e sociais determinam a política nacionalista no final do século XIX e no início do século XX. O fim da escravidão, a ocupação do território pelos imigrantes europeus e as hierarquias raciais predominam no debate científico.

A raça e o tipo nacional passam a ser discutidas também sob contornos negativos. A teoria do branqueamento e dos mestiços “superiores” considerava que, dentro de três gerações, a população brasileira adquiriria fenótipo branco⁸. Para dar conta da demanda de brancos, foram incentivados os processos migratórios, que, além de braços para o trabalho no campo, contribuiriam para o branqueamento da população brasileira. Para Silvio Romero, a promoção da imigração européia era a única saída para evitar a degeneração da nova raça:

Manda a verdade, porém, afirmar que uma almejada unidade, só é possível pelo mestiçamento, só se realizará em futuro mais ou menos remoto; pois será mister que se dêem poucos cruzamentos dos dois povos inferiores entre si, produzindo-se assim a natural diminuição destes, e se dêem, ao contrário, em escala cada vez maior com indivíduos da raça branca... E, mais ainda, manda a verdade afirmar ser

⁷ AMARAL, 1997:281

⁸ Segundo Giralda Seyert (1996:46) esta tese foi apresentada por J.B. de Lacerda no Congresso Universal das Raças, realiado em Londres em 1911. O estudo pregava que “a concepção de seleção natural e social inspirada no darwinismo social presumia que os mestiços mais bem dotados (classificados como superiores) procurariam cônjuges de pele mais clara: para os ‘mestiços inferiores’ e as ‘raças inferiores’ (índios e negros) foi vaticinado o desaparecimento progressivo no contexto de uma civilização em progresso”.

o mestiçamento uma das causas de certa instabilidade moral na população, pela desarmonia das índoles e das aspirações no povo, que traz a dificuldade de formação de um ideal nacional comum.(1949:294,296)

A imprensa gaúcha tratava de divulgar os ideais nacionalistas em meados a década de 60, colaborando com a formação identitária europeia no Rio Grande do sul. Em artigo publicado no jornal de maior circulação da época acreditava-se que "a produção de seres híbridos - o pior de cada uma das raças - leva à crença de que o Brasil não terá lugar entre as nações civilizadas do mundo".⁹ Além da tese do mestiço superior e do 'caldeamento' das raças, a política imigracionista representada pelas ações diplomáticas do Itamaraty e pelos deputados Cincinato Braga (SP) e Andrade Bezerra (PE), restringia a entrada de imigrantes asiáticos e africanos, ou ainda, negros norte-americanos que desejassem se fixar no Brasil. As ações políticas que controlavam a entrada de negros e amarelos seguiram nas décadas seguintes, com o apoio de outros parlamentares, como Fidélis Reis e Oliveira Viana. Este último, defensor da teoria do branqueamento, expõe sua posição sobre o perigo que representava a entrada dos afro-americanos, da seguinte maneira:

... estes, que nos ameaçam vir da América, se acham modelados por uma civilização superior, falando uma língua própria e tendo um sentimento de altivez e agressividade, natural ao meio em que vivem e que não possuíam os africanos que para cá vieram, em outros tempos da costa da África. Esses, pela inferioridade de sua civilização, fundiram-se com os brancos superiores; quem nos dirá que farão os mesmo os negros americanos? Mas se se conservarem 'infusíveis', neste caso teremos mais um perigo político a nos ensombrar os destinos. Se se fundirem, neste caso teremos aumentado a massa informe de mestiçagem inferior que tanto retarda o nosso progresso.¹⁰(Câmara dos Deputados, 1923).

Estima-se que 40 milhões de europeus atravessaram o Atlântico para o Novo Mundo. O imigrante desejado era o agricultor que aceitasse viver nas colônias e ocupasse pequenas propriedades no Sul do país e as fazendas de café do Oeste Paulista. Os italianos que se fixaram em São Paulo tiveram uma situação diferenciada dos do Rio Grande do Sul. Em São Paulo, os imigrantes eram assalariados, e os que não estavam nas lavouras, servindo aos barões,

⁹ OLIVEIRA, 2001:10.

¹⁰ SOUZA RAMOS, 1996: pp. 59-82.

realizavam serviços menos qualificados. A urbanização não impediu que os italianos que residiam em São Paulo conservassem sua italianidade. Entretanto, aos poucos, este traço antes comum aos bairros do Brás, Bexiga, Bom Retiro, Barra Funda e Belenzinho, difundiu-se pela cidade e constitui, hoje, um aspecto da cultura paulistana.

Os italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul fixaram-se em núcleos coloniais. Os imigrantes que escolheram o extremo Sul do país pararam antes no Porto do Rio de Janeiro e, depois, seguiram para Rio Grande, Pelotas ou Porto Alegre, dependendo da colônia a serem fixados. Daí os italianos foram conduzidos para as colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel, Caxias, Alfredo Chaves e Silveira Martins. Os imigrantes que ocuparam essas regiões deveriam iniciar a prática da pequena propriedade agrícola, a exemplo do modelo norte-americano que fazia sucesso na época. Entretanto, a política imigratória brasileira onerava a vinda e dificultava a distribuição dos lotes de terras para os imigrantes italianos, colaborando com a formação de redutos econômicos, sociais e culturais eminentemente italianos.

A colonização italiana na região central do estado gaúcho iniciou em outubro de 1877, com a chegada de 100 famílias no Barracão de Val de Buia, onde permaneceriam por alguns meses, aguardando a demarcação e a distribuição de lotes. A colônia abrangia as terras onde estavam localizados os municípios de Santa Maria e Cachoeira do Sul. No início de 1878, já eram 1.600 pessoas acampadas no Barracão e suas cercanias. As condições precárias na instalação desses imigrantes ocasionaram um grande número de mortes, tornando ainda mais dolorosa a trajetória do italiano no Brasil.



Fig.2 – Ruínas da primeira casa construída por imigrantes chegados na região por volta de 1880 – São Valentim/ São João do Polêsine/RS



Fig.3 – Fachada Lateral da primeira casa de uma família de imigrantes italianos – São Valentim/ São João do Polêsine/RS

As causas que levaram à emigração estão associadas ao fim da sociedade camponesa européia, notadamente na Itália. A fuga dos campos em direção ao Brasil decorria do desemprego, das precárias condições de vida e da fome que sacrificava as populações rurais diante do estado liberal unitário italiano. Os projetos de colonização e a publicidade empregada pelos países sul-americanos e seus agentes de imigração favoreceram o processo imigratório. Outro fator decisivo para a partida do miserável povo italiano foram as intervenções dos párocos e sacerdotes católicos:

a sentença definitiva, entretanto, e a última palavra estava reservada, sobre o assunto, ao Sr. 'piovan', a Dom 'sante' a quem eles queriam muito (...) obedecendo ao piovan, puseram à venda todos os bens que não podiam levar consigo, por qualquer preço. Mas à vista e até o dia da partida. E duma hora pra outra bateu a febre emigratória nos demais. Os que tinham dito que não iam, no dia seguinte diziam que iam.¹¹

A presença da igreja católica sempre foi decisiva desde o momento da partida, até as acomodações dos imigrantes em solo brasileiro. Na região da colônia de Silveira Martins, muitas foram as aventuras para o estabelecimento de padres no local e também muitos filhos do lugar se dedicaram à vocação religiosa e sacerdotal.

Auxiliados e reconfortados pelas bênção divinas, os italianos abandonam a Itália em massa. Conforme dados do IBGE, entre 1881 e 1939, entraram no Brasil 4,225,638 imigrantes, dos quais, 1,438,099 italianos, ou seja, 34% destinados, principalmente, para os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. O período de maior entrada de italianos no país é entre 1884 e 1893, em decorrência das condições favoráveis para tal. No Rio Grande do Sul, de acordo com os dados do Anuário Estatístico, o período de maior entrada de italianos é entre 1887 e 1891. Do total de imigrantes que chegaram a este estado (154,682), entre 1882 e 1914, em torno de 43% são italianos (66,901). As zonas do Vêneto, Veneza, Piemonte, Campânia e Lombardia foram as que abasteceram grande parte da mão-de-obra que emigrou para o Brasil.

¹¹ BUSANELLO, 1999: pp. 12-13.

Durante a travessia marítima, muitos imigrantes morreram em decorrência da péssima qualidade da alimentação, das doenças e da super-aglomeração nos navios. Os mortos eram envoltos em lençóis e lançados ao mar, gerando um provérbio bastante repetido na travessia: "**chi non sà per chi pregare, preghi per quelli che son in mare!**".

O imperador Dom Pedro II manifestou a intenção de povoar a região de Silveira Martins por volta de 1870. A demarcação das terras devolutas inicia com desentendimentos entre o império e os vereadores santa-marienses. A região foi ocupada, primeiramente, por famílias de russos-alemães. Enquanto aguardavam a distribuição dos lotes, muitos alemães foram dizimados por doenças infecto-contagiosas. Confinados em um barracão medindo 40m de comprimento por 6m de largura, 400 pessoas sofreram todo tipo de intempérie, provocando um grande êxodo, inclusive retornando à Alemanha. Ainda hoje é possível encontrar resquícios da presença alemã na colônia italiana. No cemitério de Arroio Grande, há lápides que indicam que ali os estrangeiros enterraram seus mortos.

Quando os alemães batiam em retirada, encontravam os italianos que vinham ocupar a mesma região e sofrer também todos os tipos de agruras. Os italianos avançaram na mata e aguardaram em barracões a distribuição dos lotes de terras. A colônia de Silveira Martins, desde a sua fundação, esteve jurisdicionada diretamente ao Ministério da Agricultura e, até 1886, permaneceu sob proteção do governo imperial.



Fig.4 – Monumento em homenagem aos italianos mortos. Val de Buia/Silveira Martins/RS

As doenças atacavam um grande número de italianos. Uma família de 34 pessoas, em poucos dias, viu 16 dos seus vitimarem dos males que abatiam a população imigrante. Após receberem os lotes, as famílias se instalavam com o mínimo possível. Miseráveis moradias davam abrigo a colonos que se dedicavam ao cultivo da terra. Em 1892, cinco anos após a chegada dos primeiros italianos, foi inaugurada a estrada geral que ligava Santa Maria à Colônia, iniciando um intenso trânsito comercial e o conseqüente crescimento de Silveira Martins. Entretanto, alguns historiadores e incentivadores da “Quarta Colônia” colocam que

Santa Maria, já elevada à condição de município, não manifestou nenhum entusiasmo, nem mesmo interesse, com a chegada dos imigrantes. Comportamento que marcou toda história das relações entre os poderes públicos de Santa Maria e a Colônia. (...) A visão política, herdada das oligarquias agropastoris e latifundiárias, dominante nos homens públicos santa-marienses dificultou elaborar projetos que apoiassem a pequena propriedade e a agricultura familiar dos imigrantes.¹²

Outro historiador, Pe. Pio José Busanello, destaca que os italianos que chegaram em 1884 encontraram muitos imigrantes abastados:

a forma rústica das casas abrigavam uma abundância escandalosa. Trigo, mandioca, feijão, manteiga, ovos, lingüiça, salame, leite, verduras e tudo o que é cereal; depois galinha, porco, vaca, ovelha, cabra, sem falar nas frutas e no vinho, nas caças de toda as espécies e de todo o tamanho. Falar em carestia de vida, aqui? É um insulto! Vagabundagem, isso sim! Até o vadio não passa fome.¹³

Com o firme propósito de que só se faz a América com trabalho, os imigrantes da Colônia da região de Santa Maria se empenharam e transformaram o núcleo no mais desenvolvido entre as regiões de italianos no Sul do país. Conta-se que, em 1884, a colônia Caxias, com 12.540 habitantes, teve a mesma produção de vinho (dois milhões e novecentos mil litros) que a colônia Silveira Martins, com 6.000 habitantes. O Agente Consular da Itália em Santa Maria, Cavaleiro Umberto Ancarani, em monografia em que relatava as origens da

¹² FILHO, A P. *Silvino Santin: a quarta colônia e seus 125 anos (I)*, Jornal A Razão, 04/06/02. Santa Maria/RS

¹³ BUSANELLO, 1999:38.

colônia Silveira Martins, afirma que alguns colonos italianos iniciaram a exportação de gêneros para Santa Maria, principalmente cereais. Os produtos eram transportados em carretas para a cidade, favorecendo a instalação de italianos em Santa Maria. Em 1886, imigrantes italianos se estabeleceram no comércio santa-mariense, como boticários, mascastes, industriais, construtores e no ramo de hotéis e restaurantes. Muitos italianos também se empregaram na viação férrea, que, na época, tinha em Santa Maria o seu foco de desenvolvimento¹⁴. Devido a sua importância no contexto estadual e nacional, a cidade de Santa Maria abrigou, desde 1907, uma escola italiana e teve fixado em 1912 uma 'real agência consular' por ordem do governo italiano.

Este é o trabalho coletivo de 35 anos de vida de uma laboriosa colônia, que toma parte nas festas do 1º Centenário de Santa Maria; pelo que se deve considerar com admiração a titânica luta de toda esta gente itálica, que trabalhou para o desenvolvimento agrícola daqueles núcleos e que concorreu para o progresso deste Município. Este grandioso trabalho, que representa uma verdadeira prova da intrínseca capacidade da raça latina, transportada de além para o novo país, apesar de abandonar a si mesma, á própria iniciativa, entre matos e capoeiras, longe de qualquer consórcio humano, esta raça latina soube subjugar as forças da natureza, mostrando ao mundo inteiro quanto era justa a sentença do benemérito brasileiro Escragnolle Taunay: 'a mais alta demonstração de patriotismo é trabalhar a favor da imigração européia'.¹⁵

A proximidade geográfica com Santa Maria favoreceu a colônia de Silveira Martins. É possível perceber, hoje, a participação italiana no município. O esquecimento da colônia não aconteceu por parte da cidade, mas pelo abandono de seus moradores que, pouco a pouco, substituíram a vida simples de imigrante pela de prósperos negociantes em Santa Maria. O golpe final para o esfacelamento econômico, social e cultural da colônia foi sua divisão territorial e a emancipação do regime imperial.

¹⁴ “Vigoroso impulso deu ao Município a Estrada de Ferro que ligou á capital da Província. Após a inauguração da via-férrea a cidade viu seu comércio extender-se por toda a zona urbana, tornando-se além disso, um obrigatório entreposto das praças comerciais da fronteira e da região serrana com a de Porto Alegre. (...) Decorrente da atividade comercial desenvolvida e, ainda mais, do fato de ser ali o ponto terminal da via-férrea, surgiu a indústria de hotéis com perspectiva de lucros compensadores. (...) Também u m teatro estava em construção, quase concluído, e a imprensa achava-se representada por quatro jornais: O combatente, O Popular, A província e O Porvir. Os dois primeiros eram folhas republicanas; A Província, órgão do partido liberal; e O Porvir, periódico Literário”. In BELEM, J. *História do Município de Santa Maria: 1797-1933*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1933. p142.

¹⁵ ANCARANI, Cav. Umberto. Monografia sobre a origem da ex-colônia de Silveira Martins: 1877 – 1914. in SANTIN, S. *Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural*. Porto Alegre, EST, 1990. p87

A colônia de Silveira Martins foi extinta em 19 de agosto de 1882 e suas terras incorporadas aos municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul. A sede da ex-colônia, Silveira Martins, passou a ser o 5º distrito de Santa Maria. Como os italianos imigrados não cessavam de chegar em solo gaúcho, outros núcleos foram abertos na proximidade da ex-colônia, sendo ocupadas, rapidamente, as terras ainda devolutas do centro do estado do Rio Grande do Sul.

A emancipação municipal passaria a ser perseguida pelas lideranças políticas locais como sendo fator primordial para o desenvolvimento econômico da ex-colônia e de seus núcleos. Comissões em prol da municipalização dirigiram-se à capital do Estado e pleitearam o novo município. Diante das negativas, as forças políticas enfraqueceram e a ex-colônia começou a se dissolver. O pesquisador Antônio Isaia diagnosticou que, no início de 1900,

os colonos continuavam a plantar suas lavouras de batatinha, milho, trigo, fumo e cultivar a videira e outras frutas. Alguns partiram para outros pontos do Rio Grande, sendo que a cidade de Santa Maria da Boca do Monte passou a abrigar um número cada vez maior de silveirenses. Eles queriam viver no ambiente citadino, dedicando-se ao comércio de produtos coloniais. Começou assim a extraordinária influência italiana na vida econômica de Santa Maria, até então comandada pelos alemães e seus descendentes. A guerra do Paraguai, que recrutou grande número de jovens de sangue alemão em nossa cidade para lutar nos campos guaranis, serviu para enfraquecer a hegemonia germânica no comércio santa-mariense. Os italianos passaram a substituí-los com mais intensidade a partir da última década do século passado. Após a primeira guerra mundial (1914-1918) os egressos da ex-colônia Silveira Martins tomaram a si as rédeas da vida comercial e artesanal da cidade, embora sofressem certa concorrência dos imigrantes da extinta colônia judaica de Filipson pelo comércio de Santa Maria, Porto Alegre e em outras cidades do estado. (...) Não há dúvida que a pujança econômica de Santa Maria, na atualidade, deve muito ao processo reemigratório dos italianos e seus descendentes que trocaram o altiplano de Silveira Martins pelas atividades urbanas comerciais e industriais.¹⁶

Aos poucos, a região da ex-colônia foi sendo esquecida pelos primeiros habitantes e descendentes, perdendo sua importância política, econômica e

¹⁶ ISAIA, A. Os sonhos de emancipação e suas frustrações na história de Silveira Martins (conclusão). *Jornal A Razão*, 21 de maio de 1987. in SANTIN, S. *Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural*. Porto Alegre, EST, 1990. p46.

cultural. Em meados de 1950, o padre Luizinho Sponchiado iniciava um movimento com o objetivo de reunir novamente o território da ex-colônia e a sua emancipação política. Em janeiro de 1959, Faxinal do Soturno, um dos núcleos, ganhou a emancipação, seguido de Dona Francisca, Nova Palma, Silveira Martins, São João do Polêsine, Ivorá e Pinhal Grande. Os projetos se reorganizaram, e a nova geografia política do local trouxe mobilidade viária, com estradas acessíveis e diálogo entre as administrações municipais em torno de projetos comuns¹⁷.

O projeto que predomina na região é a construção simbólica da Quarta Colônia de Imigração Italiana e as principais ações compreendem a delimitação territorial, o desempenho econômico e a recuperação da italianidade da região. A propósito do espaço geográfico, a Quarta Colônia não inclui, hoje, núcleos que fizeram parte do território colonial em 1880, como, por exemplo, Jaguary. Tampouco contempla a cidade de Santa Maria, localidade para onde se dirigiam os imigrantes chegados da Itália.

A explicação para essas exclusões é, numa primeira hipótese, o fato de a Quarta Colônia de Imigração Italiana ser uma proposta política que liga partidos de centro-direita, dominantes nos recentes municípios emancipados da região, enquanto que a cidade de Santa Maria tem, historicamente, a presença partidária centro-esquerda (atualmente o município é administrado pelo Partido dos Trabalhadores, de esquerda).

A participação da igreja na reconstrução simbólica da Quarta Colônia tem antecedentes que datam do período da fundação da localidade. Em Vale Vêneto, hoje distrito de São João do Polêsine, a população viveu sob a proteção da igreja e recebeu o título de 'Centro Espiritual da Colônia'. Os imigrantes italianos que ocuparam seus lotes de terra, por volta de 1878, sacrificavam-se para construir

¹⁷ O idealizador do projeto de reunir novamente o território da ex-colônia, explica o fracasso de mais esse passo na vida dos imigrantes italianos: "seria muito difícil manter a unidade de toda a área, mas mesmo assim seria melhor, pois apresentaria o desenvolvimento de vários núcleos, que por não se associarem, continuam sendo sugados por municípios distantes e parasitas. De fato, anos e decênios tiveram de esperar alguns núcleos para chegarem a autonomia. (...) É claro que um fato novo como a emancipação traria turbulências para comunidades pacatas e conservadoras. Alguém comentou que temiam se tornar cidade porque junto viriam as prostitutas! A mais, por envolver interesses políticos e financeiros (outros temiam que aumentassem os impostos e a fiscalização), era de se esperar as resistências e oposições. Mas, o leitor, ao final poderá concluir que o maior obstáculo para a concretização do primeiro plano não foi a 'política dominante', mas sim o campanalismo, ou seja, a inveja e concorrência entre os núcleos. SPONCHIADO, B. 1996: p175-176.

uma rudimentar capela na localidade, chegando a negociar com políticos italianos a vinda de sacerdotes para Vale Vêneto. Depois de padecerem sem o auxílio espiritual, os italianos receberam, em 1886, a ordem dos Pallottinos que construíram no Vale um seminário e, em 1892, foram *abençoados* com a chegada das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que inaugurariam o Colégio Nossa Senhora de Lourdes¹⁸.



Fig.5 – Seminário Pallottino – Vale Vêneto/ São João do Polêsine/RS

A sede e os núcleos da ex-colônia imperial ergueram seus templos e aumentaram seu fervor religioso em território brasileiro. Ao mesmo tempo em que o Catolicismo se enraizava definitivamente na Quarta Colônia, a presença maçônica também crescia clandestinamente. A região também deu à Igreja vários sacerdotes. As famílias se orgulhavam de ter filhos vocacionados para a vida

¹⁸ Na monografia do agente consular italiano em Santa Maria, cav. Umberto Ancarani, se encontra uma passagem de Frederico Schwinn relatando a freguesia de Silveira Martins: No relatório do Inspetor Manoel Maria de Carvalho, sobre sua fiscalização das colônias do Rio Grande do Sul, apresentado ao Império em 31 de março de 1885, ele aponta algumas medidas para prover os núcleos coloniais de padres e igrejas. Nestes termos: quem conhece, sobretudo por observação própria, as colônias do Império sabe perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos. Por esse motivo os chefes das comissões encarregadas de estabelece-los aproveitem-se dele, como auxiliar indispensável, para conseguir que os imigrantes recém-chegados povoem os núcleos novos, dediquem-se ao trabalho agrícola com perseverança, obedeçam às suas determinações e não abandonem os lotes. É fácil, portanto, compreender-se a imensa vantagem que provém para o Estado da presença nos novos núcleos de tão prestimoso auxiliar”. Citado IN: SPONCHIADO, B. 1996. p.77.

religiosa. Ainda hoje, a localidade é formadora de padres, mostrando que a influência da paróquia é determinante e atuante no prosseguimento do projeto “Quarta Colônia”.

O episódio abaixo relatado, aconteceu comigo enquanto avaliava o objeto de estudo e mostra a importância da igreja e do sentimento da religiosidade no jogo identitário. Minha participação agora é como pesquisadora; entretanto, relato-a como sujeito da cena social:

Durante os meses de inverno, a região Sul do Brasil tem dias de frio rigoroso, chegando a temperaturas negativas. Mas também há dias ensolarados, que proporcionam temperaturas agradáveis, girando na casa dos 10 graus. Era um dia assim. Saímos, três gerações de uma mesma família, em busca de um passado próximo, mas escondido nas serras e montanhas da Quarta região de Imigração Italiana. A procura era por parentes ou amigos da família que pudessem, de alguma forma, comprovar que o sobrenome, hoje escrito com "s", na verdade iniciava com "c". Comumente acontecia de os cartórios trocarem letras e "aportuguesar" os sobrenomes dos imigrantes italianos e de seus filhos brasileiros. Antes, pouco importava a forma escrita, hoje, é garantia de uma identidade.

Pelas estradas de terra batida, avançávamos rumo ao passado. Casas rústicas que abrigam as marcas do tempo, isoladas em meio ao verde da mata, escondiam pessoas que, assustadas com o barulho do carro, corriam para as portas e janelas desconfiadas com a intromissão do futuro. A eletricidade é um desses futuros que chegou há pouco. Trouxe algum conforto, mas levou muitos a deixarem a situação de pequenos agricultores e rumarem para aquilo que eles chamaram de progresso e que 'só existe nas cidades'.

Seguimos pela estrada, orientados por outras famílias da região; segundo eles, encontraríamos ali aqueles que procurávamos. Passando por uma porteira e por um mata-burro¹⁹, saímos da estrada e percorremos alguns metros de trilhas deixadas por outros carros em meio à vegetação densa da região. De um elevado, avistamos uma casa e um homem envolvido em seus afazeres com as calças arremangadas, os pés descalços e sujos de barro. Alimentava as galinhas que estavam soltas no pátio. Quando nos viu, largou a bacia com milho e com as mãos sobre os olhos impediu que o sol o atrapalhasse de melhor

¹⁹ Tipo de ponte rústica que substitui o uso da porteira e é construída com troncos de árvores colocados lado a lado.

enxergar os estranhos que se aproximavam. Desconfiado, aguardou que nos aproximássemos. O mais velho de nós estendeu a mão e o cumprimentou, entusiasmado com a possibilidade de estar tocando num parente. Mas o possível 'primo' mantinha ares de reserva. Quando dissemos quem éramos e o que procurávamos, sua atitude mudou completamente. Chamando a mãe, convidou-nos para entrar na casa e nos ofereceu alguma coisa para beber. Rapidamente nos tornamos 'velhos' conhecidos.

O que buscávamos não encontramos. Mas a procura revelou um cenário outro, atualizado nas narrativas do passado. Enquanto perguntávamos de nossa família, mãe e filho abriam suas lembranças, memórias, tradições de um passado revelado em fotografias amareladas, documentos e certidões apagadas pelo tempo e histórias de uma gente com coragem, fé e força de vontade.

Percebi que a nossa presença intrusa tinha realizado o que aquela família mais esperava em seu cotidiano monótono: eles revelavam quem eram (ou quem pensavam ser). Para aquele momento é que ficaram guardadas as histórias, as músicas, as fotos. Poucas horas depois partimos, levando os acenos entusiasmados até onde a poeira deixava avistar.

Em cada casa que chegávamos, a reação era a mesma; pouco sabiam de nós, muito diziam de si. Até que, quase desistindo, descobrimos que os primeiros dos nossos, quando chegaram da Itália para cumprir uma promessa à Virgem Maria, haviam construído um capitel. Tratava-se de uma prática comum entre os imigrantes. Depois da viagem desgastante nos vapores, encontravam as barreiras naturais das terras brasileiras. Diante do frio, das chuvas e da fome, apelavam para a fé e, em agradecimento às graças alcançadas, erguiam pequenos templos que, na sua simplicidade, guardavam o nome e a história das famílias que ali se instalavam.

Lá estava o nosso capitel. Não sabíamos ao certo se era o nosso, mas, mesmo assim, rezamos e relembramos e recontamos as nossas histórias. Havíamos nos encontrado.

Histórias e Memórias

A memória narrada é o dispositivo central na construção identitária de uma comunidade. É importante observar que, como no caso contado acima, os sujeitos atuam mediante instituições que autorizam suas falas: a família que saiu em busca do seu passado foi motivada por uma força social que ganhou respaldo nas várias histórias que ouviu durante aquele dia e continua ouvindo até hoje. Esta força, que se conserva, é a Igreja Católica. Só é possível o reconhecimento da história dos narradores a partir do momento em que se encontra o altar erguido em honra a Nossa Senhora, conforme as lembranças permitiam associar.

Com a unificação do território italiano em 1870, um país foi construído, mas não seus cidadãos. Os emigrantes que abandonaram a península não deixaram uma nação, mas se desligaram de uma localidade, de uma pequena província comandada pela presença do clero. Os italianos papais que chegaram à colônia imperial de Silveira Martins não reconstruíram uma Itália política, porque eles não a conheceram, mas ergueram suas obras a partir de uma Itália religiosa.

A religiosidade é um ponto importante a ser discutido quando se pensa na identidade da Quarta Colônia. Na biografia da família Busanello, uma das primeiras a habitar a região central do estado do Rio Grande do Sul, assim conta um de seus descendentes sobre a influência da igreja na difícil decisão de emigrar:

com respeito a nossa gente, muito influente era o 'piovan' dum povoado chamado Vilanova, distrito de Istrana, Município de Mota di Livenza, Província de Treviso, a noroeste de Veneza, e que se chamava 'dom' Sante. Apesar de bastante idoso era um sacerdote jovial e disposto. Gostava muito de jogar 'bocias' com os paroquianos da mesma idade. Este zeloso ministro de Deus lançara mais de uma vez a idéia da emigração em massa. Constantemente aconselhava a determinadas famílias de sua grei no sentido de que abandonassem o país; e as suas palavras carinhosas, de bom pastor que amava as ovelhas, influenciaram eficazmente para que de fato muitas, mais tarde, deixassem a Itália e viessem para a América. (...) Obedecendo ao 'piovan', puseram à venda todos os bens que não podiam levar consigo, por qualquer preço.(...) Assistiram missa com mais devoção que nas outras vezes, recitaram o santo Rosário e cantaram as Ladainhas de Nossa Senhora. Ela havia de levá-los são e salvos através dos mares, de todas as epidemias, das garras dos animais ferozes, das flechas dos índios selvagens. Porque, diga-se de passagem, eles tinham um pouco de medo também de tudo. Terminada a cerimônia, juntaram-se todos na

frente da igreja...(…) Do alto das carretas, as mulheres ainda enxergavam os telhados do povoado que, desgraçadamente, aos poucos iam perdendo os contornos. Depois também aqueles desapareceram como devorados pela planície, e ficou a torre campeando solitária, como um náufrago prestes a imergir, clamando por socorro. (...) _ Istrana, Istrana, adio!... – e largaram-se em lastimoso pranto, que comoveu a sensibilidade do velho Mateus, o qual, para disfarçar os ímpetos do coração sensível, e para incutir ânimo, se mostrava o herói da turma. Virando-se para trás e voltando a caminhar, teve a feliz idéia de começar a cantar. Entoou a melodia das Ladainhas que tinham cantado na igreja e o efeito foi salutar. - A devoção sempre foi o bálsamo e a fé sempre foi a força da humanidade sofredora.²⁰

O autor dessa história é filho de imigrantes italianos, nascido no Brasil, em 1904, no núcleo de Nova Treviso. Ordenado sacerdote em 1929, Padre Pio José recebeu o nome em homenagem ao Pontífice, Pio X, Papa de Reisi, Província de Treviso, lugar de onde muitos fugiram por conselho da Igreja. O relator não viveu o que conta; suas lembranças são memórias narradas pelos mais velhos e emolduradas no cenário das conquistas da família Busanello. O traço heróico e a resistência na fé foram evidenciados, como em todas as histórias contadas pelos descendentes de imigrantes. Glórias e louvores numa trajetória marcada pelo medo, pelo abandono, pela fome e pela ignorância foram reescritas para lembrar a toda colônia o que deve ser recordado e o que deve ser esquecido.

O pai de Pe. Busanello era comerciante no pequeno povoado de Nova Treviso e, como todos que praticavam essa profissão, incentivava a religiosidade e as funções sacerdotais. A construção de uma pequena capela ou de uma grande igreja significava o crescimento do local. Junto com os terços e as missas, vinham os jogos de bocha, as compras na bodeguinha, os encontros de família. Por isso, o domingo era um dia santo e as festas todas realizadas ao redor da Igreja.

²⁰ BUSANELLO, 1999. p. 9 - 12, 15 e 17



Fig.6 – Capitel

A religião foi uma característica trazida pelos imigrantes europeus. Entretanto, o italiano e seus descendentes acreditavam que apenas a igreja e a sua fé os salvariam do ‘abandono em meio à mata’. A luta constante na construção de pequenas capelas e na busca de sacerdotes ultrapassa os cuidados com a educação e com a construção de escolas. Ao contrário dos imigrantes alemães, a sociedade italiana não cultuava os professores e o saber. Bastava-lhes a assistência espiritual para trabalharem nas lavouras e erguerem suas rústicas residências.



Fig.7 – Vista interna do capitel.

Na placa: “Promessa do casal Raimundo Alessio. Construído a 19.3.1936. Abençoado a 7.10.1936. Restaurado pelo grupo do Centenário a 16.10.1983. Pe. Luizinho”.

Isolados, os moradores da ex-colônia conservaram seu dialeto e mantiveram sua unidade religiosa. Na falta de sacerdotes, nomeavam ‘padres

leigos', indivíduos que sabiam ler um pouco e recitavam ladainhas e cantos. Geralmente eram líderes que encampavam a construção da igreja e a coordenação da comunidade, respondendo também pelos acordos comerciais da localidade. Os padres leigos são importantes figuras no imaginário social da Quarta Colônia, porque, além de perpetuarem a religiosidade entre as famílias descendentes, contribuíram com o esforço da imitação, prática comum na região hoje. Além da catequese exercida pelo padre leigo, a comunidade tratava de propagar os sacramentos no interior das famílias. Cabia a mãe educar o filho para a vida religiosa e "a oração em família garantia a fixação na memória e, diria, a bossa na consciência da própria pessoa. A devoção era algo que se herdava com o nome. Podia não receber uma herança material por causa da pobreza econômica, mas todo filho e filha recebia, desde a infância, a herança espiritual da fé e das devoções familiares".²¹

Com o empenho das lideranças comunitárias, foram enviados padres para a região. Para a Quarta Colônia, a presença dos Pallottinos foi determinante. Primeiro, porque confere à região o título de primeiro lugar na América a ter um Seminário Pallottino e segundo, por revelar que até mesmo na religião a ex-colônia não se mantinha unida como pregam muitos 'historiadores'. Vieram para a região freis capuchinhos de ordem francesa e que se identificaram com a vida rural dos colonos e logo se empenharam em formar sacerdotes da própria colônia. Ao contrário dos freis, os padres pallottinos vinham de uma experiência urbana e não aceitavam a incorporação dos locais em sua sociedade. A região também foi habitada por carbonários e maçons, formando os grupos contrários à presença dominante da Igreja Católica na Quarta Colônia. Entre várias desavenças contadas, as mais trágicas datam da chegada dos dois primeiros padres à região e que morreram misteriosamente. Mas estas são lembranças para serem esquecidas!

A memória e as pregações do Padre Luizinho Sponchiado, principal portavoz da Quarta Colônia, garante ao morador da região hoje que a religião foi o fundamento e o que deu segurança aos primeiros e que agora não é permitido desanimar. Em nossas conversas ele relata algumas histórias aqui transcritas.

²¹ ZAGONEL, 1975:58

Eu cheguei em 1956 e comandi mais ou menos tudo. Comandi! O povo acompanhou. Se o padre queria, e eu tenho sempre esta idéia, o padre tanto quanto é necessário, deve atuar no tripé matéria, cultura e alma. O tripezinho que segura o banquinho, e eu cuido disso. A mim me interessou tanto a agricultura, criar uma cooperativa, como criar as escolas, como criar os municípios, como criar o hospital.

O atual município de Nova Palma teve, na liderança do Pe. Luizinho, forças para se emancipar e, hoje, apresenta uma sólida cooperativa agrícola, escolas para todas as crianças do município, atendendo às peculiaridades da região, um hospital construído em mutirão e que hoje atende aos doentes com a ajuda das Irmãs do Apostolado Católico. Todas as provocações idealizadas pelo Padre, ao longo de suas pregações, foram atendidas pelo povo fiel e conduzidas para o beneficiamento das famílias que permaneceram em Nova Palma²².

A atuação da igreja católica é verificável na atuação de padres que como o Padre Luizinho, vinculam a situação do imigrante, do descendente e da situação atual nas liturgias diárias.

Há na liturgia uma identificação muito profunda entre a ação ritual e o trabalho do agricultor. O sacrifício central da liturgia dá-se em torno da eucaristia, ou seja, em torno do pão e do vinho, dois componentes altamente significativos para o imigrante que vive no cultivo da terra.

Assim como a liturgia dominical assegura a unidade na prática cultural da Quarta Colônia, o culto aos mortos também é uma manifestação presente entre moradores de hoje. Preservar os mortos significa manter viva a memória da tradição italiana e cultivar um campo social reconhecível e familiar.

O reconhecimento da igreja como ponto unificador das práticas sociais e culturais da comunidade da quarta colônia também é um discurso construído ao longo das disputas simbólicas na região. O italiano que chegou ao Brasil tinha, na

²² No *folder* comemorativo dos 43 anos de emancipação do município de Nova Palma, o seguinte texto ilustra bem a afinidade entre o discurso do sacerdote, a atuação política e o reconhecimento do população: “Uma obra se constrói com matéria. Um filho se constrói com amor e educação. Uma família se constrói com oração e perseverança. Um município se constrói com fé, participação e trabalho de seu povo. (ABW) Parabéns nova-palmenses!”

fé católica, o inebriante para as dores do corpo e para as aflições da alma, mas a igreja como instituição dominante foi agente de disseminação da cultura italiana e esfacelamento da identidade cultural da comunidade da ex-colônia Silveira Martins.

Os conflitos existiam principalmente entre a hierarquia da igreja e as diferentes ordens religiosas que chegaram à quarta colônia. Essas mesmas ordens que hoje pregam a unidade na fé através dos sermões dominicais, mas principalmente nas ondas do rádio, com programas preparados para difundir a doutrina e a cultura de uma instituição que luta com os poderes públicos por territórios simbólicos. As desavenças entre as ordens palottinas, franciscanas, diocesanas, shantastiana entre outras resultou uma herança de conflitos nas comunidades. O que começou com disputas pelo santo padroeiro, pelo lugar onde seria construída a capela, por qual padre seria o pároco, continua hoje com o que se pode ou não preservar da italianidade.

Para Silvino Santin, uma das vozes autorizadas da quarta colônia, os padres pallottinos contribuíram para o esvaziamento cultural e habitacional da região:

quando os alemães foram pro planalto gaúcho, no município de Augusto Pestana, eles iam direto nas paróquias. O padre Burmann, que também era personagem importante aqui na quarta colônia, levou dezenas, centenas de famílias daqui pra lá. Inclusive ele dava os lotes melhores para os amigos dele, tem uma carta que ele diz isso... O município de Palotina no Paraná, Palotina que vem de "pallottinos", os padres pallottinos ganhavam áreas de terras para cada novo imigrante que levavam daqui pra lá (...) Então eles ajudaram a esvaziar a quarta colônia. Eu ia dizer isso no meu livro, mas o lancei no centenário da imigração e da chegada deles e eu escondi algumas coisas, mas me arrependi.

A igreja atua na região com um poder superior ao executivo e ao legislativo. Tudo passa pela presença católica, até mesmo aqueles que não concordam com a fé cristã se subjugarão à influência da Igreja. Os conflitos aventados por poucos na região da quarta colônia sugerem a presença de

maçons que chegariam a cometer crimes contra padres da paróquia, embora nada possa ser comprovado. A verdade observável é que mesmo os membros da maçonaria mantêm sua prática em segredo e comungam com a presença da igreja católica na região.

A cultura e a história da quarta colônia são mantidas pela igreja. A transformação em “Quarta Colônia” é obra dos padres pallottinos e diocesanos que disputam o título de mantenedores da identidade local. A principal ferramenta na disseminação da “unidade italiana está na fé católica” são as festas religiosas e sociais.

A festa era uma dupla necessidade para o imigrante italiano. Primeiro, por sua índole acentuadamente lúdica de latino; e segundo, pela necessidade de evasão. O trabalho árduo do amanhã da terra, o silêncio misterioso da floresta entrecortado apenas por ruídos silvestres, causavam-lhe uma apreensão a uma necessidade natural de cantar e de se encontrar e perceber que não estava sozinho. A festa dá consciência de solidariedade social e permite ao homem libertar-se da situação premente do momento. É uma suspensão do tempo e um prenúncio da felicidade que todos desejam no mais íntimo de si mesmos.²³

Apoiados no discurso saudosista, da Itália abandonada, mas jamais esquecida, os padres ‘leigos’ e os ‘autorizados’ recuperam o espírito festivo dos primeiros italianos e promovem as comemorações em honra aos santos padroeiros ou por ocasião de uma data religiosa. As cerimônias litúrgicas se sucedem como no princípio: missas e procissões, bênçãos e adorações, mas a festa social se modificou. Boa parte dos que freqüentam as festas religiosas hoje vão em busca do ‘turismo religioso gastronômico’. As rezas ficam para poucos; os cantos já não entoam mais as saudades da Itália, e a vida social do colono não está mais limitada pelo culto religioso.

As festas religiosas funcionam como um dispositivo de ligação entre a tradição histórica e a tradição inventada pelos promotores da cultura italiana em Santa Maria. Os sacerdotes são personagens integradores na personalidade e na identidade social do morador da quarta colônia. Para os descendentes de italianos, a religiosidade é colocada como uma herança de sangue, da qual eles não podem se desvincular.

²³ ZAGONEL, 1975: 62

Comemorando os 125 anos da chegada dos imigrantes italianos, a comunidade de Silveira Martins decretou, na Linha Quarta, o Santuário de Nossa Senhora da Saúde, Padroeira da Quarta Colônia. No dia 17 de novembro de 2002, centenas de fiéis enfrentaram a poeira e o sol escaldante da primavera para acompanhar a festa da padroeira, que recebe neste dia um santuário. É sabido que a religiosidade é um traço fundamental na região e que a igreja é uma das articuladoras na permanência da 'italianidade'. O dia 17 iniciou com duas missas, uma procissão e um almoço típico, encerrando com a bênção da saúde. Durante a homilia da primeira missa, o padre pregava que o presente é um momento do passado e enfatizava para **“não renegarmos a fé que recebemos do passado”**, para **“não fecharmos os ouvidos aos apelos e aos projetos da igreja”**, para **“as pessoas ouvirem e aderirem aos apelos dos pastores”** e que todos deveriam ser **“vitoriosos como nossos antepassados”**. Estes são fragmentos de um discurso que se repete nas falas diárias de descendentes de imigrantes que conservam, sem perceber, o poder da igreja a sua sujeição ao passado de fé, de trabalho árduo e de obediência às autoridades eclesiais.



Fig.8 – Festa de Nossa Senhora da Saúde – Linha Quarta/ Silveira Martins/ RS
Celebração Eucarística



Fig.9 - Festa de Nossa Senhora da Saúde – Linha Quarta/ Silveira Martins/ RS
Romaria

Após a celebração eucarística, todos se acomodaram para o almoço. Há aqueles que preferem degustar o churrasco na sombra das árvores e muitos que procuram o salão paroquial, onde é servido o “típico almoço italiano”. Durante o almoço fala-se de tudo: da colheita, das chuvas, da história e da igreja. Dois companheiros de mesa se empolgam a falar de um padre, conhecido por ambos, tachado de ‘milagreiro’. Entre várias façanhas relatadas pelos descendentes, uma chama atenção: o mais velho conta um episódio que ele ‘nunca esqueceu’. O pai plantava em Faxinal do Soturno e ele, com onze ou doze anos, recebeu ordem do pai para pegar o cavalo e ir imediatamente buscar o Padre Artur. Acontecia que as lagartas estavam destruindo a lavoura da família e era preciso dar uma bênção para afastar a praga. Obediente, o menino pegou o cavalo e rumou em busca do padre. Chegando na igreja, falou que o pai o mandara para que o padre fosse abençoar as lagartas que dizimavam as plantações. Respondeu o Padre Artur: “São muitos os pedidos que estão me chegando com o problema das lagartas. Eu não vou dar uma bênção, vou amaldiçoá-las”. E assim o fez. Em pouco tempo, não tinha mais nenhuma lagarta nas lavouras, e os pés de salso que beiravam o rio estavam infestados com a praga, conforme tinha prometido que faria o padre vidente. O menino, hoje velho, nunca mais esqueceu o acontecimento. “É como um fardo que não se pode largar”. Conta-nos, ainda, que toda herança histórica e cultural da sua italianidade lhe pesa. Quem lhe dera não tivesse nascido italiano, mas brasileiro. Surpresa, pergunto-lhe por que? “Porque o brasileiro”, ele responde, “trabalha, mas toma o seu chimarrão, conta os causos, se diverte mais,

vive mais. E o italiano só trabalha, trabalha e reza, reza”. Como a praga que atacou a lavoura, para esse *italiano*, só um milagre o salva do destino traçado pelos padres que se esforçam em manter a identidade italiana baseada na crença, no trabalho e na obediência sacerdotal.

Como as homilias dominicais mantiveram durante algum tempo a homogeneidade do pensamento conflituoso da igreja e doutrinário do povo, os meios de comunicação aparecem, na comemoração do centenário de imigração italiana, como o ‘padre milagreiro’ para perpetuar a tradição italiana da quarta colônia. O rádio assume o lugar do púlpito, e os padres, os microfones nos estúdios. A doutrina católica segue disseminando seu poder de preservação da fé, e os moradores da região acreditando que são como os primeiros, e que tudo deve ser mantido como manda a Igreja.

II.2 A Memória, os Discursos Autorizados e o Espaço do Abandono

Olhar para os aspectos da imigração brasileira exige um retorno no tempo. Cento e vinte e cinco anos passaram desde a chegada dos primeiros italianos na região central do Rio Grande do Sul, mas o imaginário do país é povoado de lembranças que datam de tempos remotos, de indivíduos que abandonaram o que não possuíam e buscaram suas histórias em solo tupiniquim. A reconstrução da trajetória do imigrante, o desbravamento das novas terras e a vitória sobre o estranhamento são recontadas sob a luz da memória de portugueses, africanos, espanhóis, italianos, alemães, judeus, árabes e tantos **outros** que se fizeram **nós**.

O deslocamento do tempo na sociedade moderna tem como suporte a memória e a narrativa. A sociedade organiza a duração do tempo, conforme os acontecimentos permanecem na memória dos indivíduos. A memória torna durável os acontecimentos na medida em que seus efeitos são compartilhados por grupos e não por sujeitos isolados. Só é possível recordar fatos mediante a coletividade, e este conjunto compartilhará as repercussões que marcaram os acontecimentos. Por isso que a memória e o acontecimento, como representações comuns, afetam o tempo e o espaço.

No período de sua formação comunitária, a Quarta Colônia teve seus sujeitos oriundos de sociedades complexas, que negociavam suas experiências em relação aos meios de produção (como proprietários, como colonos, como assalariados, como produtores rurais) e que se estabelecem no território brasileiro em terras devolutas, demarcando as fronteiras geográficas no Brasil. A continuidade temporal e territorial exige dessa comunidade a formação ocupacional dos sujeitos. São advogados, engenheiros, médicos, professores, que a colônia entrega à sociedade no processo natural de negociação simbólica entre o social e o individual. Atualmente, a experiência na Quarta Colônia é de confrontar a formação social primeira com as inquietações da identidade étnica e da crença religiosa. Os enfrentamentos culturais decorrentes da angústia social *versus* individual se refletem nas narrativas dos moradores que ainda procuram o elo entre a sua história e a história social.

Recordar um momento é possível quando se está inserido em um grupo que autoriza as lembranças. Quando se está num segundo ou num terceiro grupo,

deve-se respeitar o tempo e o espaço que estes grupos permitem lembrar. Sabendo disso, os descendentes de imigrantes italianos contam suas histórias e testemunham suas experiências dia-a-dia, em diferentes espaços.

Os depoimentos são as *sementes de rememoração*. Ao relembrar cenas vividas ou imaginadas, aciona-se o instrumento sinalizador que é a linguagem. Na narrativa, os imigrantes e seus descendentes relêem o passado, articulam relações com o presente e projetam o futuro. A narrativa dispõe de convenções verbais que são facilmente identificadas nas regras sociais compartilhadas pela Quarta Colônia. Portanto, através da narrativa, do ato de contar as lembranças, os campos político, social e cultural da comunidade se convertem em cenas do passado, que garantem um presente futuro.

Os primeiros imigrantes, quando chegaram à colônia Silveira Martins, despiram-se de toda miséria herdada da mãe Itália e adotaram o pai Brasil como aquele que tudo acolhe e prove. A política em prol da imigração no Brasil não os auxiliou na mesma proporção que os italianos esperavam e, órfãos, os imigrantes viram-se diante de outra situação inesperada. Regressar não poderiam. Renegaram a pátria italiana porque ela não se constituía em nação nem na língua, nem na economia, tampouco na identidade. Abandonaram até o que lhes era mais caro: o nome. Muitos italianos que chegaram à colônia Silveira Martins modificaram seus nomes; como, por exemplo, os Giovanni, que passaram a assinar João, e os sobrenomes perderam letras, ganharam prefixos, modificaram sílabas.

O Brasil também não ofereceu a nação que os italianos imigrantes esperavam encontrar. Da terra tiraram o sustento para o corpo, mas a alma continuava perdida e sem identificação.

Um século se passou, e os descendentes da quarta geração de imigrantes continuam desorientados. A política identitária brasileira ainda não aconteceu, e é comum encontrar casos como o de uma bisneta de italianos imigrantes, por volta de 35 anos, que ainda não sabe se é brasileira ou italiana e revela sua dúvida, sem pudores: **"desde a minha infância me questiono. Não me considero brasileira, nunca participei da cultura brasileira. Me acho muito mais italiana, mas também sei que não sou italiana"**.

Contardo Calligaris, psicanalista italiano que imigrou para o Brasil em 1989, portanto cem anos depois que seus compatriotas abandonaram em massa o velho continente para se aventurarem na terra prometida, encontrou um povo que não reconhece a nação brasileira como sua e que rejeita sua condição de cidadão e de colono:

talvez os colonos brasileiros não possam voltar porque justamente o Brasil não conseguiu fazê-los outros, quero dizer, não conseguiu fazê-los brasileiros. Imagino que a dificuldade de voltar seja proporcional a um fracasso que não é econômico, é antes cultural. Como voltar para a Itália, por exemplo, se saí renunciando a uma língua que não me reconhecia como sujeito e a língua que escolhi não me reconheceu?²⁴

Sem poder voltar os imigrantes se renderam à condição de colonos, e em pouco tempo a variação semântica da palavra se tornou um fardo para a comunidade que prosperava economicamente, mas continuava abandonada culturalmente. A rejeição ao estigma do 'colono' obrigava-os a deixar tudo o que revelasse sua condição 'subalterna': o sotaque, os hábitos, os festejos, a música, a arquitetura, o território. A mesma descendente que testemunhou não saber se identificava-se como italiana ou brasileira relatou com indignação que quando chegou em Santa Maria para estudar e trabalhar, um colega seu nascido na cidade, a chamava de 'colona', o que a deixava profundamente irritada. Em meio a muitas brigas e discussões ela se defendia dizendo: **“posso até ser colona, mas tenho onde cair morta”**.

Muitos imigrantes e seus descendentes rumaram para a cidade em busca de posição e reconhecimento social. A política nacionalista do Estado Novo fomentou o desprezo aos imigrantes, fazendo do estrangeiro um indesejável no cenário social brasileiro. O movimento de 30 e o projeto modernista inauguraram a disputa entre o agrarismo e o urbanismo. A intelectualidade brasileira incentivou a posição urbana em detrimento das atividades rurais, gerando uma rejeição dos italianos ao seu próprio estilo de vida.

Sem qualquer referência, os italianos e seus descendentes abandonaram a colônia e criaram artifícios para explicar mais esta partida. Era preciso construir o futuro, garantir a sobrevivência dos filhos, gerar gerações. A vida na cidade os

²⁴ CALLIGARIS, 2000:21/22

tornou menos colonos e a cidade se fez menos urbana. A presença italiana em Santa Maria modificou os hábitos da população, que era formada pela miscigenação de portugueses, índios, alemães e negros. A italianidade era e é tão forte, que gerou um “**tipo diferente de brasileiro**”, segundo um historiador e membro da Associação Italiana de Santa Maria. Acredita-se que, de 60 a 70% da população santa-mariense tenha algum parentesco com italianos.

Os colonos recusaram a dupla diferença - estrangeiro e atrasado - e desenvolveram um operador que o tornavam semelhantes aos outros: a ficção. O lugar ficcional que habitaram os italianos do início do século XX é o mesmo acionado pelos descendentes no final do século. Criaram efeitos de verdade, eventos que os mantiveram em posições seguras e reconhecíveis. Entretanto o lugar que eles conquistaram na cidade também não lhes pertencia e, pela terceira vez, foi abandonado.

Com o fim do milagre econômico brasileiro e a política cambiante e insegura dos anos 60, os descendentes de italianos questionaram sua brasilidade. O cenário que seguiu durante os próximos anos ajudou a desmontar os projetos de futuro de muitos brasileiros, principalmente dos descendentes de italianos. A vida em Santa Maria não representava mais a semelhança; ao contrário, evidenciava as diferenças. A saída encontrada por esses “italo-gaúchos” foi resgatar o passado, não como colonos, mas como doutores. A Universidade Federal de Santa Maria formou muitos filhos e netos de italianos; agora era chegada a hora de dizer quem eles eram, e suas biografias se multiplicaram nas estantes das bibliotecas.

Livros, palestras, encontros, festas de família, centro genealógico e museus foram algumas iniciativas que esses *italianos* tomaram para controlar o tempo e produzir novas realidades. A comemoração dos 100 anos de imigração dos italianos para a região de Santa Maria foi o marco determinante para ‘mostrar’ a todos que o colono imigrante italiano é um vencedor. É, não foi, porque são os ‘italianos’ de hoje que vivem as glórias e os sucessos da imigração através da memória narrada:

como seria possível uma memória, e não a propósito paradoxal pretender conservar o passado dentro do presente, ou introduzir o presente no passado, se não pode haver duas zonas de um mesmo domínio, e se o grupo, à medida em que penetra em si mesmo, em que toma consciência de si ao lembrar-se e que se isola dos demais, não tenderia a se fechar em um forma relativamente imóvel? Sem dúvida, ele está sob a ação de uma ilusão quando crê que as analogias sobrepujam as diferenças, porém lhe é impossível dar-se conta disso, uma vez que a imagem que fazia de si mesmo outrora, transformou-se lentamente (HALBWACHS, 1990:88/89).

O tempo da experiência e o da ficção se confundem; os descendentes de italianos reúnem uma história fragmentada, feita de restos, de lembranças entrecortadas e recontadas e que reconstituem a memória de hoje.

Esta tese também é uma contribuição para a legitimação política da Quarta Colônia. Ela coloca a memória em evidência e recupera aspectos que são mostrados na construção da ‘história’ dos imigrantes italianos. Tudo aquilo que evidencia a região contribui para a sua permanência, não deixa a região cair no esquecimento e alimenta a memória dos moradores.

Há um crescimento vertiginoso em busca da memória em toda a sociedade contemporânea. O aumento e a expansão das pesquisas históricas, o turismo ‘rumo ao passado’ e o aparato midiático com novelas, seriados, filmes, documentários, exposições fotográficas e programas de rádio, colocam a memória como ponte para a reconstrução do presente.

Enquanto o grupo não muda sensivelmente, o tempo que sua memória abrange pode se alongar: é sempre um meio contínuo, que se torna acessível em toda a sua extensão. É quando se transforma que um novo tempo começa para ele e que sua atenção, se afasta progressivamente daquilo que foi, e do que não é mais agora.(HALBWACHS, 1990:123).

Os grupos empenhados em reavivar a memória, em fazer presente cenas do passado, convivem com o perigo da amnésia. Se, por um lado, os dispositivos de memória são acionados continuamente, esquecem-se de que as experiências não são suas, que as recordações não lhes pertencem e que as suas histórias são fabricadas a partir de uma bricolagem, de uma mistura de acontecimentos que se deslocam do momento atual. Jesus Martin Barbero diz que “a fabricação do presente implica uma ausência de futuro”. Sem dúvida, mas muito mais que a

perda do futuro, os descendentes de italianos perderam suas identidades em meio à febre de memória.

Todas as cenas que retornam, hoje, à memória das comunidades são relatadas e sofrem traduções.

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm forte vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas' (HALL, 1998:88/89).

Stuart Hall dispõe do conceito de tradução para grupos que abandonaram seus lugares de origem e que não pertencem a nenhum território. A sociedade contemporânea apresenta uma organização que a definição de Hall não contempla: as comunidades que se formaram a partir do abandono do lugar, mas que hoje são proprietárias do território que ocupam. A tradução cabe perfeitamente na análise histórica dos imigrantes italianos, mas precisa ser ampliada no estudo das gerações seguintes, já brasileiras. O que são esses sujeitos que transitam, que decidem e que determinam no cenário político nacional senão brasileiros? Só não o são em suas memórias. É aí em que ocorrem as traduções.

Portanto, é necessário distinguir *o que* se lembra de *como* se lembra. É preciso analisar os campos discursivos e as estratégias verbais utilizadas no processo que conduz à lembrança. Como já foi dito, a memória é um recurso utilizado mediante a atuação de um grupo, e é o grupo quem negocia em um universo de discurso; quem escolhe o que se deve esquecer e o que se pode e se deve recordar.

No discurso da memória, representam-se estruturas locais, regionais e nacionais que indicam o poder ideológico que está em jogo. De acordo com o

objetivo do grupo que está ganhando, as regras mudam, e o universo discursivo da memória ocupa outros espaços e outros tempos.

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é muda conforme o lugar que ali ocupo, e que se este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990:51).

A teoria de Halbwachs encontra, no cenário da Quarta Colônia, atores que confirmam a tese de que é necessário o grupo para apoiar as lembranças individuais. **Padre Luizinho Sponchiado**²⁵ é idealizador e fundador do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) da Quarta Colônia com sede em Nova Palma. Padre Luiz nasceu no Núcleo Norte da ex-colônia Silveira Martins e, desde de muito pequeno dedicou-se à vida no seminário. Estudioso e empenhado em contar o passado, Pe. Luizinho chegou a Nova Palma, em 1956 e iniciou uma campanha de reunificação das terras da ex-colônia imperial de Silveira Martins. Sem sucesso, foi um dos incentivadores na emancipação dos sete municípios que hoje formam a rota da “Quarta Colônia”.

Um dos pilares da “**prima esquecida**”, conforme ele denomina a região, é o arquivo de famílias que constituem ou que passaram pelas terras da colônia imperial. O Centro genealógico está localizado no segundo piso da casa paroquial, onde se “**garantirá que a obra fique sob a guarda perene da Igreja, a Grande Guardiã e promotora da cultura verdadeira através dos séculos**”. O acervo é dividido em *Genealogias*, em que são registrados nomes com datas e local de nascimento, batismo, casamento e morte, bem como números de lotes, reimplantações e tudo mais que couber aos imigrantes chegados na Quarta Colônia. Há também a *Cronologia ou Diário da Colonização* em forma de volume desmontável para cada ano, em que são narrados fatos da colonização

²⁵ O Pe. Sponchiado voltará a ser citado neste estudo por ocasião da análise da presença da Igreja na região da Quarta Colônia. Neste momento a sua fala é importante por se tratar de um dos protagonistas na recuperação da memória coletiva.



Fig.10 – Brasão Comemorativo aos 43 anos de emancipação de Nova Palma

geralmente documentados por história oral; a *Sala de Documentos* onde são guardadas certidões, escrituras, cartas, ofícios, fotos das famílias que compõem a região, cabendo a cada núcleo familiar uma caixa tarjada com seu nome. E, finalmente, uma *Biblioteca/fonoteca/videoteca* completam o CPG com a literatura e os registros que garantem a cientificidade da pesquisa histórica.



Fig.11 – Centro de Pesquisas Genealógicas – Nova Palma/ RS

Padre Luizinho Sponchiado é um homem ativo e atuante. Falar de memória e identidade, por exemplo, implica sempre uma atividade prática que,

segundo ele, deve ser sustentada pelo tripé economia, cultura e religião. Para o padre, o italiano só é italiano quando conjuga essas três qualidades e prega que **“felizes as comunidades que resgatam sua identidade cultural, pois, perdida esta, nada mais têm a perder”**.



Fig. 12 – Padre Luizinho Sponchiado – CPG / Nova Palma / RS

É sabido que a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas que não se confunde com elas. O Centro de Pesquisa Genealógica teve seu início na preservação de uma memória individual, mas dada a abrangência política do ato de recuperar, a memória coletiva se formou e hoje resgata uma história que autoriza biografias individuais, mas, sobretudo, legitima a prática coletiva de referência da identidade italiana.

Das lembranças do Padre Sponchiado, é importante destacar o surgimento do CPG:

*isso nasceu da seguinte maneira: **em primeiro lugar eu sou neto de italianos**, do finado Luigi, que era meu avô, com o mesmo nome que eu tenho (...) **nós herdamos uma paixão**, porque ele era um grande contador de histórias da colonização. Me lembro disso até meus doze anos, quando ainda estava em casa, antes de ir para o seminário. Como ele contava a história da colonização! A travessia marítima, os navios, o encontro com os escravos, o choque que havia, a dificuldade com a língua, etc. **Era um maravilhoso contador de história e isso tudo ficou na alma..***

Em 1956, quando o pesquisador retornou para Nova Palma, agora como sacerdote, ele conta que

*fui ver o lugar onde eu tinha nascido e que nunca mais tinha visto, abandonado já, mas aquilo me..... fui catando aqui e ali documentos que naturalmente ficaram das passagens desde 1885, quando minha gente chegou aqui. E comecei, então. Eu disse, vou construir um pouquinho a genealogia da minha família. Comecei a procurar dados, me lembrar daquilo que os avós contavam, perguntei à minha mãe que também era filha de imigrantes, etc. Mas interessante, ao querer pensar em genealogia, logo a gente não pode ficar só na minha linha 'Sponchiado'. Logo mais apareceu os 'De Marco' aqui, apareceu os 'Vendrusculo' ali, lá apareceu os 'Da Silva', pela afinidade de casamento (...) Começou a se avolumar a genealogia, principalmente **naquele lado da genealogia que eu acho muito bom porque atinge a pessoa humana: é você, você como é, não é aquela mistura.***

Vocação surgiu ainda na infância

Banco de Dados/Agência RBS - 13/12/00

O interesse do padre Luiz Sponchiado pela colonização italiana começou quando ele ainda era menino.

– Quando eu tinha 3 anos, lembro que meus avós me contavam a trajetória dos imigrantes. Foi com eles que aprendi a gostar da história, da genealogia das famílias – diz.

Apesar de gostar do tema desde criança, o padre, que nasceu em Nova Palma, passou a se dedicar à pesquisa somente em 1956, quando voltou à sua terra natal, depois de morar por quase 30 anos em Palmeira das Missões.

Nesta época, ele já tinha feito a árvore genealógica de sua família e resolveu expandir a busca por informações. Foi aí que começou a nascer o Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, fundado oficialmente em 1984.

A pesquisa seguiu uma metodologia toda particular. Padre Sponchiado passou a visitar paróquias onde conseguiu reunir informações como nomes e datas de batismos, casamentos e óbitos. Cartórios de Santa Maria e arquivos histó-



Padre foi atrás de documentos até em outros Estados

ricos de Porto Alegre e do Rio de Janeiro também foram fontes de informação.

– Eu lembro que o padre viajava para pesquisar e para trazer os dados que encontrava, não copiava nada direto no papel. Para economizar tempo, ele lia e gravava o que diziam os arquivos. Depois ele voltava cheio de fitas que, nas minhas férias escolares, eu ajudava a transcrever – conta o atual presidente da Associação Italiana de Santa Maria (Aism), Carlos Alcécio Rossato.

E é escrito à mão que hoje

se encontra boa parte do acervo do centro. A história da maioria das cerca de 50 mil famílias pesquisadas está registrada pela letra do padre, em papéis guardados em caixas de camisa. Elas podem ser abertas cada vez que chega ao centro uma pessoa interessada em conhecer melhor a história de um imigrante. É então que o padre se realiza.

– O centro me satisfaz porque sinto que ele é útil. Quando os descendentes chegam aqui, eu sinto como o coração deles bate – conta.

Fig.13 –Reportagem 1 do Pe. Luizinho Sponchiado/ Jornal Diário de Santa Maria – 02/04/04

Pela dedicação à saga dos italianos

Padre Luiz Sponchiado receberá medalha do governo da Itália por pesquisas sobre colonização na Quarta Colônia

FERNANDA MALLMANN

fernanda.mallmann@diariosm.com.br

Uma parede e uma das estantes do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma terão novos adereços a partir da semana que vem. Elas ganharão o certificado e a medalha da *Condecoração no grau di Cavaliere dell'Ordine al Merito della Repubblica Italiana*. O título é uma distinção que será entregue hoje à noite para o fundador e diretor do centro, padre Luiz Sponchiado, 82 anos.

A homenagem virá de longe. Quem concede a condecoração é o governo da Itália, que será representando pelo cônsul geral do país, Mario Panaro. Mesmo que venha de terra distante, ninguém duvida que o trabalho do padre Sponchiado valha o reconhecimento.

Curioso pela saga dos imigrantes que vieram para a região em 1878 e fundaram o quarto núcleo de colonização italiana, Sponchiado começou a fazer pesquisa. E o que era curiosidade foi se estruturando até se transformar, em junho

PRÊMIO MERECIDO

▼ A *Condecoração no grau di Cavaliere dell'Ordine al Merito della Repubblica Italiana* é uma distinção, em forma de certificado e medalha, concedida pelo governo italiano a quem contribui para a preservação da história dos seus imigrantes

▼ O padre Sponchiado receberá a menção por ter fundado o Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma

▼ O centro foi criado em 1984 e tem catalogadas aproximadamente 50 mil famílias italianas que colonizaram a Região Central a partir de 1978. A entidade fica na Rua Raimundo Aléssio, 320. O telefone é o (55) 266-1440.

de 1984, no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. Hoje, o acervo guarda a história de cerca de 50 mil famílias que habitaram a região, conhecida como Quarta Colônia de Imigração Italiana.

O centro hoje é uma referência para quem procura a sua história pessoal ou quer encontrar os documentos dos antepassados na busca da ci-

dadania italiana.

– Por tudo que faz no centro, o padre Sponchiado é a pessoa mais importante de Nova Palma. Ele conseguiu levar o nome da nossa cidade e da Quarta Colônia a todo o Estado, Brasil e até para a Itália – diz o prefeito de Nova Palma, Antônio Carlos Pigatto (PP).

Religioso já acumula prêmio da presidência da República

A homenagem ao padre começará às 19h, no Clube Guarani. Além do cônsul geral da Itália, estarão presentes o secretário estadual de Cultura substituto, Victor Hugo Alves da Silva, autoridades da região e membros de associações italianas. Sponchiado é o segundo homenageado na região com a condecoração do governo italiano. Em 2003, o ex-presidente da Associação Italiana de Santa Maria (Aism), Neuton Antônio Pasin, também recebeu o reconhecimento.

Entre outras distinções que o religioso já recebeu, está o diploma de Ordem ao Mérito Cultural, oferecido pela Presidência da República, em 2000.

Fig. 14 – Reportagem 2 Pe Luizinho Sponchiado / Jornal Diário de Santa Maria – 02/04/04

Com a chegada de um padre capuchinho que pesquisava a imigração italiana para uma tese de doutorado, o Padre Sponchiado foi o interlocutor entre o historiador e a história:

*procurei dar a ele uma orientação. Como eu achava, por exemplo, **o que salvou a imigração italiana para não se acaboclar (...)para ficarem com a sua identidade, para continuarem gente trabalhadora, que valeu a pena de fato. Então peguei mais pelo lado da religiosidade.** O italiano era um homem, em si, muito desunido. Quando a gente perguntava para alguém se era italiano, “eu não”, ele dizia, “eu sou de Treviso”. ‘De onde você é? Não, eu sou lá de Vicenza.’ Lá na Itália a gente vê isso. Cada província é uma por si, tem sua história de dois mil anos, tocam o sino diferente. Nessa bota que é a Itália, há três mil anos, entraram todas as nações do mundo (...) Saíram algumas, outras ficaram (...) E agora esse italiano veio aqui, foi atirado ai no mato... A imigração italiana, a grande dificuldade que teve foi, primeiro, depois da Guerra do Paraguai, que tinha deixado o país em seis anos de guerra como se diz, de cuecas. O império tinha ficado arrasado em gente, em escravo, em tudo. Segundo, já em fim de império, principalmente com a Guerra do Paraguai, começaram aparecer as idéias bonapartistas da liberdade, da república, da democracia, etc., e o império começou a declinar, como de fato, em 89, acabou. Tempos difíceis. Então a gente se pergunta, como é que o italiano entra aí desse jeito? E nós sabemos que ele foi atirado no mato mesmo! E pegaram as serras, porque as planícies já estavam todas tomadas pelos que voltavam da guerra do Paraguai, eram os tais ‘Voluntários da Pátria’ (...) Pois bem, e agora, então, a pergunta é: **como é que essa gente venceu? Qual foi a força? (...) A única coisa que de fato os uniu, foi a Igreja, a religião.***

Confirmado como um sujeito interessado pela memória, o Padre atua também na formação política da comunidade. Apoiado pelas suas lembranças, Pe. Luizinho passa a ser um importante personagem na divulgação da região que ele denominou ‘Quarta Colônia’.

*Fui dando as minhas idéias por aí e sempre pensando nessa colônia aqui que em Caxias (do Sul), eu chamei ‘**Quarta Colônia Esquecida**’, porque havia a primeira que era conde D’Eu – Garibaldi, a segunda que*

*era Dona Izabel – Bento Gonçalves, a terceira que era Campo dos Bugres – Caxias do Sul e a quarta que era Santa Maria da Boca do Monte ou Silveira Martins, mas muito esquecida, porque ficou separada daquele complexo do nordeste. (...) Eu chamava, então, a ‘prima esquecida’. **A ‘Quarta Colônia’ começou na primeira vez que apareceu esse nome que eu usei, muito badalado por ai, coisas que pegam, é engraçado, e a gente não tem a mínima idéia que possa acontecer.***

A memória recente da Quarta Colônia passa, inevitavelmente, por conferências, reuniões de famílias, festas religiosas, etc. Lugares que garantem a coletividade, mas acima de tudo instituem os valores compartilhados pela nova comunidade.

*Eu sempre digo, **um lugar sem memória está fadado a desaparecer. E uma família sem memória também. E uma nação sem memória, sem história, também está fadada a desaparecer.** Essa parte cultural é necessária. E essa memória nós bem sabemos, apesar de ser uma memória muito local aqui, quarta colônia, das quatro colônias do tempo do império, essa é menor; assim mesmo, conhecendo bem essa história, conheço o mundo”.*

*Do tripé economia, cultura e religião, Padre Luizinho diz que muitos são os que buscam suas ‘origens’, pensando em ganhar a vida financeiramente. As referências, entretanto, são marcas de um campo social que se faz presente entre as novas gerações de ‘italianos’. As vezes, eu grito com a rapaziada, estudantes, olhem aqui, não façam disso (a dupla cidadania) só um ganho na vida (...) Pensem um pouquinho que nós somos ramos que sem tronco e raiz não existiríamos. **É a cultura. E a cultura significa ligação com esse passado, vivendo o presente e orientando o futuro.** Essa é uma parte filosófica, mas a cultura é muito, muito interessante e que praticamente desfazem.*

A fala do Pe. Luizinho autoriza uma rede de lembranças entre os descendentes e os coloca como protagonistas da história sócio-cultural e econômica da região. As características herdadas dos imigrantes devem ser enaltecidas, mas, sobretudo, vividas. A garantia da experiência do heroísmo, do

trabalho, da religiosidade e da tradição é dada pelas vozes de personagens centrais, reprodutores dos discursos fundadores e que para este estudo se apresentam como discursos autorizados. Pe. Luiz Sponchiado e Silvino Santin, outro indivíduo que mobilizou os grupos em torno de lembranças comuns, ocupam esse lugar central, como historiadores e como vozes dos discursos autorizados na região.

Nascido em Marau, mas com intensa vivência em Bento Gonçalves e região de onde seus pais, filhos de descendentes imigrantes italianos, haviam partido, **Silvino Santin** fala da Quarta Colônia em comparação com as colônias do nordeste gaúcho. O espaço da memória para ele é lugar de encontros entre a experiência pessoal e a preservação de patrimônios sociais.

Eu nasci num universo de descendente de italianos ainda preservado.** O português praticamente inexistia, tanto que eu aprendi a falar português aos sete anos. Até aí, eu só falava aquilo que se chamava 'talian', que é o dialeto vêneto. Então, a comunicação familiar, a comunicação social era toda em dialeto, e as informações da Itália eram muito raras e muito genéricas.(...) Então digamos, **em termos pessoais, nos dá impressão inclusive que eles não estavam muito interessados em manter essa lembrança de uma vida difícil.** Em termos de preservação de documentos, também é muito escasso, basta: ver onde é que se preservou a memória italiana? Aonde o progresso não chegou. Caxias não tem mais nada. Agora, Antônio Prado tem. Por quê? Porque é uma cidade que ficou isolada, tanto que, há algum tempo, um caminhoneiro escreveu no pára-choque: **'visite Antônio Prado antes que desapareça.

O pesquisador e crítico da Quarta Colônia discute a questão do **auto-esquecimento** da região da ex-colônia imperial. Segundo Santin, o interesse em falar da imigração italiana no Rio Grande do Sul se restringe às colônias de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. Os filhos da colônia Silveira Martins também a abandonaram. De herança, levaram apenas o nome e nunca mais voltaram. Os que ficaram, esforçam-se em ser aquilo que poucos dizem que são, porque, segundo Santin, já se esqueceram.

A quarta colônia é um termo que apareceu não sei quando. Ninguém fala a primeira, a segunda, a terceira colônia, fala a Quarta Colônia. Quer dizer, nem o nome do lugar! Por quê? Porque, por exemplo, Faxinal não que ser identificada com Silveira Martins, nem Nova Palma, nem Arroio Grande e, muito menos, Vale Vêneto. (...) Então há uma certa animosidade que eu pretendo com esse meu programa (na Rádio Universidade) com o Montanher abordar. Há animosidades que no meu ponto de vista prejudicam a chamada Quarta Colônia. Então eu acho que ela é esquecida...

*Eu fiz um trabalho sobre os três documentos principais sobre a imigração italiana: o cinqüentenário (todo escrito em italiano, o homenageado é o governo da Itália e não do Brasi; há um discurso inicial que eu diria fascista), o segundo documento está escrito só em português, porque tem o problema da guerra (...) e não se fala nada de Silveira Martins. (...) E, no terceiro volume, no terceiro documento, que é o centenário, é bilíngüe. **Inclusive eu falo: antes era só italiano, depois só português, aí que surge exatamente a negação, no meu ponto de vista, da italianidade e no centenário se retoma a italianidade junto com a brasilidade.** (...) No primeiro, no cinqüentenário, tem casas comerciais (de Silveira Martins), indústria, agricultura, tudo está documentado, a vida religiosa, tudo, direitinho. No segundo, não tem nada, e no terceiro, não apareceu nada de potencial da região, nem cultural, nada.*

O discurso dos dois pesquisadores se confunde com a narrativa disseminada na Quarta Colônia. Toda construção simbólica da região é fundamentada na memória individual, assim como o padre, o crítico também recorre a suas lembranças de infância, que garantem o campo social no qual ele e todos os outros se movimentam.

A memória individual é marcada por histórias comuns, contadas pelos imigrantes italianos e revisitadas pelos descendentes sob o mesmo prisma. A voz que amplia esses discursos na Quarta Colônia é, principalmente, a radiofônica, e as marcas discursivas que iniciam os relatos lembrados iniciam, inevitavelmente, com o lugar individual: **“em primeiro lugar eu sou neto de italianos”, “eu nasci num universo de descendente de italianos ainda preservado”, “nós**

herdamos uma paixão” e “era um maravilhoso contador de história e isso tudo ficou na alma...”.

Ou quando ambos os personagens contemplan a questão da memória e avaliam suas atuações na conservação do plano social da região: ***“um lugar sem memória está fadado a desaparecer. E uma família sem memória também. E uma nação sem memória, sem história também está fadada a desaparecer”*** e ***“em termos pessoais, nos dá impressão, inclusive, que eles não estavam muito interessados em manter essa lembrança de uma vida difícil”***. Para o Padre Luizinho, a ação de preservar a memória individual e fazê-la social é uma obra antes, de tudo, prática, de sobrevivência. Com esse pensamento, ele encampa na construção do arquivo genealógico, sem perceber que muito maior é o arquivo simbólico preservado nas frágeis folhas manuscritas, com nomes de famílias. O pesquisador teórico, Silvino Santin, acredita na força social da memória individualizada, mas não concebe como é possível preservar sem a conservação material de bens simbólicos. A manutenção dos arquivos pessoais e das lembranças narradas passa por experiências de dor e de sofrimento, mas, sobretudo, de vitórias e conquistas. Na Quarta Colônia só se guarda e se conta aquilo que se quer.

O próprio nome da região é explorado pelos personagens como uma construção simbólica e uma fuga dos conflitos que o local abriga: ***“a quarta colônia é um termo que apareceu não sei quando. Ninguém fala a primeira, a segunda, a terceira colônia, fala a Quarta Colônia”*** ***“a ‘Quarta Colônia’ começou na primeira vez que apareceu esse nome que eu usei, muito badalado por aí, coisas que pegam, é engraçado e a gente não tem a mínima idéia que possa acontecer”***.

No esforço de distinguir os passados usáveis dos descartáveis, os protagonistas da memória da Quarta Colônia se empenham, principalmente, para a obtenção de um futuro reconhecível, de um futuro vivo no passado. Na busca dos tempos presentes, é inevitável a transformação identitária: ***“inclusive eu falo: antes era só italiano, depois só português, aí que surge exatamente a negação, no meu ponto de vista, da italianidade e, no centenário, se retoma a italianidade junto com a brasilidade. (...)”***, ***“e a cultura significa ligação com esse passado, vivendo o presente e orientando o futuro”***.

As lembranças narradas nos programas de rádio da região, as contadas pelos moradores da Quarta Colônia e as revisitadas pelos poderes públicos dos municípios, são dispositivos aglutinadores do espaço do abandono. A memória foi escolhida para ser esse lugar e cabe ao indivíduo reconstruir sua trajetória social e localizar sua identidade cultural.

As falas aqui recortadas são fragmentos de discursos que compõem a cena social da Quarta Colônia. A memória, hoje exaltada e celebrada nas festas, nos programas de rádio, nas produções independentes, é uma bricolagem de narrativas contadas desde os primeiros italianos chegados na região. São esses fragmentos de discursos se perpetuam e que fazem do local uma instância simbólica por excelência.

II.3 Biografias Atualizadas: Os Discursos Fundadores

As histórias contadas na Quarta Colônia são muitas, tanto quanto seus povoadores e sucessores. Assim, fragmentos dos discursos fundadores são repetidos diariamente, pelo mais simples ao mais erudito filho da região. As narrativas são instâncias que revelam aspectos da moral, dos valores identitários e do poder dominante entre os descendentes de italianos. São histórias que garantem a trajetória social de uma sociedade que não evoluiu como as outras comunidades de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Na Quarta Colônia, há uma urgência em criar e manter vínculos com um passado fragmentado, reencontrado em algumas histórias e fios de lembranças dos mais velhos e dos mais influentes. O recorte das histórias da Quarta Colônia mostra um Brasil que negocia seus discursos em favor de uma história social, cultural e identitária.

Para explicarmos como os discursos fundadores inauguram a atual experiência identitária, remetemos-nos aos estudos da linguagem. É sabido que a prática da linguagem exige e pressupõe a presença do outro. Segundo Émile Benveniste (1995:93) “a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir desse momento, a linguagem é dada com a sociedade”.

Como, então, associar a língua e a evolução da sociedade? Pensando nas comunidades imigrantes, que chegaram no século XIX, como supor a relação da língua e da sociedade? Propomos partir da noção de dêixis, que pressupõe o triângulo eu \longleftrightarrow tu — aqui — agora, e que explica o fenômeno relacional da língua. Entretanto, a discussão reside no plano discursivo; portanto, devemos abordar a idéia da dêixis discursiva, que distingue o locutor, o destinatário discursivo, a cronografia e a topografia. (MAINGUENEAU, 1997:41)

A dêixis discursiva une sujeito e contexto numa mesma cena discursiva. Quando os enunciadores nos seus textos remetem-se à Quarta Colônia, falam de um lugar deles e de mais alguém. Algo que se reporta a uma idéia inicial, sem origem e tampouco lugar demarcado, mas que fixa um ponto de partida: trata-se da dêixis fundadora²⁶.

²⁶ Para Maingueneau (p.42) o conceito deve ser entendido como “a (s) situação (ões) de enunciação anterior (es) que dêixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade.

Não falamos de um espaço continuista, ligado por relações de antecedência cronológica, mas de um lugar marcado pela descontinuidade histórica e por rupturas sociais. É desse cenário que partem os discursos fundadores, de cenas fragmentadas, investidas de matérias significantes e de sentidos, e que produzem textos.

Avaliamos os discursos sob o modo de produção e, como explica VÉRON (1980:107), é necessário descobrir as operações discursivas que se oferecem ao analista e ao receptor. Para contemplar o modelo da produção do discurso, propomos descrever as cartas enviadas pelos imigrantes a parentes na Itália e que denunciam a existência de um ciclo narrativo. Como modelo do consumo do discurso, sugerimos avaliar a fala de dois personagens que ocupam papéis sociais importantes para a manutenção do ciclo. Temos, portanto, os discursos fundadores e os discursos autorizados. Em ambos, percebemos a presença da confissão. E nela, segundo Foucault, há uma exposição da pessoa ao domínio do poder. “Em cada sociedade, a produção de discurso é imediatamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos, cujo papel é tutelar seus poderes e perigos, domesticar suas causalidades, escapar da sua ponderável, formidável materialidade”. (citado em FAIRCLOUGH, 2001:76).

A autoria dos textos não interfere nos planos dos discursos fundadores, mas o *status* e as restrições que eles impõem nas suas atualizações revelam o poder do universo discursivo. No ciclo das gerações, os discursos recriam identidades com produções biográficas. As produções biográficas marcam a passagem entre o passado e o presente e representam a dimensão ideológica dos discursos fundadores e dos discursos autorizados. As rupturas discursivas entre os textos fundadores e os autorizados são a condição para a manutenção do sentimento de eternidade.

As cartas que os imigrantes italianos escreviam para seus familiares são textos que representam um conjunto de condições discursivas, de outros textos produzidos no percurso da imigração, da herança religiosa e que se reconhecem textual e extra-textualmente. Os textos fundadores fazem parte das condições de produção dos discursos sociais, o que significa que a leitura das cartas não coincide exatamente com os textos autorizados na análise da recepção. O

processo de fundação discursiva é tratado como o somatório de acontecimentos singulares, que tecem uma rede de sentidos e que apontam para um espaço imaginário, reconstituído nas memórias das vozes da região.

Nas três cartas que seguem, destacam-se personagens que se atualizam nos discursos autorizados. As marcas discursivas fundadoras revelam o que, na memória dos descendentes, constituem o fenômeno intertextual entre o processo de fundação e o de autorização. É, seguramente, possível dizer que o sentimento dramático perpassa toda a trajetória discursiva do imigrante e de seus descendentes. Entre inúmeras cartas e escritos que, atualmente, tramitam no processo de construção das biografias, trabalhei em um espaço discursivo que permitiu algumas hipóteses, avaliadas no decorrer do estudo.

A construção do espaço discursivo associa-se a vestígios encontrados na voz autorizada do Pe. Luizinho Sponchiado e do pesquisador Silvino Santin, contrapostas às cartas *fundadoras* dos imigrantes italianos. Recortamos as principais passagens deste interdiscurso, que é constantemente reconfigurado. Há, nos enunciados, marcas do abandono, do desespero, da fé, do trabalho e da conquista. De forma direta ou indireta, esses vestígios discursivos seguem uma mesma ordem narratológica e são assim mantidos na memória discursiva dos atores da cena social migrante.

O início do percurso é marcado pelo ABANDONO, no sentido de abandonar-se à própria sorte e ser abandonado pela mãe pátria. Soma-se ao emigrante abandonado, adjetivos que se multiplicam ao longo da história: choroso, triste, arrependido, sofredor, partido, etc.

A segunda representação textual que passa pelos efeitos de reconhecimento atual é guiada pela palavra PÂNICO. O pânico de embarcar em navios sem conhecer o destino final, de não estar em terra firme, mas entre o céu e o mar, de ser lançado a qualquer sorte, pânico da fome e do frio ou do calor intenso, dos animais e dos homens selvagens, do desbravamento das matas virgens, da falta de moradia e de terras e pânico da morte.

Diante das adversidades reconstituídas nos textos narrados, o italiano encontra em Deus o apaziguamento dos sentimentos que inquietam a alma.

A CRENÇA é o terceiro momento que se repete no processo sócio-histórico e cultural entre os sujeitos concretos da Quarta Colônia. Acreditar no altíssimo e lançar-se na vontade de Deus explica porque é preciso pensar antes que os discursos são fundados, a partir da credulidade e não na religiosidade. Concretamente as manifestações da fé na vontade de Deus são repetidas nas ladainhas que justificam as mortes, mas que também glorificam o triunfo sobre o perigo.

A religiosidade é a principal marca ideológica presente nos discursos de fundação e nos discursos autorizados, mas só é possível através da crença. Acreditar em Deus e na Igreja é um fenômeno extra-textual que se materializa no interior dos discursos como textos.



Fig.15 – Gruta construída no sopé do morro, à beira de uma estrada íngreme, que rende graças aos pedidos alcançados.

Vencida a primeira etapa, o processo imigratório é conduzido para a realidade brasileira: a substituição da mão-de-obra escrava e o povoamento de regiões fronteiriças. O TRABALHO é o quarto pilar que sustenta a narratologia imigrante. A força da palavra impede que indivíduos deixem o estigma de sujeito social para que continuem a sobreviver e a manter suas histórias de vida. O neto de italianos que, na Festa de Nossa Senhora de Lourdes, desabafa sua incapacidade de deixar de trabalhar mesmo já possuindo bens e propriedades que lhe garantiriam viver confortavelmente, ele coloca-se diante de um fardo histórico impossível de ser abandonado. Junto com a crença, o trabalho é mantido entre as comunidades italianas como um aspecto discursivo fundamental para a

preservação do sentido identitário. Nenhum dos dois é passível de dúvidas e questionamentos, eles apenas são.

O HEROÍSMO de construir, no presente, as bases para as gerações futuras é o último aspecto a ser tratado. O heroísmo de identificar, no passado, a luta dos imigrantes e o seu legado econômico. É no heroísmo que se aproximam os discursos do passado, do presente e do futuro. Nas construções metafóricas de que o italiano foi e é um colonizador que venceu e que permanece em solo brasileiro, porque é imprescindível. No heroísmo histórico, o Rio Grande do Sul se faz mais europeu do que todos os outros estados brasileiros.

As narrativas que circulam na região da Quarta Colônia e nas cartas dos imigrantes não apresentam, necessariamente, os cinco critérios acima listados. Algumas enfatizam uma marca discursiva e legitimam práticas sócio-culturais dessa maneira. Outras, elegem duas ou três e as trabalham na ordem crescente do suspense, constituindo o fenômeno histórico da região.

Em muitos momentos, é possível constatar a negociação discursiva quando se abandonam textos e se recuperam outros mais importantes para o cenário identitário. Durante a Semana Italiana, promovida pelo distrito de Vale Vêneto, soube que o principal organizador, uma das vozes autorizadas, tem um conselheiro, provavelmente um parente, que o orientou a retirar da programação festiva os jogos de mora e três-sete, visto que o pequeno grupo que ainda sabia jogar não despertava interesse na população e, assim, não havia interação na ação cultural. A saída sugerida foi que, nos jantares, empresas patrocinadoras distribuíssem brindes aos comensais. O estímulo e a interatividade estavam recuperados.



Fig.16 – Pe Clementino Marcuzzo distribuindo brindes e agenciando a festa promovida aos e pelos italianos. Vale Vêneto/ São João do Polêsine/RS

As cartas abaixo transcritas são um pequeno fragmento do discurso de fundação, que orienta todo o estudo da formação identitária na Quarta Colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Elas correspondem também à necessidade de preservação de si, de construção de uma identidade através dos tempos e do anseio de se forjar um passado de glórias. Essas constatações passam pela ação dos agentes autorizados que recolhem os pedaços de memória deixados pelos antepassados, sistematizando-os num jogo de intenções contraditórias. Faz-se uma triagem dos diferentes fragmentos reunidos, que favorecem o projeto identitário e ganham novos sentidos e significados; entretanto, os que não correspondem à imagem desejada, são descartados. As biografias provisórias exercem a função de representação, ou melhor, de produção das auto-imagens. A ilusão biográfica é fruto da ação narrativa e recupera a idéia da unicidade do sujeito. Segundo Philippe Artières (1997),

não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira, não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens.

Portanto, as transcrições abaixo estão exatamente iguais como nos textos em que circulam. Elas já passaram por uma rigorosa triagem que as classificaram como perfeitas representações do passado próximo.

c) *Correspondências não descartadas no processo de construção de si*

Carta de Gio Batta Mizzan

(Santa Maria/RS/Brasil em 17/03/1878)

Após nossa partida de Gênova, vos escrevi uma carta, em 17 de dezembro, quando nos encontrávamos em Gibraltar, agora vos informo sobre o restante da viagem. Assim que partimos de Gibraltar, o nosso vapor seguia tranqüilamente, com dias esplêndidos, tempo sereno, até 23 de dezembro. Esse dia 23 transcorria belíssimo, quando, aproximadamente pelas quatro e meia da tarde, enquanto estávamos todos jantando na coberta, tranqüilos, eis que de repente ouviu-se uma voz gritando: Fogo! Fogo! Vendo apenas o céu e água, no momento ficamos todos pálidos e apavorados. Ouvia-se choro por todos os lados. Quem pegava no colo o filho, quem se abraçava à esposa, quem jogava objetos no mar, quem recitava as ladainhas de Nossa Senhora, quem permanecia de joelhos com as mãos juntas (...) Para concluir, estávamos todos resignados à vontade de Deus e, depois, agradecemos ao Altíssimo por não ter acontecido nada. Mas o que aconteceu? Tinham acendido o fogo na estrebaria do gado, mas não houve nada. Navegamos sempre muito bem. O dia do Santo Natal foi um dia muito feliz, mas no dia de Santo Estevão levantou-se uma violenta tempestade, que nos pôs em perigo. Vendo o nosso pequeno navio batendo contra as ondas, estávamos em pânico. A tempestade durou 30 horas e depois veio a bonança, e tudo estava tranqüilo. No último dia do ano passamos a linha do Equador e tivemos três dias de muito calor, mas um calor suportável. Os dias restantes foram sossegados. Depois de uma longa navegação de trinta dias, finalmente em 11 de janeiro, de manhã cedo, podíamos ver as montanhas do Brasil. Começamos, então todos a gritar Viva! Viva a América! Por fim, aos 12 de janeiro, chegamos ao Rio de Janeiro. Na viagem nasceram três e morreram sete. Eu e minha família, graças a Deus, estamos com perfeita saúde, como também a família do amigo Bertolini.

Do Rio de Janeiro seguimos para Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, passamos por Porto Alegre e, chegamos a Rio Pardo, descemos a terra. Toda a viagem em água levou 42 dias. Em Rio Pardo paramos seis dias. Depois colocamos as bagagens nas carroças, onde embarcaram as mulheres e as crianças. E nós, quem queria, caminhávamos. De Rio Pardo a Santa Maria da Boca do Monte atravessamos pradarias, selvas e bosques. Preparávamos a comida no campo, dormíamos sob tendas. A nossa viagem de carroça durou 15 dias. A alimentação era suficiente, o café abundante. No final da viagem fomos levados todos para uma floresta, onde só se viam árvores e o céu. Desesperados não sabíamos o que fazer. Finalmente eu e três outros amigos belunenses começamos a caminhar para Santa Maria. Foram seis horas de caminhada. Queríamos comprar colônias de particulares, que tinham terras para vender. Andamos durante vários dias, estivemos durante em diversos pontos para ver. Tudo nos parecia muito caro. Mas circulando e pedindo informações, finalmente encontramos uma boa colônia que fica a duas léguas de Santa Maria. Aí fechamos negócio. Verificamos que para percorrer o perímetro desta colônia, por pradarias, florestas e campos, é necessário um dia de caminhada. Há duas casas, suficientes para 4 famílias.

Assim foi o nosso contrato: compramos as casas, o mato, pradarias, o solo arável. Há fruteiras de todos os tipos, uma vaca, um cavalo, oito porcos, vinte bois. Calculamos quarenta medidas de batatas, dez de arroz, 14 de mandioca, que é uma raiz com que se faz farinha boa para comer, 150 galinhas e, seguramente, calculamos 100 hectolitros de milho que, até abril, colheremos. Há belas plantações de videiras. Em resumo, não falta nada. (...)

Bom clima e água corrente na porta da casa. Excelente é esta colônia. Chama-se colônia Campestre de Santa Maria Boca do Monte, na estrada de São Martinho. Se tivéssemos ido às terras oferecidas pelo Governo deveríamos primeiro fazer a estrada, desde a casa da emigração até a Colônia, para onde as bagagens e os filhos foram levados no lombo de burros. Cinco horas de estrada. Eu e Antônio Bertolini, no meio do mato, tivemos de derrubar as árvores e fazer a casa por nossa conta. Assim eu aceitei a proposta do governo e recebi 40 florins. A quem constrói a casa por conta, no mato, o governo paga 70 florins. Aqui é tudo caro, três vezes mais que na Itália. Assim nos mantínhamos

por dez dias e, como não tínhamos dinheiro, tivemos que trabalhar para o governo e o governo paga um florim e meio por dia, durante quinze dias, e nos outros 15 dias deveríamos trabalhar cada um na sua colônia. Com os 15 dias de trabalho devíamos viver um mês. Dessa forma no primeiro ano irão mal, mas quando terão a colheita irão bem. Assim eu demorei a escrever-vos porque não me tinha ainda instalado.

Aqui a moeda é de cobre e de um outro metal que se assemelha à prata. Há também de prata, ouro e papel. Aqui no Brasil toda a moeda é em reais e precisa-se de quatro reais para fazer um centavo. Por exemplo, um pedaço de cobre de 20 reais forma 5 centavos; 1.000 reais correspondem a 1 florim.

Conforme foi dito, aqui é tudo caro. Só a carne custa 40 centavos ao kg. Haveria tanta coisa para escrever, mas estou cansado e deixo para outra oportunidade. Agora que fiz esta compra estou muito contente, pois, ao menos depois de morto, os meus filhos terão de ficar e trabalhar no que é seu.

Saudações.

Mizzan Gio Batta

Carta de Antonio, Luigi e Felice Taschetto

(Santa Maria da Boca do Monte, 1887)

Nós estamos aqui, mas não estamos contentes, porque são só montes, encostas e poucas planícies. E há também muitas cobras e tantos perigos. Trabalhamos para outros colonos e ganhamos trinta moedas por dia. Trabalhando para o governo ganha-se cinquenta, mas nós não vamos, porque há tantos perigos de perder a vida. Esta é a fortuna (cucagna) que dizem haver aqui na América. Caro irmão, é nosso dever impedir-te de vir para cá, porque nós fomos enganados e não queremos que também tu sejas enganado. Acredita, o que te estamos escrevendo é a pura verdade e não vás pensar que durante a viagem as coisas mudem. Caro irmão, informo-te que a carta foi escrita por teu sobrinho Giusepe, porque se as fazemos escrever por outros, eles informam o que bem entenderem e nós queremos escrever só a verdade. Saúda o amigo Agostinho Nespolo e pede-lhe se é possível obter aqueles favores que estamos

para pedir-lhe. Aliás, queremos pedir que tu mesmo vás até o nosso patrão e que lhe entregues esta carta, dizendo que nós estamos com os olhos cheios de lágrimas, de joelhos, suplicando por sua bondade, porque estamos colocando nele todas as nossas esperanças. Rogamos-lhe que nos livre desses tormentos e que nos faça voltar para a Itália, pois, quando lá estivermos, submeter-nos-emos a qualquer exigência sua e com nossa vida pagaremos as despesas que teremos para voltar à pátria.

Prezadíssimo patrão, depositamos todas as nossas esperanças na sua bondade, contando com sua misericórdia. Esperamos que de sua parte não seremos novamente abandonados. E, nós de todo coração, o saudamos e nos declaramos seus dedicados servos Tachetto Antonio, Luigi e Felice.

Portanto, caro irmão, te saudamos, adeus, e esperamos de sentir algum conforto com tua resposta; caso contrário, seremos obrigados a ir para nossas colônias, no meio das florestas e dos desertos, e lá, vivendo penosamente, devemos morrer.

Antonio, Luigi e Felice Taschetto

Carta de Antonio Visentini

(Ex-Silveira Martins, aos 7 de abril de 1901)

Caríssimo irmão

Com muita alegria ontem recebi a tua carta, com a qual entendi que te encontras em boa saúde, como também está igualmente de mim e minha mulher e os filhos e também a Amália com as suas filhas.

Te direi, caro irmão, que fizemos boa viagem e chegamos no dia 1º de março, e ficamos 4 dias na casa do “barba” (pai). Depois viemos para a casa de Michele Cassol, dito Indvamim e terça-feira dia 9 do corrente iremos embora também daqui, porque encontrei uma colônia para alugar por 50 fiorini (réis) e vou trabalhar nesta colônia por um ano, e dentro de pouco tempo vou ver, 2 dias a pé longe daqui, as terras do governo se gostarei ou não, e se são áreas boas e água boa e também se as terras são boas. Portanto, caro irmão, se encontrar tudo

certo te escrevo que tu venhas também e te faço reservar uma também para ti e, se não for tão bem me satisfaço que seja aqui.

Te direi, prezado irmão, que na casa do meu tio é uma miséria que não podes crer, e em uma belíssima colônia, mas tem todas as dívidas e, pelo seu pouco juízo e da sua inteira família, gastaram quase tudo. Te direi que aqui este ano, a colheita foi mal pela grande seca, mas se os anos vão um pouco bem se vive muito bem, e meu tio pela qualidade das feições dele e da sua família, está mal colocado como te disse, mas aqueles que poupam vivem bem e sem preocupações.

Te direi a causa porque o meu tio me fez gastar todo o dinheiro, e aquele que não gastei ele fez gastar com os outros e hoje me encontro com 50 francos no bolso, mas por isso não depende nem mesmo de estar aqui porque espero de arrumar-me da mesma forma se Deus me mantiver são permaneço cansado de ouvir que te encontras naquele trabalho feio, porque estás sempre doente, mas se Deus provê um pouco, espero reunir-me ainda e estar junto. Logo que terei examinado as terras e se eu gostar te escreverei logo e, então quanto antes partires; mais contente ficarei; mas primeiro, quero estar seguro também eu e então te escreverei se deves vir só, e se deves encontrar alguém, porque aqui terra tem tanta que não se sabe quanta, falta vontade de trabalhar, pelo resto se vive. Te direi: logo que cheguei te escrevi ainda 2 cartas, mas não sei se as terá recebido porque as mandei para casa, mas espero que sim, porque estou aos 40 e 45 dias andando e as mandei multadas, isto é, a pagar o selo, porque são as mais seguras, e assim as expedirás também tu. Faz-me saber onde estão os meus irmãos Luigi e Giuseppe e saúda-os muito e saúda-me também Vedana Santo e meu cunhado Natale e quando escreveres para casa saudareis muito também tua mulher e minha mãe distintamente, e a família dos Lovat e os Tonet e todos aqueles que aí são obrigados.

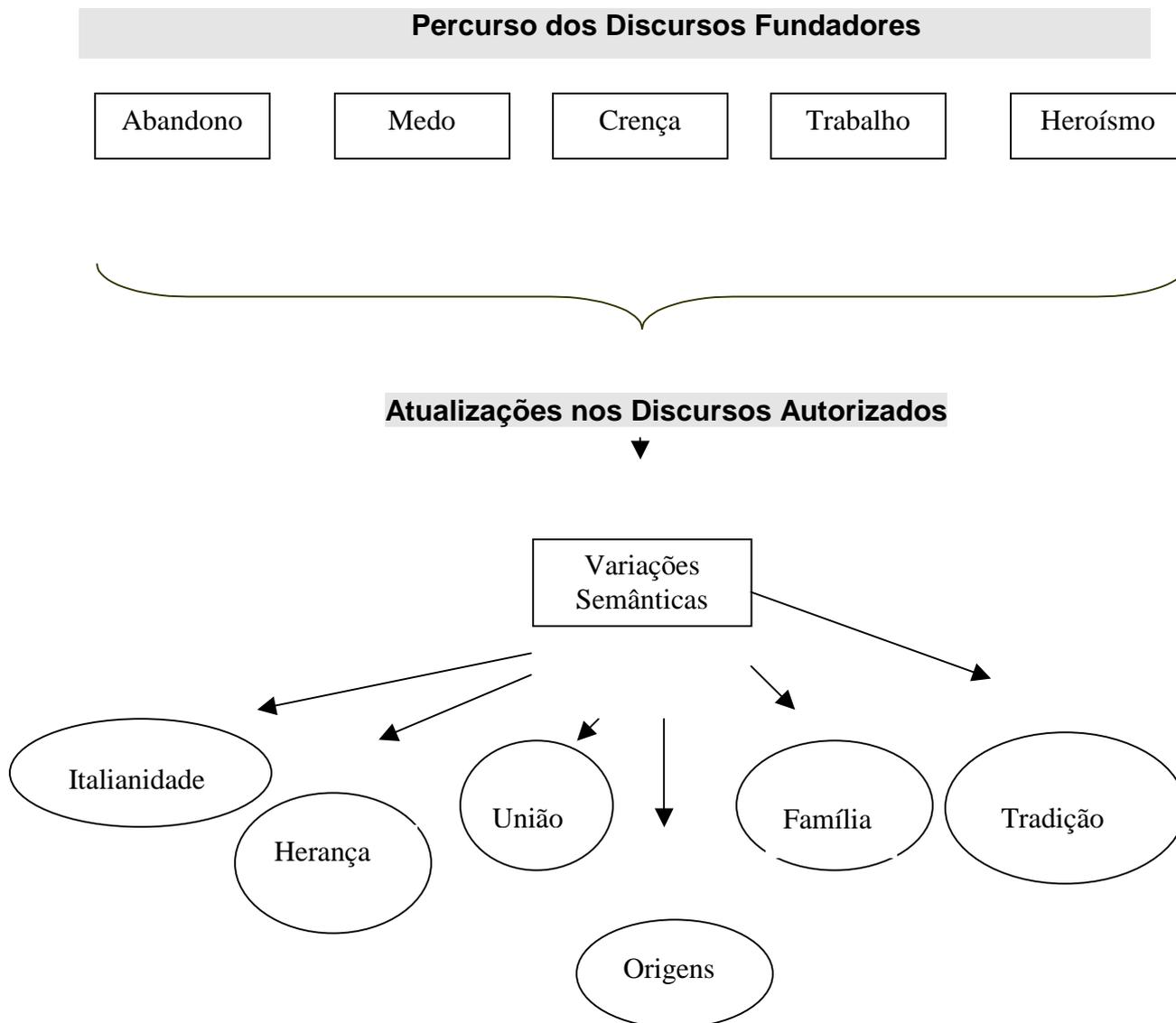
Fiquei triste de ouvir que os nossos trabalhos ainda estão embrulhados, mas espero que sejam concluídos logo. Adeus. Termino em saudar-te de verdadeiro coração unido à minha mulher e filhos e a Amália e afirmo de ser para sempre o teu fiel irmão Antonio Visentini. Adeus. Te escreverei ainda entre breve tempo.

Na segunda parte do estudo, é apresentado o reconhecimento dos discursos de fundação e de autorização. Para se aproximar da identidade cultural da região, é necessário compreender que o campo midiático e o campo da experiência se cruzam. A reprodução das práticas discursivas, instituídas no cenário social ocorre mediante um terceiro discurso: o refletido. Mas, somente a partir dos discursos de fundação e dos discursos autorizados é possível avaliar o discursivo refletido. E a formação dos campos midiáticos e da experiência favorecem o esquema **fundação** —————▶ **autorização** —————▶ **espelhamento**.

Portanto, reconheceremos no rádio, o dispositivo mediador que amplia os fragmentos de memória conservados, revisitados e reconhecidos pela comunidade agenciada. Veremos também como os efeitos de reconhecimento fazem do território geográfico o espaço de construção simbólica e, o quê legitima as identidades em negociação na Quarta Colônia: as metamorfoses e as articulações discursivas.

III - O CAMPO MUDIÁTICO E A PRÁTICA DISCURSIVA

Para compreender como o campo midiático constrói o discurso refletido, é preciso que fique claro o seguinte esquema:



O fenômeno identitário que acontece na região central do Rio Grande do Sul é revelado através de marcas discursivas encontradas nos discursos fundadores e nas autorizações discursivas dos agentes sociais, engajados no trabalho midiático.

A mídia é responsável pelas operações interativas entre o tempo e o espaço e é o lugar das negociações identitárias que, atualmente, responde pela prática dos sujeitos da Quarta Colônia.

Para compreendermos a influência midiática, buscarei, em Pierre Bourdieu, a noção de campo e, em Dominique Maingueneau a proposta de prática discursiva. Sabe-se que o sentido se estabelece nas comunidades sociais mediante as instâncias de produção, de circulação e de consumo das mensagens. Na primeira parte discuti os discursos fundadores da italianidade representativa na Quarta Colônia, através do espaço de **produção** de sentidos. Através do contexto histórico descrito, é possível perceber como os discursos fundadores são reatualizados nas experiências daqueles que são autorizados a reproduzi-los. Para a comunidade que consome os discursos de fundação através dos sujeitos autorizados, cabe o papel de refletir as práticas culturais e atualizar suas performances identitárias de acordo com os espaços que ocupam. As considerações levantadas na primeira parte do trabalho permitem-me falar agora do sentido num segundo momento, o da circulação.

A discussão iniciada nesta segunda parte procura estabelecer um diálogo entre os discursos fundadores, os autorizados e os reflexivos, configurando a **circulação** dos sentidos na experiência simbólica da Quarta Colônia. Quando à reprodução das práticas discursivas são instituídas no cenário social e o discurso reflexivo se estabelece, parti para o embate das práticas culturais identitárias que se chocam com as ofertas da italianidade e o lugar da brasilidade. Os discursos sociais ocorrem no reconhecimento e no consumo das marcas presentes nas fundações, nas autorizações e nos espelhamentos discursivos.

O terceiro momento do estudo é passível de análise sob o prisma do hibridismo e das mestiçagens que ganham amplitude nas vozes de Garcia Canclini e Jesus Martin Barbero. A proposta da terceira parte também inaugura os conceitos de performance e metamorfoses sociais a partir do reconhecimento simbólico, ou seja, permite pensar que, através dos discursos sociais, os sujeitos adquirem identidades passíveis de mudanças e alterações.

Retornemos à discussão de campo e de prática que inaugura a fase da circulação dos sentidos. O campo é uma fronteira dotada de racionalidades, de identidade e de cultura própria. Um campo pode agir com outros campos e espaços onde ocorrem as disputas de sentido. Os limites entre os campos, segundo Bourdieu (2003:31) “é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um

agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele produz”.

As fronteiras que os agentes sociais ultrapassam estão localizadas entre o rádio, a igreja, a política e a família. A constituição destes campos por onde os sujeitos são assujeitados e assujeitam acontece mediante a formação de regras que são específicas para cada um dos campos: o midiático, o religioso, o político e o familiar.

As regras visam à funcionalidade das leituras e das interpretações, porque será na relacionalidade dos quatro campos que a circulação dos sentidos ocorrerá. Na interferência dos campos, resulta a relação de subordinação entre o radiofônico (midiático) e os demais. A família, a política e a religião são orientadas por um princípio de unificação do campo midiático. A mídia constrói um espaço público que discute e dialoga com outros campos. Para Bourdieu, já citado

todo campo é lugar de uma luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios legítimos de divisão de campo. A questão da legitimidade surge da própria possibilidade deste pôr-em-causa, desta ruptura com a doxa que aceita a ordem corrente como coisa evidente. Posto isto a força simbólica independente da sua posição no jogo, mesmo que o poder propriamente simbólico da nomeação constitua uma força relativamente autônoma perante as outras formas de força social. (p.149–150)

O campo midiático atua na Quarta Colônia como agenciador de sentidos e faz isso mediante sua capacidade de produzir símbolos, de materializar os significados. Na economia simbólica e nas instâncias discursivas re-semantiza-se a noção de realidade e, conseqüentemente, a de identidade.

Através da narrativa radiofônica, formam-se cadeias enunciativas que instituem vínculos sociais entre os agentes interlocutores e os sujeitos moradores da região. A competência enunciativa ditada pela narrativa radiofônica, atuante no campo midiático e fronteiro com os campos político, religioso e familiar, tem o poder: 1) de designar a atualidade (passado+futuro=presente); 2) de construir o real (de italianidade); e 3) de fazer crer que a narrativa contada é verdadeira (limite entre o campo religioso e o midiático).

Portanto, a prática discursiva é aquela que inaugura “*um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, numa determinada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa*”. (FOUCAULT, *apud* Maingeneau, 1997:82)

O espaço e o tempo do qual falamos e analisamos fazem parte de gramáticas de produção, de circulação e de reconhecimento distintos, mas que se relacionam com o ambiente social contemporâneo na medida que discutem os processos de formação identitárias, o trabalho midiático e a organização teórica do pensamento latino-americano.

A aproximação da teoria dos campos e da semiologia dos discursos evidencia que os atores sociais constituem suas identidades e propõem novas formas de significar as relações sociais estabelecidas entre emissores e receptores de textos. Portanto, avaliamos, a partir de agora, a presença do rádio na constituição política da Quarta Colônia e seus efeitos de sentido como agenciadores de práticas sociais espelhadas nos discursos de fundação: passemos aos discursos refletidos.

III.1 O Rádio e as Disputas de Poder

O fenômeno midiático invade a cena discursiva e inaugura um campo de produção simbólica e de intervenções sociais. O campo midiático possibilita o entendimento da atualidade e a sua inteligibilidade através de operações enunciativas. As articulações da mídia ocorrem, portanto, no espaço discursivo, entendendo o discurso como prática social. Assim, os discursos são fundamentais para a compreensão das identidades, porque eles constroem as relações e os vínculos entre os sujeitos. Para Pinto (1999:24), os discursos

tem assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade, pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar 'dar a última palavra', isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso.

As operações discursivas emprestam à mídia o aparato controlador dos sentidos, e a cena social concede os artifícios para que os discursos produzam impactos. A produção dos vínculos identitários na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana ocorre mediante a intervenção radiofônica, quando a mídia toma emprestado as regras de produção e atualiza as ofertas à comunidade de imigrantes, que se constituem e se estruturam nos programas de rádio.

Neste lugar de enfrentamentos e de constituição de campos, as comunidades de imigrantes que se instalaram no Rio Grande do Sul preservaram a estratégia da subsistência e reproduzem-na nos textos circulantes, desde o século XIX. A tradição oral permitiu que as narrativas se mantivessem no tempo e se adaptassem aos novos tempos. Como a grande maioria dos imigrantes era analfabeta, os registros biográficos das histórias contadas nas famílias só vieram a acontecer recentemente, e muitos ainda se encontram em processo de tradução. E é justamente neste movimento de resgate e atualização que os jogos identitários ganham destaque. A convocação em massa passa a ser o registro de uma história que se rearticula em função de discursos construídos e endereçados à mídia.

Os artefatos comunicacionais nas colônias italianas são um fenômeno recente. No pequeno município de Ivorá, um dos formadores da Quarta Colônia, a comunicação acontece através de um sistema de alto-falante, instalado na torre da Igreja São José. Controlada e implementada pelo padre, a “rádio” é o único veículo que aproxima a população das instituições religiosas, políticas e educativas. Semanalmente, nas sextas-feiras, das 11h ao meio-dia, do interior da sacristia, o padre comanda um programa de variedades, com notícias da prefeitura, lembretes do Posto de Saúde e das escolas, além de evangelizar através do sinal emitido pela Rádio “Terceiro Milênio”.

Ligada aos aspectos de prestação de serviços e de pregação, a rádio alto-falante contribui para a manutenção das tradições orais do italiano imigrante, além de contribuir com a preservação das músicas que são rodadas após um bloco de notícias. O cenário encontrado na pequena Ivorá se explica pela religiosidade que une a comunidade da Quarta Colônia e fundamenta os laços de descendentes que herdaram dos imigrantes a necessidade de um imaginário em comum. Como todos os reais possíveis foram abandonados na Itália, os povos imigrantes que vieram para a ex-colônia de Silveira Martins encontraram na igreja um agregador social. Os indivíduos que não compartilhavam do ideal cristão, como os maçons por exemplo, foram se aproximando dos pequenos grupamentos cristãos e, ao longo do tempo, dissolveram-se na massa imaginária criada pela Igreja Católica, atuante na Quarta Colônia. Os pequenos grupos religiosos, que iniciaram no princípio do século XX as ‘histórias sociais’, restauram, através da Igreja, as estruturas simbólicas de comunidade. O ressurgimento da vida social e cultural se faz por mediação da Igreja, que organiza uma Quarta Colônia imaginada.

O papel mediador na formação dos grupos sociais e culturais da região é o rádio. E entre o ato de contar e o ato de escutar as mensagens radiofônicas, está a Igreja Católica. As principais fontes de informação, os propagandistas da *cultura italiana* e até mesmo os locutores são vozes de religiosos.



Fig.17 – Placa em homenagem aos imigrantes italianos – torre da rádio-igreja/Ivorá/RS



Fig.18 -Torre da Igreja funciona como rádio comunitária, através de sistema de alto-falante - Ivorá/ RS

O programa “Il nostri italiani” é produzido e apresentado pelo Padre Clementino Marcuzzo, maior incentivador e *repórter* da cultura na região de imigração italiana no centro do estado do Rio Grande do Sul, e ele próprio se autoriza como a voz dos imigrantes: ***“Aqui está o repórter da Quarta Colônia que vai dar as notícias pra você de todos os eventos culturais, religiosos, festas, turismo, tudo que vocês desejam saber da Quarta Colônia”.***

O padre é responsável pela organização e divulgação de várias festas na região. O distrito de Vale Vêneto, assistido pelo sacerdote, ganhou notabilidade no cenário simbólico da região. O apresentador do programa *Il nostri italiani* desempenha um papel socializador entre a função doutrinária da Igreja e a atividade social dos ouvintes. A liturgia religiosa se repete nas ondas do rádio e propaga um sentimento solidário de italianidade. O indivíduo isolado na sua teia cultural encontra no programa do Padre Marcuzzo alimento para abastecer sua memória e sua história de vida social e coletiva.

É bom recordar alguns provérbios também, para vocês recordarem que é na diversidade de culturas que está a riqueza de um povo. Se o nono, se o papai não conta para os filhos de sua vida, o que ele passou, é claro que os filhos não sabem de onde vieram e para onde vão. Por isso é bom ter em mente a árvore genealógica. Freqüentemente eu pergunto para os rapazes e as moças para que me digam o nome. Eu digo: _ Você é de origem italiana! _ Mas como é que o senhor sabe? _ Ora, é tão fácil descobrir pelo nome. Se descobre também se é alemão, se é polaco, se é francês ou inglês. É só prestar bem atenção. Bem, então é sempre bom manter a nossa língua, os nossos costumes, as nossas tradições. Isso é muito importante.

E foi num momento festivo promovido pelo Padre Marcuzzo em Vale Vêneto que também eu fui interrogada quanto a minha origem (e aqui entendo origem como lugar de partida das mais diversas situações): após o jantar ‘típico’ italiano, o padre comandava uma distribuição de brindes, do alto de um púlpito e, empunhando um microfone, ensaiava algumas perguntas aos sorteados que deveriam dirigir-se a ele para retirar os presentes. O meu número era o dezoito. E como os números sorteados obedeciam unicamente à vontade do padre, ele disse: “este é o décimo oitavo festival, então o número sorteado é o dezoito.” E lá estava eu, na confusão dos papéis, não sei se pesquisadora ou festeira, com o número dezoito na mão. Quando encontrei com o padre, o segundo estranhamento: qual o meu nome. Em meio aos ‘italianos’, sou Mortari e o padre exclama sua grande descoberta: “é italiana! Parla italiano?” E no embate de posições, só consigo responder “così, così.” Recebi meu presente e a (in) certeza de que os lugares são transitórios, mas também são demarcados por agentes

sociais que participam ativamente da construção histórica do presente. Ali entendi o poder simbólico.

Na cena social que se desenhava naquela noite, foi possível perceber que são nas relações sociais que o poder simbólico ocorre. Em dinâmicas entrecruzadas por práticas discursivas, a realidade foi recortada e classificada segundo as regras de vozes autorizadas: participávamos de uma encenação em que os discursos eram os bens simbólicos e a identidade social de cada um dos mais de 300 comensais dependia do jogo. E para ser aceito no “time” era preciso responder a difícil pergunta: qual o seu nome?

Cabe ao padre, a voz institucionalizada, legítima e legal, sentenciar quem participaria do jogo. E ele faz isso em função do capital simbólico que lhe é delegado. Segundo Araújo (2000:02),

a legitimidade discursiva é determinada por outros fatores além da posição social e institucional do poder econômico e social dos falantes. Passa por interesses individuais, grupais e de classe (contexto existencial), pela história das relações institucionais anteriores e pela força de mediação discursiva (contexto situacional), pela ocorrência de outras falas (contexto intertextual) etc. É o reconhecimento de um discurso como legítimo, pelos receptores, que instaura as relações de poder que lhe são inerentes.

Com o poder que lhe cabe, a figura religiosa comanda também a cena midiática. O contexto comunicacional é decisivo para que as outras experiências textuais ocorram. No programa de rádio semanal, já há um agendamento ‘identitário’: só se participa dos festejos e das interações culturais da Quarta Colônia aqueles que já foram pré-dispostos ao discurso midiático. E o rádio é o agenciador dessas práticas culturais. Através dele determinam-se comportamentos e vínculos que serão retomados no convívio coletivo.

O poder autorizado ao líder religioso é o de falar e de agir em nome do grupo por ele representado. Como coloca Bourdieu, os porta-vozes assumem o lugar do grupo e são, por sua vez, construídos ficticiamente pelo grupo. O homem que tem o direito de falar pela Quarta Colônia é uma figura caricata e essencial para a sobrevivência da italianidade. Em muitos momentos, ele é a própria Quarta Colônia.

Na ilusão de ser e de representar, a região de descendentes de imigrantes italianos só existe pela delegação de um porta-voz que a faz existir, falando por ela: “o círculo fica então fechado: o grupo é feito por aquele que fala em nome dele, aparecendo assim como o princípio do poder que ele exerce sobre aqueles que são verdadeiro princípio dele” (BOURDIEU, 2003:158).

A eficácia do poder simbólico depende do exercício político. E se a Igreja é uma instituição aliada aos meios de comunicação de massa, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que ela autoriza a existência do grupo social, desautoriza a existência de outros. Nesta *mágica* operação, comandada pelo discurso político, iniciou, em meados de 2003, uma discussão sobre a existência da Quarta Colônia: o que era e quem eram os formadores do grupo. Abre-se a discussão para várias vozes que devem permitir ou não a agregação de dois outros grupos (um alemão e outro português) ao bloco italiano. E reveladora é a posição do Padre Marcuzzo: “**com dois municípios a mais criamos um bloco mais forte. Não podemos querer que a Quarta Colônia seja exclusiva dos italianos.**”

O poder da criação é marcado na fala do agente social. O mistério da magia social se repete nesta pequena comunidade que possui fronteiras que são, ao mesmo tempo, simbolicamente resistentes e economicamente porosas. A discussão da agregação ou não dos municípios à Quarta Colônia vai ao encontro à idéia de região, também proposta por Bourdieu na obra que trata do poder simbólico. Primeiro, a definição no campo geográfico: é o espaço originalmente habitado pelos imigrantes italianos chegados no século XIX. Segundo, o lugar dos cientistas econômicos: em 1993 foi criado o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (Condesus), que prevê o crescimento econômico aliado ao patrimônio cultural da região e que convidou, portanto, Restinga Seca e Agudo, para fazerem parte do ‘ambiente’ italiano. E, terceiro, o lugar identitário: a regionalização permite que, através da linguagem, do dialeto e dos hábitos, condicione-se uma etnicidade ligada à origem através do **lugar** de origem.

Polêmica à parte, é uma bela Colônia

A inclusão de Agudo e Restinga Seca na Quarta Colônia ainda promete render léguas de polêmica. Mas nada que retire da região os seus grandes atributos: natureza privilegiada, economia dinâmica e diversificada e uma população que tem no sangue a virtude da simpatia e de saber acolher.

Nestas duas páginas, o Diário mostra detalhes sobre a colonização, história e população que ajudou a dar à Quarta Colônia a fisionomia que ela exhibe hoje.

A reportagem segue nas páginas 18 e 19 com uma galeria de nove personagens, cada um deles morador de uma das nove cidades da região. Figuras como o acordeonista Protógenes de Mello, de Restinga Seca, que percorreu três países em um dia para levar sua arte, e o fabricante de vassouras de palha Ivo Pesamosca, de Nova Palma, que desde 1934 sustenta a família com o artesanato que produz.



Fig.19 – Mapa do poder: os limites geográficos e simbólicos da Quarta Colônia. Jornal Diário de Santa Maria, 31/08/03

Portanto, o poder autorizado pelo padre se reforça na força criadora e na capacidade agregadora de identidades. A região não é *exclusiva dos italianos*, mas é maleável para re-fazer-se simbolicamente. Por isso que o “discurso regionalista é um discurso performático, que tem em vista legitimar uma nova definição de fronteira e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada – e como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora” (BOURDIEU, 2003:116).

O poder circulante na região observada, por um lado, obtém no aparato radiofônico, forças para manter um discurso hegemônico num espaço cultural do qual retira fragmentos do real. E, por outro, as vozes autorizadas utilizam o rádio como instrumento de poder para deixar marcas nas comunidades envolvidas na construção da Quarta Colônia.

O rádio se define como o delimitador do espaço – geográfico, cultural e identitário. A partir dele, a audiência é conduzida a cenários simbolicamente construídos e nas mensagens produzidas nos programas para a “comunidade italiana da quarta colônia” e que se associam aos discursos fundadores.

III.2 “Parla” Quarta Colônia: o Discurso Reflexivo

A importância dos programas de rádio para a conservação das tradições italianas deve-se muito ao caráter repetitivo da fala no rádio. Sem o formalismo da linguagem no jornalismo impresso e do controle televisivo, os programas de rádio permitem ao locutor construir um discurso “da verdade”, com uma narrativa compulsiva, que não admite indagações: em caso de dúvidas, repetem-se as mesmas idéias e, se não houver questionamentos, repete-se da mesma forma, confirmando que tradição é repetição.

Os programas de rádio destinados à comunidade da Quarta Colônia exploram o potencial comunicativo da tradição e fazem-no em programas de variedades, serviço e entretenimento. A prática radiofônica redescobriu seu potencial informativo quando se aliou à persistência da tradição italiana na região: há o desejo de se identificar coletivamente, de reconhecer características comuns a outros, de ligar o presente e o passado no mesmo instante comunicativo. Para GIDDENS (1997:80) “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente”.

A conjunção entre o passado e o presente nos programas de rádio analisados considera a tradição ligada à memória. Segundo uma reconstrução social e coletiva, fragmentos de discursos anteriores permitem formular uma rede intertextual, a qual Dominique Maingueneau (1997) definiu como *enunciados inscritos na história*. A constituição do discurso reflexivo ocorre mediante a interdiscursividade com a gênese discursiva. Sabe-se que não há um discurso de fundação, por isso proponho pensar as cartas dos imigrantes italianos como discursos fundadores, ou seja, enunciados que já foram ditos e que, ao se organizarem, formam novos enunciados. Elegi os discursos fundadores não porque foram os primeiros, mas porque são peças importantes para as formações discursivas atuais.

Passar dos discursos fundadores para os reflexivos não significa o abandono da perspectiva primeira; a proposta agora é somar, aos textos fundadores, discursos que os fazem fundadores. Precisa-se entender como as narrativas se reconstroem no processo de AUTOCONFRONTAÇÃO, do encontro do mesmo com o outro. Portanto, os discurso reflexivos não tratam de

reflexões, mas de um espaço onde os indivíduos se constituem através de uma interação discursiva complexa.

Os produtores textuais que organizam os programas de rádio destinados à Quarta Colônia ocupam um conjunto de posições manifestas no discurso radiofônico e que vestem os guardiões da tradição italiana: são religiosos, políticos, economistas, ativistas sociais, cabos eleitorais, etc. Através dos programas de rádio produzidos por estes animadores sociais, conservam-se as comunidades discursivas.

Os rituais mantidos pelas tradições estão guardados por indivíduos autorizados e que, no momento adequado, utilizam uma linguagem performativa que repassa o que lhes foi confiado. Os guardiões da tradição são os principais mediadores da *história da Quarta Colônia*. Cabem aos guardiões os discursos reflexivos.

A articulação dos textos acontece em diferentes cenários, exigindo da audiência modificações na maneira de consumir os sentidos. Os lugares da produção e de circulação dos textos podem ser ocupados individual ou coletivamente, como se verá nos exemplos a seguir. Entretanto, exigem uma participação ativa e interpretativa de ambas as partes, já que os textos transitam por diferentes gêneros, idades e classes sociais.

Os contratos sociais são reorganizados em função dos vínculos estabelecidos entre a produção e a audiência dos programas radiofônicos. Os sentidos dilacerantes entre o progresso do futuro e a tradição do passado necessitam de regras que incorporem o novo e o velho e que reeditem os mesmos acontecimentos com uma roupagem mais moderna. A circulação dos sentidos produzidos na Quarta Colônia deve, ao rádio e a seus produtores, o encontro entre a comunidade em mutação e a sociedade que nada produz de qualitativamente novo.

Interdiscursividades

Para entender a relação entre os discursos fundadores e os reflexivos, recorro ao interdiscurso, que figura no domínio da memória e que consiste, conforme Marandin citado em MAINGUENEAU, 1997:113,

em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.

A interdiscursividade revela que os discursos que transitam na região da Quarta Colônia não se configuram apenas como intertextuais – supondo a presença de um texto em outros textos, mas que lá emergem discursos igualmente importantes, que coexistem nos mesmos textos. Para Fairclough o princípio da interdiscursividade pode ser aplicado nas ordens do discurso societária e institucional, nos tipos de discursos e nos elementos que constituem os discursos.

Os discursos reflexivos ocupam os limites das ordens e passam a ser desenhadas de acordo com as tomadas de posição discursivas: quem fala, o que fala, onde fala, para quem, quem escuta, quem pratica, quem se identifica. A análise dos discursos reflexivos a partir da interdiscursividade dialoga com outros textos, a partir de vestígios e de convenções sócio-culturais. A heterogeneidade mostrada²⁷ também marca os discursos reflexivos através da intertextualidade, mas é através da heterogeneidade constitutiva – interdiscurso, que os jogos de poder se manifestam, na citação inconsciente diante de um contexto social e histórico determinante para a construção simbólica da Quarta Colônia.

²⁷ Em *Comunicação e Discurso: Introdução à análise de Discursos*, Milton José Pinto explica as heterogeneidades a partir das múltiplas vozes que tecem um texto. Segundo o autor (1999:27), a heterogeneidade mostrada é caracterizada “pela manifestação, localizável pelos receptores/intérpretes (...) a partir do contexto situacional imediato, de uma multiplicidade de outros textos citados de maneira unívoca ou aludidos pelo texto presente”. Quanto à heterogeneidade constitutiva ou interdiscurso é, continua o autor, “constituída pelo entrelaçamento no texto presente de vestígios de outros textos preexistentes, muitas vezes independentemente de traços recuperáveis de citação ou alusão e segundo restrições sócio-históricas culturais sobre as quais o (s) autor (es) empírico (s) do texto não tem controle”.

Exemplo 1: Programa “Conheça a Quarta Colônia” – Rádio Imembuí, 23 de novembro de 2002.

“(...) Eu quero deixar uma homenagem aqui, juntamente com o Jornal Cidade do Vale, ao seu Policario Benedito Argenta. Uma pessoa muito simpática e que eu tive a oportunidade de entrevistar. Um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial que faleceu em Dona Francisca.

O coração de Policario Argenta parou de bater. Terminava aí a trajetória bonita de um franciscano que nasceu em 23 de março de 1922. Seu Policario era um dos últimos pracinhas da Segunda Guerra Mundial. Ao servir em Cachoeira do Sul, no ano de 44 e ao final do mesmo, foi escalado para ir à guerra. Viajando primeiro para Porto Alegre para fazer inspeção de saúde e posteriormente, no Natal, embarcou de Maria Fumaça ao Rio de Janeiro, numa viagem que durou oito dias. Em fevereiro de 45, juntamente com 5500 homens, embarcou no navio Itália após a despedida oficial do Presidente Getúlio Vargas. A viagem também durou oito dias, tendo desembarcado no porto de Nápoles.

No combate do Monte Castelo, o ex-pracinha deixou narrado em um caderno, que, depois, seu neto Thiago repassou para o computador: na batalha foram quase 10.000 tiros de metralhadora disparados por Policario contra os alvos inimigos. Sangue e morte por toda parte fizeram a memória do ex-combatente da jornada fatídica da Segunda Guerra. Ao final desta, ao retornar ao Brasil no ano de 1945, seu Policario casou-se com Dona Eumedita Bortolotto, de Dona Francisca. O casal teve quatro filhos, e a prole aumentou com quatro netos. Filho de casal de imigrantes italianos – João e Ana Argento - Policario era um católico praticante e que sempre que solicitado, trabalhava como festeiro na paróquia franciscana. Exemplo de retidão e honestidade, comentava pouco sobre sua vida militar, mas sempre deixou transparecer o orgulho de ter ajudado a construir a história nos episódios mais marcantes do século passado.

Eu quero deixar aqui o nosso reconhecimento, o nosso carinho a essa pessoa fantástica que como eu já disse, eu tive a oportunidade de conhecer, de

entrevistar. Então a nossa homenagem a toda a família do seu Policario Argenta. Uma pessoa batalhadora que foi para a Segunda Guerra Mundial e que fez história. Deixou marcada a sua história. E ele nos contou com muito carinho e muito emocionado essa história bonita e triste da Segunda Guerra Mundial.

Então, a nossa homenagem a ele no programa de hoje. Vamos ouvir uma música homenageando ele que gostava muito da cultura italiana e da música italiana”.

A proposta deste estudo é mostrar como as identidades culturais são negociadas em uma região de descendentes de imigrantes italianos, sem expressividade econômica no cenário estadual, com fortes disputas políticas, com a presença marcante da Igreja Católica e com a hegemonia dos programas de rádio que agendam a retomada do passado e a mobilização social em busca do “ser italiano”. O encontro com a identidade, trazida nos navios do século XIX, garante os discursos reflexivos, permitirá vencer o problema econômico, político e cultural e manterá a supremacia religiosa.

As cartas transcritas na íntegra e selecionadas entre tantos outros manuscritos guardados pelo Padre Luizinho Sponchiado, nos possibilitam a percepção das retomadas de sentido, através da interdiscursividade, presente nos fragmentos relatados nos programas de rádio.

O programa “Conheça a Quarta Colônia”, transmitido pela Rádio Imembuí (a mesma índia protagonista da lenda santa-mariense), vai ao ar todos os sábados, das 9h às 10h30, e é produzido e apresentado pela “italianíssima” Cátia Dalmolin. Descendente de italianos, a jovem apresentadora não foge muito das regras de produção dos programas *para* italianos: histórias, músicas folclóricas, aviso das festas que acontecem na região e voz autoritária da “original” italianidade.

Além das características comuns aos demais, o programa “da Quarta Colônia”, como é reconhecido e nomeado por Cátia, revela traços da participação política e econômica da apresentadora. Enquanto membro da Associação Italiana de Santa Maria, constantemente viaja para São Paulo e para o norte da Itália em busca de parceiros que queiram investir na região.

Em novembro de 2002, foi realizado em São Paulo o Encontro de Jovens Oriundos do Vêneto, o qual teve a participação da apresentadora. Durante o programa, após o seu regresso, Cátia dedicou um longo tempo, relatando o Encontro e o interesse do assessor de política e fluxo migratório da região do Vêneto/Itália em conhecer os projetos da região. Entre os principais apresentados por Cátia, citam-se os *“pedidos de bolsas de estudo para diversas áreas, para jovens da nossa região e também a flexibilização perante o governo do vêneto com a questão da cidadania italiana. A gente sabe que muitas pessoas querem ir, querem estudar e não tem a cidadania italiana; então, a gente fez esse pedido (...)”*.

Conseguir a cidadania italiana para descendentes é uma das tarefas da Associação Italiana, que cobra um valor considerável para tanto. A estratégia discursiva utilizada pela apresentadora é a da doação e contra-doação. A representação política que assume e o papel de intercessora dos desejos da Quarta Colônia revelam a troca de lugares comuns entre os produtores de programas de rádio. E a apresentadora se doa em prol dos desejos da comunidade, mas, da mesma forma, seu discurso exige dos ouvintes a busca pelas suas origens, o despertar da vontade de ser italiano e de ir para o país de origem (re) encontrar a “cucagna”.

Nas observações com a comunidade da Quarta Colônia, pude perceber que o desejo despertado pelos agenciadores discursivos procede. Muitos acreditam numa Itália fantástica e que os espera de braços abertos. Sonham com os parentes que “deixaram” e que os aguardam em grandes festas.

O jogo do dar e do receber que movimenta o discurso político, presente também nos fundadores quando incentivam ou desmobilizam potenciais imigrantes e que se mostra neste pequeno fragmento da fala da apresentadora, desperta desejos e ilusões na audiência que, muitas vezes, lança-se na aventura de buscar a “terra esquecida”. Dos relatos mais significativos, ficou o de um grupo da terceira idade que almoçava, entusiasmadamente, numa das festas da região. Quando perguntei se já haviam visitado a Itália, animados, disseram que sim. Um, entretanto, levantou a cabeça, encarou o grupo e disse-me que lá não voltaria mais. Tudo era muito velho, as praças estavam em ruínas e as estátuas, sem braços. Morar? Jamais. O lugar deles é a Quarta Colônia.

Quanto aos mais jovens, que buscam estudos e oportunidades, um exímio professor de línguas foi fazer um aperfeiçoamento em língua italiana.-“o que mais gostou? - eu perguntei. “quando, do avião, na volta, avistei o Brasil”- respondeu-me. Desejos e contra-desejos são marcas da interdiscursividade nos textos que circulam na Quarta Colônia.

Na alteridade discursiva detectada, o exemplo 1 é um tipo de texto em perspectiva narrativa, semelhante à primeira carta transcrita nos discursos fundadores. As referências dêiticas ou contextuais marcadas pela passagem dos pronomes eu, nós, nosso e das referências a uma pessoa ausente da qual se está autorizada a falar (eu + alguém) – *“juntamente com o jornal Cidade do Vale”*, *“eu e minha família”* – convidando o receptor a acompanhar o narrador no desenrolar da história contada.

Com uma operação de extração – *“uma pessoa muito simpática”*, *“um ex-combatente da segunda guerra”* – a locutora apresenta o sujeito do qual se vai falar. A pausa, que vem em seguida, marca a passagem do tempo narrativo. A operação de extração inicial reforça a idéia de que se vai falar de um membro do grupo, de um simpático herói italiano que faleceu na Quarta Colônia. Poderia ser qualquer um de nós!

As anáforas iniciam os textos que, preocupados em manter a lógica cronológica e histórica, recorrem a datas e a dias santos para ajudar o leitor a se localizar, comprovando a influência católica na formação discursiva dos colonos – *“o dia do santo natal”, “no natal”*. No programa “Nossa Tradição Italiana”, do Padre Clementino Marcuzzo, também aos sábados, pela Rádio Guarathan, numa passagem em que ele convida os ouvintes para participarem da Festa de Sant’ana, explica como era antes e como é agora a comemoração dos dias santos:

“No passado, no mês de julho, no dia 26 de julho (dia de Sant’ana), acontecia no dia de semana. VOCÊ SABE que após o concílio muitas festas passaram para domingo, MAS NA REGIÃO ITALIANA sempre se comemorava a festa no dia do santo, nos dias de semana se fazia a festa. TODO MUNDO IA para a missa, comiam, bebiam e se divertiam assim. Neste domingo, dia 29, VOCÊ ESTÁ CONVIDADO a participar da carreata que parte da matriz às 10h rumo à capela onde haverá missa, almoço italiano com jogos e muitas atrações turísticas.

As palavras em destaque são operadores de inclusão, o ouvinte participa do momento discursivo e, portanto, sente-se italiano.

Retornando ao texto de Cátia Dalmolin, há um importante aspecto nas linhas 15 e 16 que mostra o cuidado com a memória e sua recuperação nas biografias familiares. A presença das novas gerações – o neto – guardando o passado se explica pelas intensas campanhas do encontrar-se e do fazer-se italiano, com todos os adjetivos e valores que acompanham esse resgate. Na carta que a família Taschetto envia à Itália, também se confia a um segundo interlocutor o registro de suas memórias; neste caso, os autores solicitam-no porque eram analfabetos, e suas palavras corriam o risco de se perderem em outras mãos. No caso do ex-pracinha, a apresentadora garante que as histórias do herói de guerra serão resguardadas pelo aparato tecnológico, mas e quem assegura a fidelidade das palavras?

No discurso da apresentadora da Rádio Imembuí, também se percebe que a construção do texto não é espontânea como são, geralmente, os textos em rádio. As preocupações com os registros históricos forçam os guardiões a prepararem seus textos e produzirem seus discursos que, geralmente, remetem-se aos fundadores.

Os discursos reflexivos apresentam, invariavelmente, os adjetivos como conectores de sentidos nos textos. Não se trata *apenas* da história de vida de um ex-pracinha, mas de um franciscano, reto e honesto, fantástico, batalhador e apreciador da cultura italiana. É a partir dessas marcas que a auto-confrontação se manifesta. Mesmo participando de uma guerra e com todos os horrores que se pode experimentar, o que deve permanecer para os receptores é a certeza de que vale a pena o sacrifício, o abandono e o sofrimento porque, no final, sempre haverá um adjetivo qualificando a sua história. Como na carta do imigrante Gio Mizzan transcrita anteriormente: “*na viagem, nasceram três e morreram sete.. eu e minha família, graças a Deus, estamos com perfeita saúde (...)*”.

As histórias se constroem nos discursos, e o legado de fazê-las independe da vontade do protagonista: “comentava pouco sobre sua vida militar, mas sempre deixou transparecer o orgulho de ter ajudado a construir a história

(...)”. Na Quarta Colônia, o rádio dissemina biografias e relatos de experiências que se legitimam como fatos históricos da região. E são esses interdiscursos que fazem da região a “Quarta Colônia”. A sobrevivência do lugar depende dessas marcas históricas e de seus guardiões que as espalham pelas ondas do rádio: “*e ele nos contou com muito carinho e muito emocionado essa história bonita e triste*”.

É tão importante esse ato de contar e de ouvir histórias e a oportunidade de fazê-lo através do rádio, que um neto de italianos, já na casa dos sessenta anos, desestimulava-me a falar com uma filha de imigrantes de quase cem anos. “Ela não lembra mais nada”, argumentava ele. “E mais”, continuava o jovem senhor, “ela não viveu, mas ouviu as histórias, eu também as posso contar”. O ouvi, e não pude deixar de perceber que, ao reavivar aquelas histórias, elas pertenceram-lhe um pouco mais.

Exemplo 2 – Programa “Il Nostri Italiani”- Rádio Guarathan, 28 de setembro de 2002

“Contamos com os seguintes patrocinadores: Bortoluzzi Mudanças... nós vamos falar logo mais sobre a festa que a família Bortoluzzi vai fazer lá em Nova Veneza, Criciúma, Santa Catarina, e você vai ficar sabendo quantos Bortoluzzi tem no mundo hoje; preste bem atenção. Eu quero mandar um abraço para o meu amigo Tomás que está pesquisando e juntando toda a raça dos Bortoluzzi que é uma das mais populosas do mundo, eu acredito. (...)

A família Bortoluzzi é uma das mais numerosas e tem catalogados todos os membros no mundo inteiro. Você sabe que tem um documento que prova. A pesquisa começou sabe em que ano? 1300. Até lá você chega, depois você se perde, não encontra mais, é muito difícil. Até 1300, a gente chegou com a pesquisa, mas a família Bortoluzzi começou em 1300 a pesquisar, não só no Brasil, nos Estados Unidos, mas em todos os países do mundo. Então a família Bortoluzzi vai se reunir comemorando esta data histórica da chegada dos nossos imigrantes também, que foi entre 1877 e 78. Então eles têm catalogados 160 milhões de pessoas e, nos dias 12 e 13 de outubro, acontece lá, em Nova

Veneza, Santa Catarina, o terceiro encontro com o seguinte lema: União, Amizade e Fraternidade (unione, ameticia e fraternitá).

Dia 12, às 18 horas, há recepção das caravanas do Brasil e da Argentina com coquetel. Às 20 horas, show pirotécnico. Às 21 horas, jantar e baile. No dia 13 de outubro, haverá missa, bênção especial para as famílias e almoço. Durante a tarde, reunião dançante. Os imigrantes Bortoluzzi, estabelecidos no Brasil a partir de 1877 e 78, são provenientes da região do Vêneto, da província de Beluno e Treviso. (...)

Você sabe onde estão as famílias Bortoluzzi lá na Itália? Eu estive lá, visitei muitas famílias conhecidas. Eles vêm do Vêneto; o Vêneto abrange as regiões de Trento (...) Na província de Beluno tem 308 famílias, 308 famílias Bortoluzzi. Na província de Treviso, tem 215 famílias; e na província de Veneza, 181 famílias. E, na província de Friuli, Veneza Julia, temos 61 famílias Bortoluzzi. Então vocês vêem que a família Bortoluzzi é muito numerosa no mundo todo. Isso é bonito, recolher todas as famílias, não é, seu Jorge, você não fez ainda sua árvore genealógica? Tem um ditado que diz assim: se você não sabe quem é, não sabe de onde veio, não sabe para onde vai. Então se perde, né? É bom sempre recolher todos esses dados que são importantes. Hoje se consegue a cidadania também. Eu também sou da família Bortoluzzi e me orgulho de ser desta raça.”

O principal objetivo ao transcrever parte dos programas de rádio transmitidos para a Quarta Colônia é ilustrar a interdiscursividade referida anteriormente e a ação dos discursos reflexivos na constituição das identidades nas relações sociais, e sugerir a ambivalência das experiências individuais.

O programa de rádio conduzido pelo Padre Marcuzzo é um dos mais antigos da região. Legítimo incentivador e mobilizador das identidades culturais da região, o religioso é figura central na formação simbólica, política e econômica da Quarta Colônia. O rádio é o veículo doutrinador do padre pallottino, grande incentivador do turismo na região. Chegou a manter uma pousada em Vale Vêneto e, em todas as edições do programa, divulga as festas e os eventos promovidos pelos municípios integrantes do bloco italiano.

É comum no discurso do padre a heterogeneidade textual, ou seja, há uma diversidade de gêneros utilizados nos textos que se relacionam em diferentes formas. Esta estratégia discursiva é um tipo de conhecimento do lugar ocupado. A mudança da narração para a entrevista, do texto publicitário para o político, do religioso para o turístico, revela a complexidade e a ambivalência dos sentidos que circulam na Quarta Colônia.

No exemplo dois, há uma cumplicidade do apresentador com a família promotora da festa. Este tipo de atividade vem crescendo nas cidades que receberam os imigrantes no século XIX. Sempre que há a iniciativa de reunir os indivíduos que têm o mesmo sobrenome ou que mantêm algum tipo de parentesco, o padre se esmera em divulgar a festividade e de falar o que sabe, ou o que ouviu falar sobre a família. Em algumas festas que o padre divulga, ele informa seu parentesco com aquela família, levando-me a concluir sobre a sua *multiplicidade* italiana ou o seu *todo* imigrante. Nada mais verdadeiro, tratando-se do Padre Clementino.

Ao iniciar o programa “Il Nostri Italiani”, nos sábados, às 10 horas da manhã, pela Rádio Guarathan, saúda seus ouvintes em várias línguas e elenca um rol de patrocinadores que anunciam no programa. A maioria deles nominados pelo próprio locutor nos blocos dos comerciais e, além de ofertar os produtos e serviços das empresas anunciantes, trava um diálogo “familiar” com seus apoiadores.

No primeiro parágrafo do exemplo dois, verificamos a presença do discurso publicitário e da sua conversão em texto informativo. As marcas cotextuais *eu*, *nós*, *nosso*, estão em segundo plano diante das referências diretas e dos imperativos “*você vai ficar sabendo*”, “*preste bem atenção*”, “*sabe em que ano?*”, “*você sabe*”, fazendo o receptor participar do texto. A característica peculiar ao texto publicitário e sistematicamente incorporada ao discurso ambivalente, coloca a audiência no discurso reflexivo e permite a produção e o controle das ações e a orientação dos conhecimentos da audiência.

O segundo trecho da transcrição deste discurso genericamente misto trata dos números de pesquisas realizadas e que o produtor anuncia em seus programas. Datas, cifras, genealogias são a especialidade do padre “historiador”.

Não há a citação das fontes consultadas; os dados são autorizados pela voz legítima do guardião que compartilha seu saber com sua audiência.

Além da inclusão dos ouvintes no texto, os dispositivos totalizantes não deixam dúvidas do caráter verídico dos textos: “*em todos os países do mundo*”, é *muito numerosa em todo mundo*”. Assim também o deslocamento do sentido de lugar que acontece quando o padre diz: “*no dia 12, às 18 horas, haverá a recepção das CARAVANAS DO BRASIL E DA ARGENTINA*”... Em que lugar as caravanas chegarão? Em Nova Veneza, Santa Catarina, Brasil? Ou será num espaço construído para receber os imigrantes estabelecidos no Brasil, a partir de 1877? Com esta afirmativa, entende-se que o espaço é ocupado por *italianos* e em tempo de *italianos*. Assim se constituem discursivamente as identidades culturais na região, nos vazios, nos silêncios. Em nenhum momento do texto se encontra a palavra *brasileiro*, quando aparece *Brasil*, é no sentido de estrangeiro.

Outro recurso que define o texto como argumentativo é o uso de figuras de retórica: a anadiplose - “*tem 308 famílias, 308 famílias Bortoluzzi*”, e o polissíndeto, repetição seguida de forte entonação do conectivo *E – e na província de.., e na província...* Também a conclusiva - “*então vocês vêem que a família Bortoluzzi é muito numerosa no mundo todo*”, reforça o caráter persuasivo e dissipa possíveis dúvidas dos ouvintes. Logo em seguida, o padre introduz uma terceira pessoa em seu discurso: Jorge é o novo programador do “Il Nostri Italiani” e foi apresentado no início do programa como português (do Nascimento), auxiliando-o, através de um discurso informal, a convocar seus ouvintes para montar suas árvores genealógicas. Este tipo de “obrigação fraca” é para dizer à audiência que eles precisam se conhecer, como italianos, de preferência.

A figura apóstrofe aparece no ditado citado. Indiretamente se solicita ao interlocutor que assuma a atitude sugerida. Atitude que lhe garantirá a cidadania, mas não a *dupla* cidadania. A omissão do adjetivo altera o sentido da palavra cidadania. Para ser cidadão, é necessário recolher seus dados, saber de onde veio e para onde vai. Novamente os vazios são significativos na construção dos discursos reflexivos para a negociação das identidades

Assim como no exemplo 1, quando a locutora encerra seu texto mostrando seu lugar autorizado de guardião; no discurso do padre Marcuzzo, ele se faz um entre os Bortoluzzi e qualifica, com orgulho, sua participação naquela

raça. Vestígio da segregação étnica construída ao longo do texto, reforçada pelas omissões, silêncios e vazios do discurso argumentativo.

O texto do Padre Marcuzzo pode ser comparado à carta da família Taschetto já citada. Na correspondência, há o ardente desejo de voltar para a Itália, há o desespero de não encontrar o lugar sonhado – “*esta é a fortuna que dizem haver aqui na América*”, referindo-se à exploração e aos perigos de vida. O discurso atual não é o da súplica, como no primeiro, mas reedita as esperanças da volta, a confiança do trabalho na Itália e o apoio da família que por lá ficou.

A interdiscursividade dos discursos reflexivos ocorre mediante a seleção de significantes e a formação de significados nas expressões cunhadas pelos imigrantes. Eles permaneceram e venceram; *nós retornamos triunfantes*, mesmo que o retorno aconteça em solo brasileiro. O voltar simbólico é parte da memória narrativa das comunidades italianas de Santa Maria e arredores.

Nas festas de família, as quais se remete o locutor no exemplo dois, duas me marcaram especialmente: a primeira, dos parentes do meu marido cujo sobrenome é Mainardi e a segunda, dos Carlosso, meus familiares por parte de mãe.



Fig.20 – Brasão da família Mainardi

A festa dos Mainardi é preparada por uma equipe a cada dois anos e em municípios diferentes. As atividades iniciam com grande antecedência e os preparativos são intensos. No dia da festa, cedo da manhã, chegam pessoas

claras, de baixa estatura e olhos verdes, despertando um estranhamento diante da minha *brasilidade*. Havia uma grande confraternização, mesmo entre os que não se conheciam e que eram muitos. Uma celebração eucarística abriu o encontro, e as leituras bíblicas remetiam ao êxodo, ao trabalho, ao sacrifício, à crença no poder divino e à vitória. O coral entoava músicas em italiano que poucos conseguiam acompanhar. Ao final, havia uma urgência em saber quais cidades estavam representadas e quanto eram os participantes.

Descobrem-se argentinos entre os parentes e lamenta-se o número reduzido de participantes em relação à festa anterior. O almoço, *típico italiano*, veio seguido de um longo e demorado relato sobre os imigrantes da família Mainardi. A história já foi registrada até em livro e, em breve, haverá um memorial da família Mainardi com TODOS os registros captados entre os imigrantes. Conversando com o idealizador do projeto, ele me chamou a atenção sobre um artigo escrito por Diogo Mainardi (colunista da Revista *Veja*) em que, segundo o parente, o jornalista desdenhava e criticava as festas e reuniões familiares com o pretexto de que já não havia mais vínculos de parentesco. Solicitei se ele poderia me encaminhar o artigo, o que prontamente me respondeu que sim. Até hoje o aguardo.

No encontro dos Carlosso, a sensação que eu tive foi de reencontro. Todos se conheciam e não esperavam outros parentes *distantes*, porque sabiam que eles não viriam e não existiam. Fora do eixo da Quarta Colônia, os imigrantes que chegaram ao Brasil, após 1880, não encontravam facilmente terras na ex-colônia Silveira Martins. Com a entrada em massa de italianos, o governo expandiu as demarcações dos lotes, ocupando lugares onde hoje é a cidade de Jaguary, aproximadamente 150 Km de Santa Maria.

Lá se estabeleceram dois irmãos, Luigi e Ângelo, da família Carnelos, vindos da região de Ordezo/Treviso, que chegaram ao Brasil, não se sabe muito bem como, e passaram a assinar Carlosso e Carnellosso, respectivamente. Especula-se a causa da troca dos sobrenomes, mas a verdade é que o tronco da família Carlosso é pequeno, e o seu desaparecimento é questão de pouco tempo. Não pela falta de co-sanguíneos, mas pela falta de memórias e de agenciadores. Falo das construções discursivas semelhantes às das famílias Mainardi e Bortoluzzi, do espaço do passado no presente da família Carlosso.

A festa de que participei era entre familiares, não entre parentes. O almoço não era *típico italiano*, mas churrasco, prato gaúcho. Não houve missa, não havia sacerdote; houve apenas um rápido agradecimento, na capela ao lado do salão de festas, pela presença dos que estavam ali reunidos. Não se falou do passado e tampouco se fez referência aos imigrantes italianos; experimentou-se o presente. E como me foi estranha essa sensação! Recolhida à memória italiana da Quarta Colônia, deparei-me com a brasilidade do meu lado europeu.

Exemplo 3 – Programa “Benedeta Itália”: - Rádio Universidade AM, 17 de outubro de 2002.

“(...)Estamos saudando os nossos ouvintes, os nossos habituais ouvintes do nosso programa Benedeta Itália de todas as quintas-feiras nesse mesmo horário. (pausa)

Uma barra de aço não deve custar muito - alguns poucos reais. Quando em mãos de um ferreiro, transformada em ferradura, passa a valer, no mínimo, duas vezes mais. Nas mãos de um industrial, que a transforma em agulhas, passa a valer setenta vezes mais. Se forem lâminas de canivete, por exemplo, sete mil vezes mais. Ou, se em pequenas molas para relógios, setenta mil vezes mais. Por que e por quantos processos passa essa barra de aço para ficar valendo tanto? Assim deve ser a vida do homem justo, do homem bom. Dos erros, tirando valores; das batalhas de todos os dias, tirando sabedoria para melhor viver.”

O programa transmitido pela rádio Universidade AM, nas quintas-feiras à noite e com uma hora de duração (21-22h), é promovido pela Associação Italiana de Santa Maria (AISM). Com a produção mais formal, o programa *Benedetta Itália* é apresentado ao vivo pelo membro da AISM, Hélio Ceccin. Com a preocupação de divulgar as atividades da Associação, o apresentador e produtor qualifica o programa com histórias oficiais dos estados italianos, assim com descreve sua geografia e cultura.

Músicas italianas atuais e eruditas são tocadas após os comentários do apresentador que não tem em seu programa espaços comerciais, já que se trata de uma rádio educativa. Além das músicas e dos relatos históricos, a principal peculiaridade do programa são os intertextos enunciados por Hélivio, ou seja, textos que se alternam entre doutrinadores e “auto-ajuda”. Entretanto, em nenhuma dessas passagens textuais, nem mesmo as históricas, o apresentador cita as fontes consultadas, gerando, na audiência, o sentido de autoria e posse do conhecimento.

O exemplo três, trata-se de um discurso declarativo-diretivo, já que reproduz uma realidade aceita pelos ouvintes como verdadeira. A operação declarativa-diretiva emite enunciados intertextuais (a intertextualidade constitutiva ou interdiscurso é predominante neste tipo de discurso, porque não deixa explícitas as vozes que dialogam no texto; contudo, percebe-se, claramente, que o apresentador não fala sozinho, mas de algum lugar não citado) que, através de parábolas, fazem do texto um tipo de “argumentativo-ameno”.

Para poder enunciar o texto alegórico acima transcrito, o apresentador se valeu do seu lugar autorizado pelo rádio, do tempo e da entonação vocal, da velocidade da fala e dos espaços vazios. Quando enunciava o texto, Hélivio Ceccin pronunciava demoradamente cada palavra, respirava entre elas e se demora nas pausas finais. Reforçava algumas passagens, impondo a voz grave e valendo-se do silêncio ao término do texto. Uma romântica música italiana enche os ouvidos e os sentidos da recepção.

O discurso declarativo-diretivo tem como objetivo agendar o comportamento da audiência, exatamente como nos outros dois exemplos analisados; mas, neste caso, isto ocorre de forma mais sutil, por alusão. As estratégias iniciam, banindo-se a primeira pessoa do texto; trata-se do *nosso* espaço discursivo. A interlocução inicia com um primeiro enunciado informativo para só depois iniciar a narração alegórica. A pergunta retórica, que fica sem resposta no texto, funciona como o demarcador entre o fático e o persuasivo: “*assim deve ser a vida do homem justo*”.

Observemos um outro fragmento do discurso enunciado no mesmo programa, no dia 28 de novembro de 2002:

“se existe algum italiano que não chora, nem sequer de raiva, não se sabe. Mas é certo que todo italiano sabe rir na hora certa e isto o faz de forma única e bastante diferente. Pais riem dos filhos, filhos riem dos pais, amigos dos amigos, inimigos dos inimigos, adversários riem dos seus próprios adversários, pecadores riem dos beatos, virgens riem dos seus sonhos e esperanças, viúvas riem de suas lágrimas e saudades. O rir é de todos os povos, mas italiano é italiano. E como ele, só ele. O rir, sorrir, debochar, expandir, irar, enraivar-se, praguejar, abençoar ou mesmo animar e salvar outros italianos, são diferentes dos demais povos”.

O italiano mais ri do que admira o semelhante. Nem sempre porém, se dá o direito de rir dos outros com medo de que riem dele próprio. Como não existe alguém sempre triste, também não existe alguém sempre alegre. E aqui está o diferencial do italiano: transformar em risos momentos tristes de desventura e tragicidade que o destino desviou de sua rota.

Ser italiano é saber rir de si mesmo. Cada italiano é a melhor risada do mundo. Todos podem rir de mim... basta que riem de mim por ser italiano, que eu rio com eles. Enfim, o italiano, seja brabo ou cordato, triste ou alegre, sério ou mesmo palhaço, trágico ou cômico, todos sabem, em todas as contas, os nove foras positivos da vida.”

A descrição declarativa do italiano serve como uma espécie de modelo a que o ouvinte deve se enquadrar e a única vez em que é empregado o pronome ‘mim’, o locutor não o faz no sentido da posse da primeira pessoa, mas do convite para que cada receptor seja o sujeito do texto. Esta apologia ao italiano supera os discursos políticos-comunitários de Cátia Dalmolin, ou os publicitários-doutrinários do Padre Clementino Marcuzzo. A fala no *Benedetta Itália* seduz pelo velamento estético das palavras, pelo ritual endereçado a uma audiência também diferenciada. Os ouvintes do programa noturno são os principais articuladores político-culturais da região da Quarta Colônia. O programa tem a incumbência de manter acesa a chama da italianidade entre os agenciadores da identidade italiana; por isso, o dispositivo da sedução, do argumento ‘erudito’ e do alegórico nos textos veiculados pela Rádio Universidade.

Em todos os textos analisados, nos discursos fundadores e muito mais nos reflexivos, é notável a relação com o valor dado ao trabalho e a alegria dele decorrente. A repetição das principais marcas fundadoras são observadas em passagens rápidas ou em textos elaborados para os programas de rádio. Mas, sem dúvida, o trabalho é a maior de todas. A manutenção da ordem social da Quarta Colônia depende que a comunidade permaneça em suas funções e não abandone o seu lugar colono. Essa é garantia de conservação do espaço simbólico da Quarta Colônia. Enquanto todos acreditarem no que fazem, acreditarão também no que são. E, no momento, é importante para os agenciadores que sejam italianos.

III.3 Memórias Discursivas e Comunidades Discursivas

Neste momento do estudo, é necessário me remeter aos discursos fundadores e aos discursos reflexivos. Considerando que as cartas enviadas pelos imigrantes italianos são dispositivas de confissão e os textos veiculados nos programas de rádio inventam um novo sentido para os primeiros, esses dois aspectos somados resultam nas memórias e nas comunidades discursivas. As memórias discursivas são as possibilidades de circulação dos discursos fundadores, suas reatualizações ou transformações. Através das memórias discursivas, os discursos fundadores existem. É a sua interdiscursividade que faz aparecer as cartas e os registros biográficos das famílias imigrantes italianas. Logo, a existência das memórias depende das fundações, mas estas só se constituem em relação com o outro, no caso, as memórias das comunidades discursivas.

A relação interdiscursiva que se estabelece altera as condições de produção discursivas, ou seja, quando os discursos fundadores são revistos através das memórias, há um deslocamento de textos e um desligamento com seu lugar de origem, que faz desses, discursos novos. A ação realizada é das comunidades discursivas envolvidas no processo de re-significação da italianidade.

As comunidades discursivas são autorizadas pelos programas de rádio a falar e a *lembrar* dos discursos fundadores. Segundo explica Maingueneau (1997:70), o discurso apóia-se numa tradição, mas também a faz existir. E mais, “a memória não é psicológica, é apenas o modo de existência de uma formação discursiva: cada tradição tem uma maneira especial de gerir esta memória”.

O que Maingueneau propõe é uma memória que, para ser plena, necessita de preenchimentos, de constantes revisões. A estratégia utilizada para suprir a “falta de memória” na Quarta Colônia é a *repetição*. As lacunas são revestidas de textos gerados pelos programas de rádio. Os agentes autorizados que difundem essas cadeias discursivas são também responsáveis pelos esquecimentos, pelos vazios ou apagamentos discursivos. Da mesma forma que o rádio repete e legitima as memórias discursivas, desautoriza a existência de acontecimentos com o seu silêncio.

Os efeitos dessa rede são observáveis nas comunidades discursivas, que reconhecem os sentidos estabelecidos no processo de produção e de circulação dos discursos. Entendo as comunidades discursivas como as geradoras dos sentidos discursivos. Gerar não no sentido de criação, mas no de amadurecimento e difusão das práticas sociais sugeridas nos discursos fundadores e autorizadas nos reflexivos. Ao contrário da noção corriqueira proposta pela Análise do Discurso francesa, as comunidades discursivas devem ser as responsáveis pela movimentação dos sentidos e não unicamente o grupo que produz os textos. As comunidades discursivas fazem com que os discursos existam, organizando-os no seu cotidiano, nas suas experiências do dia-a-dia e vivenciando uma constante transformação entre o *ser* e o *não ser* italiano.

As alterações identitárias serão analisadas na terceira parte deste estudo; entretanto, as marcas, que apresentamos a seguir, mostram os deslocamentos de sentidos e através dos fatos, que autorizam os discursos produzidos e circulantes nas biografias e nos meios de comunicação envolvidos. Os fragmentos transcritos das entrevistas em profundidade são verdades capturadas no íntimo dos indivíduos interlocutores; são confidências que constituem a própria identidade desses atores sociais. A vontade de ser se manifesta no anseio de contar suas histórias e de ver registradas suas memórias construídas.

Heranças:

H1 - Os imigrantes que vieram eram muito religiosos... Sim. Na época que nós nos criamos com o pai, se tu não pegasse, não rezasse o terço todas as noites, notava que o pai ficava diferente e ele nasceu no Brasil...

.....

H2 - Nunca ligo a televisão, e o rádio, só de domingo pra assistir à missa de Faxinal, tem a missa as 8:30 todo o domingo, depois o rádio fazem o que querem... Não se pode mais sair de cãs, eu tô muito fraca, não faço nada mais, é uma vergonha eu não fazer nada, nada... sempre que eu podia ir na igreja eu ia. Saia daqui a cavalo e ia até Nova Palma...

.....

H3 - Em Vale Vêneto, não tem maçonaria, mas Faxinal do Soturno tem. E são firmes e é um grupo grande. E são muito, muito assim (...) se um está mal financeiramente, todos ajudam, eles têm uma ajuda forte entre eles ... dizem assim que Jesus Cristo também pertenceu à maçonaria, dizem assim, não sei se é verdade... Mas em Faxinal tem e é bem forte.

H4 - Os italianos eram muito trabalhadores. O italiano era trabalhador assim que era uma loucura... na época não se estudava, hoje se faz uma faculdade, mas antes não tinha, tinha que trabalhar. Iam na escolinha e aprendiam mal e mal, às vezes nem queriam ir, não tinha também como se aproveitar...

H5 - Os italianos trabalharam muito, saíram dos peraus foram pra terras mais planas, não é que nem nós que ficamos aqui na Linha Quarta, mas em alguns anos compramos terras em Cruz Alta e temos arrendado uma lenheira e uma propriedade e temos uma granja. Claro que a gente conseguiu. Se a gente tivesse ficado só com essa roça a gente teria, só não tanto quanto se tem hoje. O pai deu um apoio sempre, se não entrava com dinheiro, entrava como avalista. (...) Tem que trabalhar sempre...

H6 - Eu não tenho nada com ninguém, sempre quis morar aqui porque aqui é a minha casa... faz dezessete anos, já viu, e eu achei que ia junto... ele só me disse: olha eu vou morrer e eu disse tá louco! E morreu mesmo (com oitenta anos, de infarto)... A minha mãe eu ia visitar seguido. O meu pai era bom, mas já se foram, e eu fique aqui pra ficar velha. Olha que noventa anos é coisa (...) Quando eu era solteira eu não era bonita, mas as bonitas namoravam os feios, e eu sempre os mais bonitos. O meu velho quando era vivo ele era bonito, bonito mesmo, não sei como ele me quis, porque eu era feia... A minha mãe era brava, que tinha que 'pisar no galho', qualquer coisinha era feio... mas o pai era bom. Eu ... não briguei com ninguém. Nunca ninguém disse 'essa mulher é brava', porque sempre fui boa com todos.

.....

H7 - Nós temos uma casa muito boa, com uma área enorme, umas 4x a área dessa casa aqui, e eu era professora... eu perdi nenê na primeira gravidez e não pude mais, então eu colocava alguém aqui pra ajudar o sogro, a sogra e a tia (...) coloquei sete pessoas, nenhuma ficava. Uma mãe solteira, uma solteirona, uma mais nova (...) uma viúva, ninguém ficava, ninguém gostava de ficar aqui e meu marido, apavorado, como é que ia deixar os velhos sozinhos? Aí ele disse assim: quem sabe tu vai pra lá, quando eu me aposentei. Aí achei muito esquisito sair da minha casa e vir pra cá, mas ao mesmo tempo eu fiz um ato de amor pra eles (...) Aí o Léo arrumou um rapaz que ajudava ele no trabalho, morava aqui e já fazia companhia pros velhinhos de noite e depois, quando eu me aposentei, nós resolvemos vir pra cá. O sogro já faz dezesseis anos que faleceu; a sogra dez ou onze e a tia faz um ano e meio. (...) e o Léo, antes de estar aqui com o pai dele ele trabalhava no campo (...) e ele trabalhava com o irmão dele, que disse, “olha Léo acho melhor tu ir lá cuidar os velhinhos”. (...)

O meu sogro era apaixonado por aqui; isto aqui nunca teve ninguém mais que morou aqui. O bisavô construiu, depois ficou pro vô, o vô teve toda a família dele aqui, depois o sogro e agora o Léo. Sempre passou de pai pra filho pra preservar isso aqui. Nós fizemos uma arrumação porque estava tudo bem precariozinho. A gente começou a arrumar, arrumar e está ficando melhor. E todo mundo que vem aqui gosta dessa casa e admira (...). Então a gente começou a amar isso aqui mais do que a gente amava, sabe. Começou a pensar se todo mundo acha tão bonito, tão lindo, e por que, será que nós estamos valorizando, né, vamos valorizar. E agora nos convidaram para um curso do Sebrae, porque a prefeita pediu que esse aqui fosse um ponto turístico. Então as excursões que vêm agora para a quarta colonização, vem aqui, e o Léo serve o aperitivozinho, que ele faz (...). e aí a turma passa por aqui elevam frutas, levam mudas de orquídeas que tem muita ali, e então a gente abriu essa possibilidade. Só que agora a prefeita nos convidou para fazer o curso do Sebrae pra gente aumentar, melhorar, fazer qualquer coisa que podemos pro público, e nós estamos fazendo. Agora dia 11 virá um chefe de Porto Alegre, que já veio antes e gostou demais, e ele vai detalhar o que devemos fazer (...)

.....

Família:

F1 - Eu sei que sempre me lembro quando veio aquela tia da Itália eu tinha uns trinta e dois anos. Então a mãe achava que ela vinha parar aqui em Nova Palma, de repente, em uns oito dias, recebemos uma carta que ela vinha até o Rio de Janeiro e que era pra ir lá, buscar ela lá. Ela achava que desembarcar do Rio era pertinho... e aí e agora, eu não conhecia nada, mas aí eu comprei a passagem, tomei o ônibus em Júlio de Castilhos e me fui pro Rio de Janeiro. Cheguei lá as 11 da noite.... Aí me informei com o guarda, vou aonde agora aqui? Tinha um, pero da rodoviária até... aquela fumaça que me ardia as vistas e por lá tinha uma pousada, um hotel, mas eu tava tão... passei tão mal da viagem que pedi pra ele me acompanhar e ele me acompanhou até lá. E aí eu arrumei o quarto, tomei um banho e no outro dia eu tinha o endereço dum lugar que era até uma prima-irmã de uma cunhada minha, e ela era freira lá no Corcovado, então eu apelei por aí... peguei um táxi e fui lá. Então ela me encaminhou pro apartamento de um padre que era de Faxinal do Soturno. Posei uma noite lá e fomos comprar...ele disse 'tem que comprar as passagens senão tu não vai encontrar' e aí nós fomos em Copacabana e os últimos dois lugares, que teve que ser em ônibus leito, que ela com a idade de quase 78 anos, senão diz ele, ela não vai agüentar... e aí no outro dia que ela ia chegar (...) ele foi rezar a missa cedo e eu fui de ônibus (...) aí lá no aeroporto eu fui na companhia e expliquei que eu não conhecia ela nem por fotografia e precisava me encontrar com ela. Então eles disseram: 'pode ficar por aí, não tem problema nenhum'... Daí a pouco, o padre por curiosidade, já tinha terminado de rezar a missa, veio lá, veio de carro porque queria conhecer ela...mas tinha atrasado uma hora o vôo da Alitalia, aquela viação, então ele disse, 'vamos lá em cima que quando desembarcarem pra vim pra alfândega, então vinha vindo uma velhinha assim se segurando pra andar e o padre disse: 'se é aquela ali vai morrer no caminho, não chega à Nova Palma'. Não eu disse, mas não pode (...) vinha uma senhora com uma bolsa na mão e um lenço preto, era mês de setembro, mas vinha tranqueando. E eu disse, mas pra mim, é aquela lá...(...) e o padre que quis perguntar. E ela quando saiu, encarou, claro que ela já sabia que tinha um sobrinho esperando ela (...) aí eu disse, é essa aí, pode perguntar que é essa aí, mas eu não sabia nem por fotografia e a mãe tinha e ao invés de ter pegado, mas... Então o padre se apresentou (...) ela disse que era

longe e o padre disse que ela ainda não chegaria hoje, que era preciso ela descansar... mas ela achava que ia se encontrar em seguida com a mãe (...) ela nem tinha por exemplo, a dimensão que era o Brasil. E a primeira coisa que ela me perguntou era se nós tínhamos terra, e eu disse temos sim, aqui em terra e quando nós vínhamos vindo ela ficava apavorada (...) Quando fomos fazer a primeira refeição, lá na Itália são acostumados a comer uma variedade de coisas, então ela pediu uma sopa, num restaurante na mesma quadra (do Hotel). E disse que tava muito boa, gostosa. De repente , acha uma mosca, só afastou o prato (...) e eu fiquei com uma vergonha (risos) então disse que aqui no Brasil tem de tudo. Então ela achava as ruas muito sujas e eu disse que com o movimento não dava... não, não, ela disse, mas que lá a cada tanto tinha um cesto pra por o lixo, se atirar a ponta do cigarro no chão, o guarda te multa... então o pessoal é educado na limpeza, todo mundo coopera. (...) Eu falava com ela em italiano e ficavam os garçons em volta, meia hora que parava o ônibus, ficavam admirados com ela, com aquela idade e como é que eu me entendia com ela. Mas claro eu aprendi a falar um italiano assim, né. Ali eu vi por exemplo, na época de pequeno tinha vergonha de falar italiano, aí por exemplo, quanto serviu. Hoje, todo mundo fala italiano, na época prendia até (...). Tinha uma época que era proibido, não na ditadura do Getúlio, mas o pessoal do Getúlio não sabiam de nada, mas o que os italianos sofreram depois de falar, se escutassem já eram chamados e repreendidos.

.....

F2 - Nós temos parentesco que ficaram em São Paulo, agente inclusive tem feito o encontro da família Manfio. Fizemos um ano em Vale em Seco e depois quebrou a seqüência que era pra ser em São Paulo, Não saiu, já faz dois ou três anos e (...) não é questão de distância, da família Stefanello fazem uma vez por ano, mas eles estão formando uma associação. Eu na primeira fui aqui em Vila Cruz, tinha mais de duas mil pessoas, é uma família muito grande. Eu fui porque a minha esposa ela é Stefanello também, então a gente vai de carona. (...)

Pela Mazzardo nunca fizemos, sempre pela Manfio. Seriam quatro troncos, por exemplo, o meu avô Manfio e mais três irmãos dele, eram quatro, né.

E aí o padre Luiz (Sponchiado) até quando saiu a primeira em Frederico Wespfallen, e aí ele leu toda a história. Depois foi feita aqui em Nova Palma e ele fez de novo, em Vale Seco então ele não foi... mas só que... era pra ter todos os anos... depois seria aqui em Nova Palma, tem aqui em (...) Tapera que também tem Manfio, só que era um irmão do vô então perde, e o sobrenome Manfio vai caindo fora, mas são da mesma família.

.....

F3 - Fiquei com os meus pais até que casei, mas eu casei nova, dezessete anos só, burra (risos). Os meus pais tinham aqui irmãos e parentes que tinham terra e eles compraram terras aqui, ficaram trabalhando, mas já se foram (morreram) porque eu vim pequenininha e já estou pra ir também, então né. Eu cheguei aqui com seis meses, foi o que me disseram... e os outros irmãos com dezenove, vinte anos e vieram tudo a família, mas a irmã mais velha era casada e ficou na Alemanha, nem me viu, veio me conhecer aqui... (...) nós viemos pra linha um, depois pra linha base. Tinha mato, mas não muito. Eu trabalhava na roça. (...) casei e tive doze filhos. Dizem que quando tem bastante filhos depois passa bem, mas não, eu não acredito em nada ... (é que a mãe está naquela fase que ela queria todos juntos)

F4 - Eu não me lembro o nome da região que morava. Viemos pela água e depois aqui pegamos o trem, e viemos, tinha a casa, não sei se a irmã ou irmão do meu pai... (até Júlio de Castilhos vieram de trem, depois de carroça). Eles nunca disseram vamos voltar, nunca, nunca. Achavam que aqui era melhor tinha bastante comida e lá na Itália não é muito grande como o Brasil, então... (eles eram uma família, conta a história, assim de passaporte. Um filho nascia em um país, outro em outro, o trabalho deles era de ambulante, não era um trabalho fixo vivam de mudança, trabalhavam de diaristas, uma temporada moravam num lugar, porque pela certidão de nascimento dos irmãos dela se provou...os que estavam aqui os mandaram vir de lá, eles vieram entre poucos e chegaram em 1912...)

Nós viemos de lá, parece que nós tínhamos aqui parentes, então eles arrumaram casa, não era comprada era alugada, e foi, foi até que meu irmão casou ai compraram terras e plantaram...

.....

F5 - A minha avó veio da Itália com 14 anos (...) a família do Lê é da região do Vêneto na Itália e a minha, da minha mãe, de Treviso (...) então pra nós algumas coisas são diferentes, algumas palavras do italiano são diferentes. As vezes digo alguma coisa em italiano, como meu pai e minha mãe falavam e ele diz: mas não é assim, digo, mas nós viemos de Treviso, tu veio de Udine, (...) Udine tem uma língua (...) são os friulanos.

Dos meus vieram três irmãos. Um ficou em São Paulo e dois vieram pra Dona Francisca, moravam lá. Então como eles não tinham com quem casar os filhos porque era de outra família, não sei o que, começaram a casar entre primo-irmãos. O meu pai se chamava João Leonardi Leonardi, porque a minha avó era filha de um Leonardi (...) e o meu pai é fruto de dois Leonardi. O meu avô e a minha avó tinham o rosto completamente igual, pareciam irmãos de tão parecidos. Moraram em Dona Francisca, depois foram pra Faxinal e até hoje se tem a casa. (...)

.....

F6 - Depois que faleceu uma irmã da minha mãe lá na Itália e que não conhecia a mãe – quando a minha mãe imigrou para cá ela (a tia) tinha casado e ido morar na Alemanha. Quando nos visitou no Brasil já tinha bastante idade, quase 80 anos. Ela ficou 6 meses no Brasil, que foi quando nós conhecemos ela e depois ela voltou para a Itália. Ela viveu mais seis anos e a família mandou uma carta para a mãe comunicando e, dali pra frente não tivemos mais notícia. Ficou nisso só... eles não deram mais notícia.(...) eu acho que foi o seguinte: ela morreu e ficaram só eles lá, porque eram seis irmãos, cinco vieram pro Brasil... depois , claro, quem escrevia para a mãe era uma neta (...).

.....

Italianidade:

I1 - Tem que ter alguma coisa que motive pra ter o interesse de recordar, senão as futuras gerações esquecem que a gente é descendente de italianos. Nós temos só a mãe viva o restante dos tios já foram, de repente a gente vai, ficam os filhos quando vierem os nossos netos nem mais sabem de onde que vieram. Agora como nós, claro que a gente tinha que ter a dupla nacionalidade a muito tempo, mas é pouco interesse, claro tem que por muito dinheiro em cima, mas era muito interessante a gente ter.

.....

I2 - Se eu tivesse a dupla cidadania seria melhor para meus filhos. Tem a certidão de casamento dela tudo certo..., só que eu não me lembro de que lugar ela veio da Itália, não sei se Treviso ou Padova, uma coisa assim...

.....

I3 - não tem mais ninguém que fala italiano (teve uma época que a gente falava tudo, depois nós saímos e paramos de conversar, daí ela também, eu falava mais italiano). As músicas eu já esqueci de tudo, pronto. A minha cabeça não vale mais pra nada (e cantava, tinha uma voz, uma voz..., todas as músicas que nós aprendemos). Eu trabalhei na minha vida, misericórdia. Criar doze filhos e trabalhar na roça e fazer comida, vá, vá, vá... (...) Se plantava milho, feijão, trigo, de tudo...

.....

I4 - Teve uma época que era proibido falar italiano. Aqui ninguém foi recrutado para as guerras, mas eles contavam que se escondiam para não serem encontrados...

.....

I5 - O fogolar (friulano) foi fundado em 1997, 98. Foi fundado porque os friulanos eles dão muito apoio, eles vieram muitas vezes nos visitar, vem e ficam dias aqui ... e eles ficam na casa dos friulanos, não vão para hotéis. E eles disseram, vocês estão perdendo tempo, nós mandamos jornal, mantemos contato com vocês, a gente convida os jovens pra ir fazer curso lá e os adultos pra visitar Udine e

começou assim essa integração. Muitos já foram pra lá. Jovens que ficam 15/20 dias, meninas que vão estudar e ficam um ano. E quando se vai visitar, tu não paga nada, fica na casa deles (...) e isso é uma vantagem e a maioria está arrumando todos os documentos pra ter a dupla cidadania e ir pra Itália. Ai então tem mais vantagem pra ir. (...)

.....

16 - A minha família falava, mas não muito o italiano porque depois da segunda guerra mundial foi proibida a língua italiana no Brasil. Então meu pai teve até que sumir com a roupa verde que ele tinha e enterram, eu me lembro como hoje, tinha sete aninhos, enterram na horta pra no caso de ter fiscalização lá. Não podia falar italiano senão ia preso, então com isso foi morrendo um pouquinho o italiano, porque os pais não podiam falar e os filhos não aprendiam. Aí então foi assim muito difícil a gente aprender a língua. Eu fiz curso de italiano agora, estudei italiano (...)

.....

17 - Falar italiano nós todos aprendemos a falar (...) e eu quando ia no colégio, na escola com sete anos, naquela época a ditadura era muito rigorosa e a minha professora me dava castigo porque eu falava italiano. Meus filhos não sabem falar italiano (...) era um medo que a gente tinha... não sei por quê aquilo, hoje quanto mais língua você falar, mais tu sobe na vida. Mas na época não podia. Então a mãe ensinava a língua italiana sim, nós aprendemos a falar sim, toda a vida. O dialeto aqui, o nosso, porque o bem italiano mesmo, só um pouquinho (...)

.....

18 - Ninguém falava italiano. Eu acho, vou te disser, os italianos eles foram perseguidos... (...) então por isso eles ficavam quietos. Vê por exemplo, o meu tio, irmão da mãe que morava em Santa Rosa (...) ele dizia assim que ele ficava no Brasil porque aqui os presidentes não eram guerreiros, não faziam guerra, porque senão, ele teria voltado para a Itália. Isso eu me lembro bem que ele dizia, e revoltado. Que era tudo melhor lá, mas é que o pavor que ele tinha era que os governantes só prestavam para a guerra, na época deles né... e aqui não, aqui os governos são bons...

.....

I9 - O meu pai era Manfio. O meu avô Manfio chegou da Itália com sete anos, pequeno... e dizer que o meu pa nunca falou que o pai dele tinha nascido na Itália. Sempre falaram é que eram os da mãe que vieram da Itália e quando depois a mãe teve uma homenagem, já faz um tempinho – fizeram na câmara de vereadores uma solenidade – aí então eles começaram a fazer o discurso e disseram que o vovô Manfio também era italiano! Então eu disse: - Para isso Domingos, vovô Manfio não! – O quê Dona Nélia?, disse ele. Mas eu fiquei arrasada. Já pensou, o papai nunca tinha dito! Então tu vê que não era comunicação como é agora.

.....

I10 - ... na festa vai ter apresentação de teatro italiano, música; antes de começar o baile, cantam músicas italianas – tem um coral. É para não morrer e pegou... hoje é uma das maiores festividades do Guarany (clube), senão morreria a tradição italiana, é pra não deixar... e a juventude de hoje vê como era, por isso que está seguindo essa cultura, né?

.....

I11 - A comida é a mor marca italiana, mas só ultimamente(...) em todas as famílias, o que a gente via, era aquela tradição...inclusive, de criancinha, aprendendo a falar o italiano. Claro que depois o português... foi o que aconteceu comigo: quando comecei a ir no colégio tinha dificuldade, até ficava mudo, porque não sabia falar português. Então a gente ficou com o português e o italiano tudo meio atrapalhado. Bom, na época, quem falava italiano era considerado quinta coluna! Hoje todo mundo vê o erro: se a gente pudesse falar em todas as línguas do mundo, melhor seria!

Tradição:

T1 - A gente tinha que ter pensado de escrever as histórias da família há tempos atrás, quando a mãe era lúcida. Mesmo ela tendo vindo criancinha de lá os pais contavam tudo pra ela e ela sabia de tudo, então a mãe tinha orgulho de ser de lá. Quando jogavam a seleção brasileira e a seleção italiana ela torcia pra Itália... eu quando é Brasil X Itália torço pro Brasil, mas quando é outra seleção, é claro que torço pra Itália. Mas a mãe torcia pra Itália, Vê o que é o sangue forte.

.....

T2 - Eu adoro os programas de rádio em italiano. Como o programa do Bigodinho, gosto muito das músicas e são muitos bonitos. Com um programa bom de rádio substitui a televisão, porque senão a televisão teria tomado conta. (...) A novela Terra Nostra tinha uma história muito bonita, mas igual a todas as novelas. Tinha coisas que a gente via que não eram iguais a dos italianos daqui, só se fossem os de São Paulo.

.....

T3 - Toda a diretoria tem que ser friulana, descendente de friulanos, senão não pode ser da diretoria. Ordem de lá. Eles fizeram o estatuto lá e mandaram pra nós. Então quando eles se silgam pra combinar as coisas do salão e tudo, só eles se entendem porque eles conservaram um pouco a língua friulana (...) a tia que morava aqui só falava italiano se alguém que viesse aqui também fosse friulano, senão ela não falava uma palavra.(...)

T4 - (...) outra coisa que é bonita e interessante é que tem um velhinho aqui que é friulano, descendente de friulano, ele morre a gente manda pra Itália como foi a morte dele, lá pro Friuli, como foi a morte dele, quantos anos tinha e eles põem no jornal e depois eles nos mandam o jornal com todos os nossos velhinhos. O ano passado em fevereiro, teve uma senhora que estava fazendo 89 anos, ela foi homenageado, inclusive recebeu flores, daí três meses ela faleceu. No outro mês a gente já mandou pra Itália e já veio a fotografia dela no jornal.

.....

T5 - Na época eles imigraram para o Brasil porque o governo Italiano não achou outro país, então firmaram convênio com o Brasil pra mandar, porque eles lá não tinham quase como se sustentar. Só que ultimamente falam, as pessoas que assistiram ao Globo repórter que foram fazer lá, que hoje eles se sentem envergonhados de mandarem embora, que se pudessem repatriar todos de novo... mas, naquela época, se mandavam porque não tinham recursos e sofriam com aquela guerra, assim precisavam imigrar para outros países para sobreviver, porque lá não dava... E aquele Globo repórter eu assisti! Os cara foram lá fazer a reportagem.

Origens:

O1 - - Eu me sinto brasileiro.

- Mas na nossa família temos cunhadas brasileiras pelo duro, nós temos duas. A pelo duro mesmo é a Cássia, mas ela é querida. Nós somos brasileiros, mas não como elas, ela tem o sobrenome brasileiro.

- Não, mas ela também tem descendentes daqueles lados. Brasileiros mesmos, que eram daqui só os descendentes dos índios que habitavam no Brasil, o restante tudo é imigrante. Imigraram de outros países, de diversas raças...

- É, mas ela é pelo duro...

- Lógico, tem aquele que se orgulha mais da raça, mais ou menos. (mas ela é pelo duro) Tem gente que... a gente tem até que dar risada que na época que vieram embora os italianos pra cá, que mandaram embora aqueles que não prestavam...

- Isso era só história, é só vê os sobrenomes...

- Eu sei que tem um amigo meu, o Rubim que mora em Presidente Vargas, (...) então ele fez uma excursão pra Itália, então ele disse que se fosse pra morar de novo, mas que de jeito nenhum, que ele achou que o italiano é muito sem vergonha e muito explorador.

- Eles têm medo que a gente chegue lá a procura de herança, quando começaram as excursões, dizem que não gostavam muitos dos parentes que iam lá (...)

- Ele não gostou nada

.....

O2 - Dos Manfio e dos Mazzardo que só o tio E, no seu segundo casamento que casou com uma que não era italiana. Mas no mais sempre com os de origem italiana. Na época eles tinham assim um pouco de preconceito, hoje não existe mais. Mas eu me lembro do finado do tio Valentim Manfio, então meu irmão mais velho caso com essa Cássia, que é Ferreira, mas ela se criou com os Ferroraro, de pequeninina, se criou com família italiana, mas ela era Ferreira e ele gostava de dizer: 'mas meu sobrinho, te dou dinheiro pra tu deixar e não cassar'. Então vê já eram racista (...) Mas hoje não, o importante é que se acertem, não se vê a raça. Mas na época dificilmente se cruzavam com outras raças. (...)

.....

O3 - Aqui em Vale Vêneto os friulanos não foram aceitos. De jeito nenhum. O meu marido e os amigos dele sofreram muito na escola. Os furlan, os furlan, os furlan e eram chutados e rejeitados. E os friulanos eles tem uma inteligência rara. O meu bisavô que era furlan, veio aqui, no meio mato construiu essa casa. Ele deveria ter sido alguma coisa na Itália porque no meio do mato, sem ter nada, construir essa casa. Fazer os tijolos um por um, a mão e fazer de pedra. E as maiores igrejas foram construídas por furlan. Eles são habilidosos e muito trabalhadores. E querem que os empregados e todos sejam, só que eu não sou de uma outra que não quer trabalhar (...) então eles tinham rivalidades entre os trevisos e os friulis... Não tem muito furlan por aqui, deve ter umas oito ou dez famílias.

.....

O4 - Eu não tenho nada de friulano, toda a minha família é de Treviso. Os furlan eram mais perseguidos quando crianças, depois de adultos esqueceram um pouco. As rixas retornaram quando nós fundamos essa associação e o pessoal já

não gostou e queriam derrubar tudo. A capelinha pertencia a diocese e o salão de festa e tudo agora assumiram os friulanos (...).

.....

O5 - Eu tenho uma vizinha aqui que a sogra não aceitou a nora porque era friulana, a vida inteira a rejeitou, sofreu horrores porque 'friulano não valia nada' e como foi difícil essa sogra aceitar a nora. Só depois que a velhinha morreu que ela teve paz. (...) com brasileiro pior ainda. (...)

.....

O6 - Histórias mesmo ela não nos passou nada porque ela não viveu na Itália (...) claro, depois eles nos contaram...

.....

As memórias das comunidades discursivas serão apresentadas segundo o enquadramento dos discursos fundadores e suas atualizações nas vozes autorizadas. A herança, a família, as origens, a italianidade e a tradição são aspectos construtores das identidades através do tempo, porque são marcas dos valores essenciais do “ser italiano” na Quarta Colônia.

Avaliando os critérios, apresentarei os principais vestígios na construção da identidade simbólica na região. Os atores principais, que têm suas falas reproduzidas neste estudo, são provenientes de duas famílias: a Mazzardo Manfio, representada por três gerações e a Londero, marcada pela ruptura geracional.

Essas famílias pertencem ao mesmo ambiente simbólico: ambas residem na Quarta Colônia e convivem com os apelos à italianidade. Entretanto, foram escolhidas entre tantas outras, porque apresentam duas características fundamentais para se entender as negociações identitárias que circulam na região. A família Mazzardo Manfio guarda um “tesouro” da Quarta Colônia: uma imigrante italiana. Constantemente homenageada, é referência para todas as vozes autorizadas da região. Além dela, existe uma outra italiana. Uma freira que se dedica ao hospital local e que também não se encontra bem de saúde.

A imigrante religiosa não é tão lembrada e festejada como a matriarca italiana, que chegou ao Brasil com seis meses de idade. A resposta para este comportamento social está na idéia de prosseguimento e de formação das biografias. Sem a propagação das histórias de vida da religiosa italiana, ela deixa de fazer parte do cenário da imigração. Sua representação figura no plano religioso, mas é necessário mais do que isso para a significação simbólica; é preciso família, trabalho e tradições.

Com a imigrante da família Mazzardo Manfio toda a linha representativa se constitui. Bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos representam o papel central da cena italiana na Quarta Colônia. Porém, a família Mazzardo Manfio não multiplica suas histórias e biografias como outras descendentes da região. As histórias se perderam com a velhice e com o esquecimento da última italiana; os filhos não buscam a italianidade, nem tampouco têm a dupla cidadania. Os netos saíram da colônia, não falam italiano e não conservaram as tradições “recuperadas do lugar”. Os bisnetos não convivem com suas “origens”, mas estão mergulhados em um mundo moderno e globalizado que exclui as rezas do terço, o trabalho na lavoura e a obediência incondicional aos mais velhos.



Fig.21 – Família Mazzardo Manfio

A família não tem memorial, não consegue dar seguimento aos encontros anuais, não vive sua italianidade. Ao contrário, o que faz a família Mazzardo Manfio especial é a possibilidade de encontrar ainda em formação o sentido da

descendência. Com a presença tão próxima da mãe italiana, não é necessário construir lembranças. Mesmo no seu esquecimento, ela é a memória viva da italianidade. As vozes autorizadas não tomaram os discursos desses sujeitos, mas se aproximam e já deixam marcas.

A família Londero é especial para o estudo, porque sua linhagem foi interrompida. Com a morte dos pais, netos de imigrantes, o casal Londero se despede de seus antepassados ao mesmo tempo em que não pode gerar herdeiros. Com a impossibilidade de ter filhos, o casal assume sua biografia e experimenta fortemente a experiência da italianidade recuperada.

Mobilizadores do passado, moram em uma propriedade construída pelos imigrantes italianos, bisavós do protagonista. Na urgência de recuperar suas memórias, ajudaram a fundar uma associação para os descendentes de Friulanos – imigrantes oriundos da região de Friule/Veneza Julia - e que, na época da imigração, marcava as rupturas geográficas e culturais da Itália do século XIX. O fator agregador desses povos, que disputavam espaço na Europa, foi justamente a oferta de território no Brasil. Sem precisar brigar por terra, eles necessitavam se unir para sobreviver no estranhamento brasileiro, que superava suas diferenças provincianas. A harmonia durou até o passado emergir sobre os descendentes que, não contentes em se fazer italianos entre brasileiros, fizeram-se outros para os diferentes italianos. Os Londero são co-participantes desse cenário armado na pequena São Valentim, paróquia do distrito de Vale Vêneto, lugar que vive sob a ânsia de ser.

Contribuíram, também, atores co-adjuvantes que não são anônimos, mas foram se incorporando no estudo através de observações e conversas não formalizadas. O trabalho de campo realizado não obedece a uma estruturação da audiência dos programas de rádio avaliados. Diante da identidade cultural ofertada, percebe-se a existência de uma rede de produção simbólica que se expressa na recuperação dos arquivos pessoais, na divulgação de hábitos, comportamentos e memórias através do rádio e no confronto entre a prática cotidiana e os sentidos circulantes.

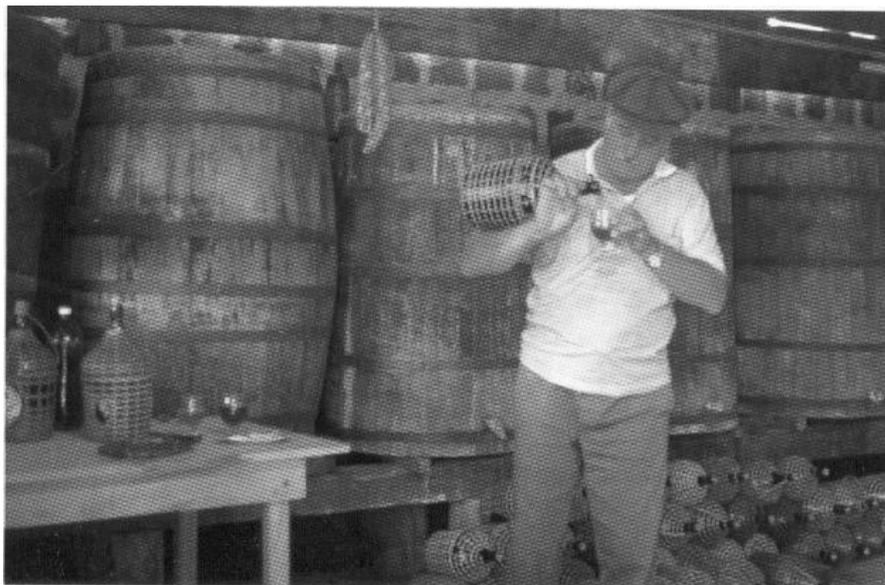


Fig.22 – Cantina da família Londero



Fig.23 – Sobrado construído pelos imigrantes italianos e preservado pela família Londero – vista lateral



Fig.24 – Sobrado construído e conservado pela família Londero – vista frontal

O estudo não pretende avaliar a recepção; portanto, não faz sistematicamente uma descrição das famílias envolvidas na pesquisa. Nossa intenção é olhar o todo social que se edifica na região denominada Quarta Colônia. O objetivo proposto é diagnosticar os sentidos e os significantes que fazem do lugar uma construção simbólica. O espaço observado é passível de muitas análises, a minha, privilegia as disputas identitárias e a capacidade de adequação dos sujeitos frente às ofertas discursivas. Como já foi dito, não se trata de um trabalho de recepção, é muito mais um jogo de quebra-cabeça, onde as peças se encaixam conforme a intervenção do próprio pesquisador.

Pensar que os discursos radiofônicos são os responsáveis pela produção de sentidos na região seria leviandade. Não se trata apenas da mensagem transmitida pelo meio de comunicação de massa. As identidades culturais são o resultado de um somatório de agentes que dispõem de diferentes veículos e resultados difusos. Não se atinge a todos ao mesmo tempo e na mesma intensidade. As identidades são negociadas mediante apurações, repetições, concessões e trocas e que, principalmente, são avaliadas mediante um cenário econômico e cultural de cada indivíduo da região. Portanto, focalizar os discursos

de duas famílias não implica o apagamento de outras, mas contribui para mostrar que o espaço simbólico é formado por uma pluralidade de significantes e que, no final, encontram-se na mesma corrente de sentidos.

Não nomeamos os parágrafos transcritos para manter o mínimo possível a individualidade dos envolvidos; nosso interesse reside em suas práticas e na forma que são representadas. Os co-adjuvantes se somam as duas famílias centrais e contribuem, sobremaneira, para o entendimento do que é hoje a Quarta Colônia.

HERANÇAS

As heranças que marcam os discursos em produção são aquelas que fazem os sujeitos diferentes dos outros, ou seja, durante sua construção identitária, o sujeito social que habita na Quarta Colônia sente que existe uma diferença; entretanto, poucas vezes consegue nomeá-la conscientemente. Nos fragmentos que descrevem as heranças, nomeiam-se as diferenças que subjetivamente caracterizam a identidade em formação na Quarta Colônia. Trata-se do indivíduo religioso, o de antes e o de hoje, que se confundem entre os imigrantes que vieram e os que aqui nasceram (*os imigrantes que vieram eram religiosos, meu pai era religioso, e ele nasceu no Brasil*).

A identificação entre o que se sabe dos imigrantes italianos e sua perpetuação entre os descendentes também está marcada pelo apagamento do que não deve ser experimentado, mesmo que se especule tais práticas escusas entre os italianos originais. É o caso da maçonaria, contraponto do catolicismo efervescente que age na região. Quando se comenta sobre os maçons, em nada há certezas; sabem de sua existência, mas marcam-na com a dúvida (*não sei se é verdade*).

Além da religiosidade, o trabalho é característica fundamental do ser italiano. O homem trabalhador, que não rejeita sua condição, ao contrário, é sinônimo de vida não só para seu sustento, mas para o progresso e crescimento econômico que invariavelmente exigirá mais trabalho (*os italianos trabalharam muito. Se a gente tivesse ficado só com essa roça a gente teria conseguido, só que não tanto quanto se tem hoje. Tem que trabalhar sempre*).

Novamente a marca da ambivalência. O tempo e o espaço se confundem: o que eram, o que são. As identidades culturais são negociadas nesses vazios cheios de sentido em construção. A matriarca, que nos seus 90 anos de dedicação e trabalho relatados deixa como herança uma vida de afazeres e a angústia *já não poder fazer nada, nada*.

A diferença do italiano também está na benevolência. Mesmo em suas privações, as narrativas falam de sujeitos que não fazem mal a ninguém, que vivem em harmonia, que cantam e que sorriem diante das adversidades. Ser benevolente e nunca dar oportunidades para os outros falarem do italiano, essa é sua herança.

Só é possível agregar a religiosidade, o empreendedorismo e a benevolência do passado ao presente quando se herda o conservadorismo. Ser aquele que conserva e que é favorável a manutenção do mesmo. Neste aspecto os discursos dos atores sociais se consolidam no último fragmento transcrito: a hereditariedade, a linha genealógica e a preservação dos museus familiares são fundamentais para as identidades culturais da Quarta Colônia. Na transcrição porém, a ruptura é a marca fundamental do discurso. O sujeito conservador pára na quarta geração. Sem descendentes a família constrói o sentido da linhagem e se torna a própria encarregada da conservação do seu museu pessoal.

FAMÍLIA

As heranças são os signos articuladores que inauguram a construção simbólica do território e que capacitam os sujeitos a marcarem os seus discursos com aspectos essencialmente formadores da representação de si: a religiosidade, o trabalho e a benevolência são os alicerces das identidades narradas na Quarta Colônia.

O segundo signo que contribui para a veiculação dos significados pré-construídos é a família. A herança é algo inerente ao indivíduo, a família é uma instituição social que se mantém com o decorrer do tempo e do espaço. Através da conservação da unidade familiar, mesmo metaforicamente, preservam-se os valores agregados ao “ser italiano”.

Ser temente a Deus, trabalhador e bom são adjetivos que se somam às recordações, à união e à sobrevivência, características encontradas na experiência familiar e na vida compartilhada.

Para expressar a importância da família no seu cotidiano, o indivíduo inicia a sua fala com a expressão “eu sempre me lembro”, remetendo às recordações que fundamentam a vida em família. Seguida de uma longa história envolvendo parentes próximos e distantes, aventuras e vitórias, as marcas da recordação pontuam a intimidade do indivíduo, suas experiências e formações, o que o levou a ser o que é.

A narrativa é essencialmente a forma de expressar as recordações, fragmentos e restos de vida que contribuem para ampliar a cultura italiana entre os sujeitos ouvintes, transformando o ato da performance narrativa em lugar de fala identitária.

Na história transcrita (p.122), o enunciador é também o sujeito falado. A trajetória narrativa culmina com o que para ele é mais caro perder ou esquecer: a língua italiana. Recordar que se falou o italiano entre os familiares ou que “a minha mãe falava, o meu avô falava”, é prerrogativa para participar do lugar cultural na Quarta Colônia.

Outra marca discursiva do signo familiar é a união. A unidade faz o ambiente de convívio entre indivíduos iguais e diferentes que se encontram sobre um mesmo sobrenome. Lugar de disputas e até desavenças, a família abriga a noção de fraternidade e, mesmo que as rupturas e os estranhamentos tenham sido parte da realidade familiar, o indivíduo esquece-os para selar a aliança das famílias italianas.

Nos dois depoimentos que seguem (p.124), percebe-se que, para a matriarca italiana, a família é o lugar de existência. A permanência da mulher com os pais até o casamento, o matrimônio na adolescência e o grande número de filhos é uma seqüência natural para os que guardam o passado italiano. Atualmente, contava uma senhora da região, os casais não querem mais do que um ou dois filhos e, “naquela época a família que não tivesse uma grande prole era amaldiçoada”, não estava na vontade de Deus ter poucos filhos. Hoje a igreja mudou seu discurso. As famílias também. Os números agora são contabilizados

nos encontros de famílias, que reúnem parentes distantes, ávidos em conhecer a sua história.

As recordações e a união, quando somados à sobrevivência, resultam no sentido restrito de família para a região estudada. Recordar sempre as experiências de vida, manter os laços de parentesco e sobreviver econômica e culturalmente, são os traços da cultura italiana. A sobrevivência e a conquista justificam a permanência do povo italiano no território brasileiro. Este é o principal argumento para a preservação do espaço familiar na Quarta Colônia. Sem os apelos discursivos, os agentes culturais estão fadados a pregar o grande êxodo: o retorno à pátria mãe Itália. Portanto, a recuperação do ideal familiar italiano garante a permanência em solo brasileiro e a fixação imigrante revelada nos hábitos culturais e identitários que os fazem outros perante os iguais. *“eles nunca disseram vamos voltar (...) aqui tinha bastante comida”*.

No plano cultural, a sobrevivência resultou do isolamento das famílias. Privilegiava-se o casamento entre descendentes, primeiro pelo compartilhamento das heranças sociais, depois pelo afastamento geográfico entre famílias de origem diferentes e, por último, pela resistência ao estranho (e isto tanto da parte dos colonos, como dos nativos da região).

As heranças e a família são os primeiros traços recuperados nos discursos das comunidades italianas. São também nos aspectos fundamentais, relatados nos discursos radiofônicos e preservados nas cartas dos imigrantes. A italianidade, as tradições e as origens são mobilizações discursivas que se edificaram recentemente. A italianidade não sobrevive sem os significantes oriundos das heranças e da família. A contribuição do significado da italianidade está na representação simbólica, na formação ideológica e no acionamento da língua.

ITALIANIDADE

As representações simbólicas tomam o cenário da Quarta Colônia com festas, comemorações, festivais, almoços e jantares “típicos”, reforçados pelos desejos de preservação e pela força da memória. Essas manifestações festivas são os vínculos entre a prática social e a prática discursiva dos agentes e da

comunidade da Quarta Colônia: “*tem que ter alguma coisa que motive o interesse de recordar*”. As lembranças presentes no ambiente familiar são transferidas para um lugar social que as irradiam: “*senão as futuras gerações esquecem que a gente é descendente de italianos*”.

A representação simbólica é recente entre os descendentes. Na fala (p.128), percebemos a incredulidade da filha que soube por terceiros a origem italiana do avô. A omissão do pai não equivale à negligência de hoje. Atualmente, não falar de suas origens é deixar os filhos sem rumo para o futuro: “*não sabem de onde vieram*”.

Para os italianos imigrantes, os filhos deveriam viver o presente, observando os valores inerentes ao indivíduo e os da instituição familiar; o restante pertencia ao futuro. E o futuro apresenta sujeitos que não deixam morrer a italianidade: “*a juventude de hoje vê como era, por isso que está seguindo esta cultura*”.

Junto com a representação simbólica, a formação ideológica contribui com a noção de italianidade. O principal apelo é a conquista da dupla cidadania, que traz em si o ambíguo sentido de ser cidadão e conquistar uma outra nacionalidade, ou de, na ausência de uma nação que o reconheça, buscar cidadania em outra pátria: “*os Friulanos nos dão muito apoio, tem mais vantagem ir pra lá*”.

A formação ideológica tem como aliado o valor dado à língua italiana. O reconhecimento da língua “materna” confere ao indivíduo o *status* de pertencer a nação italiana. As atribuições, as perdas e os esquecimentos são partes integrantes do jogo representativo. Junto à língua, somam-se histórias de vida, memórias narradas e guardadas na noção da italianidade. Se o tempo apagou a fala corrente do dialeto na região, as representações simbólicas e as formações ideológicas recuperaram-na com maior entonação: a língua é o incentivador das construções identitárias da Quarta Colônia.

TRADIÇÃO

Assim como a italianidade, a tradição é um signo que une a representação simbólica e os vínculos sociais. Através da tradição, consolidam-se as marcas representativas da Quarta Colônia, sobressaindo as estratégias de construção e reconhecimento dos cenários discursivos, assim como as reflexões que se desenvolvem na consciência simbólica do signo.

O que iniciou com a formação da italianidade, consolida-se com a noção de si e do ser representado fora dos limites geográficos. Ao contrapor o seu real com o real midiático, o indivíduo questiona o seu verdadeiro eu e visualiza suas práticas cotidianas como verdadeiramente italianas (ou porque se assemelham às mostradas pelo meio, ou através da estratégia da exclusão).

As representações contribuem para a formação do signo simbólico da tradição italiana que, por sua vez, é formador de suas identidades culturais. As representações estão ligadas ao desempenho dos papéis dos sujeitos sociais que solicitam a observância de suas performances. Por isso a promoção de festas, as homenagens e as narrativas heróicas dos imigrantes italianos. Quando consolidam sua imagem através da tradição e da italianidade, justificam a encenação como parte da propagação dos valores e costumes italianos entre os mais jovens. Os meios de comunicação são veios condutores da tradição e da italianidade, mas também são os limites entre o que é e o que não é utilizável na cena cultural.

Os vínculos são inerentes à representação simbólica. Eles ligam o eu do passado, transcrito nas histórias, nos fragmentos de fala, nas canções entoadas e na alimentação revisitada, com o eu reflexivo do presente: *“a gente tinha que ter pensado de escrever as histórias da família a tempos atrás, quando a mãe era lúcida”*. O privilégio do sujeito em ser o enunciador dos “eus” na Quarta Colônia pode estar na posição de uma matriarca, de um padre, de um político e até mesmo de um Italiano - *“no outro mês agente mandou para a Itália e já veio a fotografia dela no jornal”*.

A tradição é uma situação constante de encaixes. É necessário observar que as narrativas são constantemente repetidas para não serem esquecidas e, muito mais que as próprias narrativas, o ritmo temporal é que determina o que

permanece nas formações identitárias da região. Ao mesmo tempo em que liga aspectos da formação do eu italiano, abandona outros, sugerindo novas tradições.

ORIGENS

A última, mas não menos importante contribuição ao cenário identitário, completa o quebra-cabeça que iniciou com o que foi herdado e é considerado inerente ao italiano, ao convívio familiar e suas práticas institucionalizadas, a noção de italianidade e a construção do eu social, as tradições e os vínculos gerados pela repetição representativa e as origens que legitimam o discurso emancipador e de resistência aos outros culturais.

É importante explicar por que as origens encerram o jogo: geralmente ela é o início de tudo. Na Quarta Colônia, os protagonistas das cenas culturais são descendentes de terceira ou quarta geração de italianos, portanto, brasileiros. A origem é um processo de formação que implica a passagem por todas as etapas anteriormente descritas. Fundamentados num modelo construído, discutem-se a origens.

Tratarei de identidades de resistência, que independem do casamento entre pares, mas muito mais no desestranhamento do outro frente ao ambiente cultural mobilizado. O diálogo transcrito (p.130) foi travado entre dois irmãos e ilustra os sentidos circulantes na Quarta Colônia. A afirmação do primeiro foi derrubada com o argumento do interlocutor seguinte. A fragilidade da afirmação sucumbe quando o sujeito enuncia que *se sente, não é*. A contra afirmação é decisiva: *nós somos brasileiros, mas não como ela que é pelo duro*.

Nesses dois únicos fragmentos textuais, a origem se retrata e traz consigo todos os outros signos formadores das identidades culturais da região. Brasileiro, somente o índio, que foi dizimado. Os outros são todos imigrantes, portanto não-brasileiros. Essa é a lógica da diferença e do desestranhamento. Somente assim se justifica a conquista do território e a manutenção simbólica da nação “originária”.

Para se fazer reconhecer no espaço apropriado, é necessário saber o sobrenome, de onde vem, quem é e qual o seu valor. A conquista do sobrenome é recente; foi construída junto com a idéia da origem. Por isso que sempre se

pergunta na Quarta Colônia: “Qual o seu sobrenome?” E cada vez menos: “de que família tu pertence?”

As origens são o nascimento e a morte do sujeito cultural. O encontro e o desencontro com seus eus. A mobilidade que seduz e mantém a Quarta Colônia falada e as comunidades discursivas.



Fig. 25 – Ruínas de um sobrado – heranças da memória italiana



Fig.26 – Locomotiva – período de transição entre o passado e o futuro. São João do Polêsine/RS



Fig. 27 – Igreja de São Valentim – conservada pelos descendentes de friulanos



Fig. 28 – Propriedade rural – base para o turismo na Quarta colônia

III.4. O Rádio e a Construção de Identidades

Ao expormos as três bases discursivas sobre as quais as identidades culturais se movem, percebi que a experiência produzida na localidade é muito mais temporal do que histórica. A ênfase na temporalidade e não na historicidade é oriunda do discurso radiofônico; do tempo do rádio e do ritmo do programa que encontram formas de vida complexas na região da Quarta Colônia. A rejeição ao estigma do *colono* e a emergência na consolidação política da Quarta *Colônia* ocorrem mediante uma negociação entre a vida histórica dos indivíduos e suas narrativas temporais. Há uma transformação do espaço histórico que permite uma ação simbólica entre o presente e o passado.

A comunidade imaginada da Quarta Colônia reivindica um duplo-tempo de existência: com fragmentos culturais recolhidos de histórias contadas e ouvidas, são freqüentes as invenções e as instituições de práticas sociais. O duplo é repetidamente transformado em signo cultural e ampliado na potência radiofônica, escrevendo a noção de sujeito aos indivíduos da região.

A presença mediadora do rádio, os documentos históricos que compravam a chegada dos imigrantes italianos e as lembranças individuais que se somam a outras vozes, articulam pelo menos dois ambientes culturais na região estudada. Estamos diante de uma comunidade dividida nela própria: entre o ser italiano e o ser brasileiro. Portanto, não se tratam de identidades culturais em oposição, mas de negociações identitárias que se articulam de acordo com a heterogeneidade da população.

As narrativas radiofônicas rompem as fronteiras do território geográfico brasileiro e do espaço simbólico italiano quando, em seus discursos, utilizam a língua italiana e, logo em seguida, repetem o mesmo texto em português. A unidade cultural da região consiste em um deslocamento contínuo entre a ânsia do ser e do estar.

O movimento de duplicação e não de pluralidade identitária favorece o processo performativo do sujeito na Quarta Colônia. Convivendo com a ambigüidade discursiva e com o imaginário social em construção, a Quarta Colônia é palco de performances identitárias articuladas ou pelo comando do locutor, ou pelo indivíduo em processo de auto-reconhecimento.

No trecho transcrito abaixo, o radialista é um instrumento que divulga, mas também que unifica, totaliza e iguala os sujeitos italianos da região. Com o discurso enunciado, identifica os personagens com os quais deseja dialogar.

Nós participamos, hoje à tarde, na Câmara de Indústria e Comércio de Santa Maria da solenidade de abertura do seminário Como Aumentar a Competitividade da Pequena e Média Empresa, promovido pelo “Fogolar Friulano” de Santa Maria, junto com o apoio da Universidade de Udine da Província de Gorizza, de Udine e de Pordenini, na Itália. O Seminário é promovido pelo IALF Friule Venezia Júlia, que é um instituto de formação. Naquela ocasião, tivemos a oportunidade de conversar com o nosso Cônsul Italiano para o Rio Grande do Sul, Dr. Mário Panaro, e ele nos deixou uma mensagem gravada aos descendentes italianos dessa região, que atingem as ondas de nossa rádio. Vamos a gravação:

(Inserção do trecho gravado pelo Sr. Cônsul, Mário Panaro)

‘Quero aproveitar esta ocasião para expressar o meu prazer em estar em Santa Maria e recolher informações úteis para seguir trabalhando em Porto Alegre e seguir visitando Santa Maria. Creio que devemos valorizar este núcleo da Quarta Colônia e todos os “oriundi” que integram esta comunidade e por isso me empenho a identificar iniciativas a que possam contribuir a este esforço’.

Muito agradecido Sr. Cônsul, felicidades para o Senhor

(Retoma-se o programa ao vivo dos estúdios)

É isso aí. Uma breve palavra, mas sempre importante porque o cônsul coroa a aula inaugural, que foi celebrada no auditório da CACISM. Este seminário tem prosseguimento a partir das 19 horas, no salão de atos da FAMES e deverá ir até às dez horas. São palestrantes desta noite: “dotore” Nicole Minervine, empreendedor de fama internacional. Depois o Sr Mauro Pinosa, proprietário de uma fábrica de automação indústria, no Friule Veneziano. Depois o vice-presidente da indústria e comércio, Valdir Frazzon, e o presidente da associação dos jovens empresários de Santa Maria, Gustavo Jobim da Silva e, sendo o Dr. Mário Panaro, o cônsul, que fará o encerramento em torno de 10 horas da noite.

(Intervalo musical – ao retornar com a locução, o apresentador narra a passagem, abaixo transcrita, em italiano. Logo após, a faz em português)

Faça como os passarinhos, comece o dia cantando. A música é o alimento para o espírito. Cante qualquer coisa, cante desafinado, mas cante. Cantar dilata os pulmões e abre a alma para tudo de bom que a vida tem para te oferecer. Se insistir em não cantar, ao menos ouça muita música e deixe se absorver por ela. Ria da vida, ria dos problemas, ria de você mesmo. A gente começa a ser feliz quando é capaz de rir de si mesmo. Ria das coisas boas que lhe acontece. Ria das besteiras que você fez. Ria abertamente para que todas as pessoas se contagiem com a sua alegria. Não se deixe abater pelos problemas. Se você procurar se convencer de que está bem, vai acabar acreditando que realmente está bem e, quando menos perceber, vai se sentir realmente bem. O bom humor, assim como o mau humor é contagiante. Qual deles você escolhe? Se você estiver bem humorado, as pessoas ao seu redor também ficarão. E isso lhe dará mais força.” (Programa Benedetta Itália, Rd. Universidade)

A demanda simbólica da diferença cultural entre italianos e demais povos constitui o local das trocas identitárias. Ao ouvir pelas ondas do rádio este tipo de discurso da diferença, milhares de indivíduos despertam para o estranhamento. Com a repetição de que são outros, há um movimento oscilante entre o desejo de ir e o de ficar. Mediante os vários convites, a vida plural do descendente italiano se transforma em constantes performáticas.

A performance cultural pode ser confundida com a identitária. E, em muitos casos, realmente o é. Entretanto, trata-se de um dispositivo midiático, o interventor das práticas culturais e, mais especificamente, o rádio como narrador do tempo/espaço em negociação. Assim, as performances ocorrem no campo discursivo.

Os textos em transição são fragmentos das performances dessas narrativas que representam a vontade pública de se transformar no outro. Segundo HOMI BHABHA (1998:224), citando B. Anderson, chama-se unissonância este movimento performático de identificação.

para representar o povo como um discurso performativo de identificação pública, um processo que denomina unissonância, Anderson lança mão de um outro tempo de narrativa. Unissonância é aquele tipo especial de comunidade contemporânea que somente a linguagem sugere, e esse ato de fala patriótico não está escrito no enquanto isso sincrônico do

romance, mas inscrito em uma súbita primordialidade do significado que surge imperceptivelmente de um passado sem horizonte.”

O espaço discursivo que se constrói no rádio é esse de que falam Bhabha e Anderson. Ele se institui como um lugar autorizado a lembrar e a esquecer a dupla temporalidade do ambiente cultural da Quarta Colônia. E se o ato performativo advém da representação radiofônica é, sobretudo no exercício da linguagem, que encontramos as performances sociais. Enquanto os sujeitos são atravessados pela linguagem e experimentam coletivamente as performances, no plano identitário, as negociações ocorrem em outro tempo.

O desejo de ser outro, de construir uma diferença cultural se manifesta, sobretudo, na intimidade do sujeito. Quando as relações interpessoais solicitam os discursos performáticos, os sujeitos interlocutores buscam, na sua interioridade, elementos que o transformam em outro: é o processo de metamorfose. As identidades em metamorfoses estão essencialmente ligadas à linguagem e à performance. São textos, como o transcrito a seguir, que contribuem para o fenômeno identitário na região.

“(...) nós estávamos lendo uma reportagem no jornal Correio Riograndense: ‘o passado precisa e merece muito mais do que o descaso’... e é verdade, nós temos gente entre os nossos italianos que moram, os mais velhos e os mais novos que porque estudam e não sei qual é o motivo.. que as fotografias antigas atiram, queimam. As casas antigas derrubam pra construir mais novas, mais modernas e deixam as casas do passado, ficam relegadas, então.... e lá na Itália não é bem assim. Nós fomos lá e casas antigas que datam de mais de quinhentos anos estão conservadas, e porque nós não conservamos nossas casas antigas? Deixá-las por fora como estão e dar uma ajeitada por dentro.. é claro que precisa, o tempo de hoje não é mais como de cem, cento e tantos anos atrás, mas enfim é bom recordar o que fizeram nossos antepassados, nossos avós e bisavós (...) e o futuro vai cuidar dos que romperam com esse elo histórico. Vamos ler aqui: ‘o passado precisa e merece mais do que descaso. Como é fácil para’. algumas pessoas colocar por terra marcos da história, inclusive de seus antepassados. Prédios que abrigaram e serviram à gerações parecem se transformar em estorvos ou inutilidades. A mentalidade destrutiva se sobrepõe à preservação com uma força brutal, esmagadora, ceifando patrimônios

culturais e arquitetônicos como se a vida começasse hoje. Um dos casos exemplares desse tipo de comportamento está no interior de Carlos Barbosa. A primeira igreja desse município gaúcho e seu campanário construído, segundo depoimentos de moradores e historiadores, em 1832, estão ameaçados de ruírem ou de serem demolidos para que sua área possibilite a ampliação de um cemitério. A origem dessa situação está no abandono a que o prédio foi submetido por cerca de três décadas e é essa também a causa de tantas outras perdas do patrimônio histórico que a sociedade assiste sem o necessário poder de reação ou de indignação. Na verdade não são apenas essas pessoas que correm o risco de perder a luta contra a demolição. Se elas forem derrotadas perderam todos que hoje ou ali adiante procurarem a base de suas raízes familiares, perceberão um abrupto corte, sobrarão o lamento que mesmo profundo será incapaz de reatar as partes separadas. O passado merece muito, muito mais do que o descaso'. É o caso de que nós, nós também com o nosso programa, nós com as nossas coisas, conservar o que é nosso, não colocar fora. Não se trata de coisas que estorvam, mas sim o passado, uma casa antiga, deixar a sua estrutura e remodelá-la por dentro... .enfim os nossos, os que estão ainda por vir, irão sentir, se sentirão orgulhosos de seus antepassados, como a gente... então vamos fazer um esforço e deixar as coisas dos nossos avós, dos nossos bisavós.... consertar o que a gente pode conservar e não só as casas como as fotografias, documentos.... e nós conservando também os nossos provérbios, a nossa história e a nossa música." (Nossa Tradição Italiana, Rádio Medianeira:)

A identificação, que acontece através da repetição histórica, ocorre pela negação do outro e pela agressiva rejeição à história oficial. Os fatos são narrados mediante um imaginário comum que constrói os acontecimentos conforme a ordem política identitária. A 'outra' história contada se caracteriza pelo processo retroativo do semiconhecimento e pela incorporação parcial da alteridade italiana.

Dessa identificação ambivalente, surge o indivíduo com máscaras, que oculta sua face tupiniquim e ostenta o semblante estrangeiro. As máscaras exercem a função limite na metamorfose identitária. São elas que cobrem e descobrem as fronteiras entre o eu brasileiro e o eu estrangeiro. O uso e a troca destas fachadas, como denominou E. GOFFMAN (2001), não se constituem em

transgressões culturais, mas em possibilidades de negociação e aceitação em diferentes ambientes culturais.

A ocupação de, pelo menos, dois lugares ao mesmo tempo só é possível com o uso das máscaras que identificam o sujeito e adaptam seus discursos à representação iniciada. Portanto, a Quarta Colônia desloca e unifica seus sujeitos através do movimento performático da linguagem, na sutileza das máscaras culturais e na metamorfose identitária.

O lugar central do rádio nesses processos de *orientação* cultural e identitária passa pela memória da história da raça, enunciada por vozes autorizadas e pela descrição em profundidade do outro ideal. As atitudes de relembrar, de incluir e de excluir padrões conferem, ao rádio, a posição fronteiriça no combate entre as máscaras e as imagens formadas, das identidades assumidas e da identificação realizada. O indivíduo procura se cobrir de peles, de cores e de padronagens diferentes, fazendo-se igual à realidade construída e sugerida pela meio agenciador.

**IV - A FORMAÇÃO DISCURSIVA
E AS IDENTIDADES
NA QUARTA COLÔNIA**

Quando um pesquisador se depara com a sua própria história como objeto de estudo, sabemos da dificuldade que ele tem em narrar o evento e em evidenciar as redes de significados que se constroem ao seu redor. Esta pesquisa trata de identidades, da minha identidade e das identidades que se formam na região central do Rio Grande do Sul. Ultimamente houve uma verdadeira explosão em torno do conceito de identidade. O que proponho, parte de um lugar conhecido, portanto, movediço, escorregadio e que muitas vezes se faz estranho aos olhos. A dupla posição que ocupo ao observar a realidade que se articula, também faz do meu discurso ambíguo e me coloca no jogo da diferença.

“Quem precisa da identidade? Onde está a necessidade de mais uma discussão sobre ela?” As respostas para as perguntas de Stuart Hall (2000:103) ainda continuam a ser elaboradas. Entretanto, a generalização dos conceitos mostra-se deslocada em relação aos fenômenos sociais e culturais que acontecem na América Latina. É senso-comum que a diversidade e que a diferença são características inerentes à população latino-americana. O que nos parece ser a própria crise identitária, portanto, são os desencontros dos pensamentos acerca das ofertas culturais e sociais que resultam em conjuntos homogêneos de definições. As identidades são constantemente destruídas e outras são colocadas provisoriamente em seus lugares. Isso não significa, entretanto, que tratamos de uma população volúvel e manipulável. Mas, de uma capacidade de fazer-se e desfazer-se diante das práticas econômicas e do poder de grupos dominantes.

No desencontro de posições estão as comunidades rurais, suburbanas, indígenas e interioranas. E foi numa destas que me deparei: como pesquisadora e como *nativa*. A universalidade das discussões acerca das identidades causa um desconforto para as formas modernas de explicar o social. Para Hall (1998), o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e permanente, e a sociedade é constantemente deslocada por forças interiores. Já Giddens (2002:74) explica que, “somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos. (...) o indivíduo se torna dependente das tarefas de reconstrução nas quais se envolve” A identidade é um jogo, e o jogamos sozinhos.

Ao olhar para as negociações identitárias que ocorrem na região da Quarta Colônia no Rio Grande do Sul, houve a preocupação de não isola-la dos

fenômenos sociais que atingem a sociedade moderna. Seria um erro considerar o local como uma unidade independente e deslocada do contexto social que a cerca (Velho:1999). Por isso, o esforço etnográfico ajuda a explicar as fronteiras entre o que conceitualmente se propõe acerca das identidades e o que verdadeiramente acontece nas comunidades modernas. O cotidiano envolve as pessoas com uma carga simbólica cada vez maior. O indivíduo é colocado em cena com papéis que muitas vezes não está pronto para representar. E a relação entre o desempenho desses papéis e a experiência cultural promovida é essencial para entender as formações identitárias.

A memória é o primeiro pilar na construção das redes de identidades com as quais negociamos e, segundo Huyssen (2000:36), "a memória vivida é ativa, viva, incorporada no social - isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estas são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados num mundo global". O que observamos nas comunidades com descendência italiana no sul do país não é somente uma tradução de identidades, mas uma outra narrativa fundada na memória de identidade. De fato, os descendentes de imigrantes não possuem uma, mas múltiplas narrativas culturais: uma rede de identidades que os fazem mestiços na sua própria experiência.

O lugar da memória nas comunidades de descendência italiana, como já foi discutido na primeira parte desse estudo, se traduz nos vínculos familiares, nas tradições, nas músicas e nos objetos que preservam os dispositivos de lembranças. Assim funcionam, por exemplo, as fotografias de família. Elas têm a capacidade de revelar e acionar as imagens arquivadas na memória dos descendentes que as reconstituem, e até as reinventam de acordo com suas ficções e seus projetos identitários. As imagens fotográficas comprovam que, os sujeitos não constroem sozinhos suas histórias, mas estão em sintonia com mecanismos que somente eles podem acionar.

As imagens do passado, ancoradas pelos registros fotográficos, são resgatadas e mobilizadas principalmente através das ondas do rádio. Os programas transmitidos em dialeto vênето aumentaram nos últimos anos. A preocupação com a linguagem marca a sua importância como recurso de

memória e a estrutura narrativa alimenta a construção das identidades que se formam e se transformam no decorrer do tempo:

A linguagem, como diz Lévi-Strauss, é uma máquina do tempo, que permite a reencenação das práticas sociais através das gerações, ao mesmo tempo em que torna possível a diferenciação de passado, presente e futuro. A palavra falada é um meio, um traço, cuja evanescência no tempo e no espaço é compatível com a preservação do significado através de distâncias no tempo e no espaço por causa do domínio humano das características estruturais da linguagem. A oralidade e a tradição estão intimamente relacionadas (Giddens, 2002:29).

Nas manobras narrativas realizadas pelo rádio, observamos que são transmitidas não apenas informações e entretenimento em dialeto, mas principalmente são realocadas as instâncias de sentidos das práticas sociais e culturais. Segundo Norman Fairclough (2001:128),

à medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens de discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem de discurso 'local' de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem de discurso societária.

Uma das mudanças na ordem societária do discurso ocorre quando o locutor conta suas histórias em forma de "*provérbios*". Por trás de cada narrativa há uma construção ideológica responsável pelas alterações sociais e identitárias nas comunidades de descendentes de imigrantes italianos, como vimos na parte três do trabalho. As histórias contam episódios que se refletem na prática diária dos indivíduos, e dão subsídios que reforçam as narrativas pessoais durante os seus acionamentos de memória e as suas construções culturais.

No episódio de 20 de julho de 2002, a história enviada por um ouvinte é recontada²⁸ em dialeto para toda a Quarta Colônia²⁹:

"certo dia morreu um *vagabundo* que gastava todo seu dinheiro com cachaça e que não tinha deixado nada para pagar o sepultamento, não

²⁸ Programa Nossa Tradição Italiana, Rádio Medianeira/Santa Maria

²⁹ Tradução livre da história contada em dialeto durante a transmissão do programa.

havia nem caixão para o corpo. Então algumas pessoas foram até a prefeitura pedir o caixão ao prefeito. A prefeitura enviou uma comitiva até a casa do morto que encontrou muitas garrafas de cachaça - *tantas que era quase possível construir as paredes da casa só de garrafas*. Então o prefeito disse: *gente que não quer trabalhar não se pode dar esmola, dar isto ou aquilo, tem que mandar trabalhar. Quem está doente tudo bem, eu ajudo..”*.

No episódio narrado e comentado por quase 20 minutos do programa, o locutor reforça um traço marcante da identidade do imigrante italiano: a força de trabalho. Através do evento discursivo há uma orientação da prática social e cultural. Há uma nova ordem que só pode ser institucionalizada porque faz parte de uma memória comum, partilhada por todos os ouvintes e, principalmente, ativada como princípio da identidade **do imigrante italiano**³⁰.

Os programas destinados à Quarta Colônia se concentram em divulgar a história dos antepassados, as músicas italianas entoadas por corais, os aspectos da cultura e das tradições dos *primeiros* italianos chegados à região. Entretanto, os ouvintes não se constituem apenas em descendentes de italianos. A heterogeneidade da audiência é conhecida inclusive pelos próprios produtores: *"não posso dizer tudo o que penso e o que nós fazemos porque há diversos ouvintes do programa. Não é só 'italiano' que escuta. Não posso dizer que os brasileiros são todos negros, preguiçosos e ladrões, porque há muito brasileiro que ouve o programa"*.³¹

O que diferencia a recepção dos programas radiofônicos entre os descendentes e os 'não-descendentes' de italiano é a experiência em comunidade. Portanto, a memória se consolida como o principal dispositivo na construção das identidades comunitárias. Quero dizer que, se a memória é um recurso que pode ser utilizado apenas pelo sujeito discursivo, a construção de sua identidade passa inevitavelmente pela experiência comunitária. O local que ele

³⁰ A característica primeira discutida, a disposição para o trabalho, é marca dos imigrantes italianos. Quanto à identidade dos descendentes de imigrantes italianos, há uma re colocação do conceito e, portanto, uma negociação identitária. O trabalho, como avaliado na segunda parte deste estudo, é um legado dos descendentes que, por muitas vezes, gostariam de abandonar.

³¹ Bigodinho, produtor e apresentador do programa Nossa Tradição Italiana/ Rd. Medianeira.

habita, freqüenta e é reconhecido, torna-se determinante para a constituição do seu 'eu italiano'.

O seu reconhecimento se faz por meio de uma estranheza que precisa ser domesticada, de uma estrangeirice que necessita ser familiarizada. Para que isto ocorra, ele deve "não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso".³² O descendente procura na vida comunitária um lugar onde ele contemple uma nação que ele não conheceu, uma viagem que ele não fez, um paraíso que ele não perdeu. A colônia lhe fornecerá o espaço e o tempo fundado nas narrativas relembradas.

A experiência fronteira entre o passado dos imigrantes italianos e o presente dos descendentes se manifesta geograficamente através de um movimento comunitário, instrumento de mobilização cultural, social e política, capaz de rejeitar o outro estranho ao ambiente brasileiro³³. A separação territorial funciona também para distanciar o descendente de seu papel social que não condiz com os pertencimentos culturais determinados pela comunidade.

Os imigrantes italianos chegados à região de Santa Maria em 1887 desejavam esquecer o passado pobre e miserável com rotinas que narravam um futuro de riqueza e de prosperidade. Contar as experiências da travessia entre a Itália e o Brasil era a deixa para não desistirem e desanimarem. Hoje, o passado e suas adversidades reaparecem nos textos dos descendentes, que procuram em todos os lugares, de todas as maneiras, os diálogos, as cartas, as memórias e os esquecimentos que articularam seus futuros. Os descendentes da Quarta Colônia são mobilizadores de uma memória narrada que funda o imaginário de pertencimento, de território e de identidade.

³² KRISTEVA, 1994:15

³³ "O gaúcho quase desapareceu com os ventos que varreram as planícies do Rio Grande. Quando surgiu no extremo sul da América Latina, no início do século, filho dos amores entre portugueses, espanhóis e índias, foi considerado um caçador de gado - vagabundo e fora da lei. Há pouco mais de 50 anos, após matar e morrer em batalhas cruentas, virou herói - o "monarca das coxilhas" e "centauro dos pampas" enaltecido pelos que cultivam as tradições. Não há uma definição exata do que seja gaúcho. O historiador uruguaio Buenaventura Cavaglia Hijo pesquisou nada menos do que 36 raízes gráficas sobre o gaúcho. As observações mais acertadas foram feitas pelos inúmeros viajantes que visitaram o Brasil, desde a colonização. No início, não eram nada elogiosas. O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), sempre citado pelos historiadores, traçou um perfil do gaúcho em 1820: 'eram homens sem religião nem moral, na maioria índios ou mestiços que os portugueses designavam pelo nome de garruchos ou gahuchos.' Mas o vento continuou soprando, empurrando a roda do tempo. E o gaúcho foi se transformando, de trabalhador rural até a idolatria." MARIANO, Nilson. Gaúcho, Mito e Herói. Jornal Zero Hora, 22 de setembro de 1991.

O espaço negociado pelos sujeitos na Quarta Colônia indica uma **identidade ocupacional**. O território conquistado pelos imigrantes inaugura a idéia de exclusão do outro, ou seja, quando chegados ao Brasil, os italianos rejeitam a nação italiana e o espaço que ela não lhes deu. Os descendentes, pelo contrário, detentores de um território geográfico, negam a idéia da brasilidade e os símbolos nacionais que os fazem brasileiros. A identidade que resulta do jogo de inclusão e exclusão de limites, é a ocupacional. O lugar de fala dos sujeitos ítalo-brasileiros é uma construção simbólica resguardada pela pluralidade dos moradores da região. A identidade ocupacional é, portanto, resultado da coexistência de diferentes realidades.

Nos estudos sobre os movimentos urbanos, Manuel Castells (1999) identifica três processos organizados nos territórios em observação: as necessidades e as condições de vida e consumo coletivo, a afirmação da identidade cultural local e a conquista da autonomia política. A identidade ocupacional é fruto da conjunção desses três aspectos agenciados pela comunidade e pelas vozes autorizadas da região. A Quarta Colônia é uma amálgama de desejos e de frustrações que, sob a égide da memória, se apóia na conquista do território para construir-se simbolicamente.

A identidade ocupacional que emerge entre os descendentes de imigrantes italianos na Quarta Colônia os transforma em mestiços acidentais. A mestiçagem compreende um conceito biológico de miscigenação e cultural de transculturação ou aculturação e que envolve o conceito de hibridismo³⁴. Martin-Barbero (1997:259) nomeia a mestiçagem na América Latina não como algo que passou "e sim àquilo mesmo que nos constitui, que não é só um fato social, e sim razão de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir". Muniz Sodré (1999:82) também coloca que a mestiçagem ou ideologia da miscibilidade não é simplesmente miscigenação biológica, "mas promove uma conciliação ideológica entre as diferenças étnicas, éticas e culturais, apontando para as singularidades". Portanto, a ocupação do território brasileiro faz com que os descendentes forjem uma identidade em contraposição à nacional: uma identidade de ocupação, que

³⁴ Veja mais sobre mestiço acidental no item 3.2 e sobre mestiçagem no texto de MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil, 1999

não é nem do italiano europeu, nem do brasileiro híbrido. A identidade ocupacional é restrita ao lugar construído simbolicamente, no nosso caso, a Quarta Colônia. Entretanto, a territorialidade demanda negociações. Os limites são tênues e a brasilidade bate à porta. Conceitualmente, soma-se ao processo mobilizador das identidades ocupacionais, o mestiço acidental. O mestiço acidental está restrito ao espaço de negociações "étnicas, éticas e culturais", que se constrói através de narrativas.

A formação da identidade nacional e da nação brasileira inaugura o debate sobre a mestiçagem, como já visto na segunda parte, e traz consigo principalmente a noção do mestiço superior com as gerações brancas, e do mestiço inferior, relegado ao ostracismo e à penúria social:

A mestiçagem permite construir a imagem de uma totalidade social homogênea -, a da identidade nacional a concebe como totalidade incompleta e lacunar - é assim que, por exemplo, escravos e homens livres pobres, no período colonial, ou os operários, no período republicano, são descritos sob a categoria da consciência alienada, que os teria impedido de agir de maneira adequada.³⁵

Homi Bhabha (1998:55), em *O Local da Cultura*, sugere que a identidade ocupa um lugar fronteiriço, um campo intermediário de alterações políticas: "o valor transformacional da mudança reside na rearticulação, ou tradução, de elementos que não são nem o Um nem o Outro, mas algo a mais, que contesta os termos e territórios de ambos". Já, Manuel Castells, propõem três formas e origens de construção das identidades: a legitimadora, a de resistência e a de projeto. A mais próxima ao conceito de mestiçagem é a identidade de resistência. "Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a 'essencialização' dos limites da resistência". O mestiço também ganha uma abordagem filosófica, como a que coloca Michel Serres (1993:19): "escorregadio, o lugar mestiço expõe o passante. Mas nada se passa sem este escorregão. Ninguém jamais se modificou, nem coisa alguma no

³⁵ CHAUI, 2001:27

mundo, sem se recuperar de uma queda. Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço".

A idéia de mestiçagem levanta, inevitavelmente, a questão do hibridismo. O híbrido, assim como o mestiço acidental, se aproxima das experiências culturais e identitárias da região. A multiplicidade de sentidos é tão vasta que o hibridismo, o mestiço acidental e a identidade ocupacional se transformam em ferramentas que auxiliam na aproximação do fenômeno social identitário da região. O hibridismo, na Quarta Colônia, esbarra nos desdobramentos do tempo e do espaço que se articulam em redes sociais e em vínculos simbólicos, acionados em outra estrutura que não a das ofertas simbólicas internacionais e das experiências locais. A estrutura que buscamos identificar na constituição das redes simbólicas dos descendentes de imigrantes faz parte de um passado vivo, de um presente esquecido e de um futuro ausente. A definição de Nestor Garcia Canclini (1998:285) para a hibridização é de "uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação".

É possível participar dos fenômenos de mestiçagem e de hibridismo através das ondas do rádio. O aparelho radiofônico compõe a estrutura identitária através de uma narrativa que é repetida inúmeras vezes. Para ser aceito no grupo italiano é preciso participar de suas tradições, compartilhar seus hábitos e criar seu passado imigrante. Com essa prática, o sujeito adota não uma identidade híbrida, resultado dos processos de entrada e de saída do hibridismo, mas uma identidade situacional.

Narrar a nação. Contar situações e histórias repetidas vezes. Recolocar sentimentos e ações no cotidiano multimediado dos descendentes. São obras constituídas pelo aparato radiofônico e formadoras das identidades situacionais. Confidenciou-me uma moradora³⁶ da Quarta Colônia, casada com um 'não-descendente' de italianos: "*meu marido sempre escuta o programa do Bigodinho (Nossa Tradição Italiana) aos domingos. Agora tem um novo, todas as quartas-*

³⁶ Bisneta de Imigrantes Italianos da região de Treviso, norte da Itália e que imigraram para o Brasil em janeiro de 1886. Moradores de Arroio Grande, onde a família reside até hoje, embora com trabalho e negócios na cidade de Santa Maria e em outros estados brasileiros. A descendente é casada e tem um filho.

feiras de manhã com uma historiadora e que trata só da Quarta Colônia. Ele não perde".

Há casos de casamentos entre 'descendentes' e 'não-descendentes' de imigrantes que o cônjuge miscigenado³⁷ oculta seu sobrenome não italiano. Negar a "origem brasileira" é a garantia para conviver com uma idéia de nação/comunidade que não lhe pertence, mas que é inventada e sustentada por seus discursos ambivalentes. A identidade que se forma e que circula entre os descendentes de italianos gaúchos é processada tanto pelos que tem descendência direta de italianos (pai e mãe filhos de italianos), quanto pelos que adotam a *postura italiana* (apenas um dos genitores tem descendência italiana ou nenhum dos dois descende diretamente de famílias italianas). São esses grupos sociais que representam papéis forjados numa estrutura e num espaço/tempo definidos por e para eles.

A religião, a genealogia e o território geográfico são dispositivos que garantem o fenômeno identitário. A identidade situacional se processa através dos conteúdos simbólicos acionados pela memória narrativa: os programas de rádio contam episódios simples de serem lembrados, experimentados e adotados, facilitando o trânsito das identidades. Os novos italianos adotam essas práticas e criam suas histórias e memórias, tornando-se parte de um passado comum no território construído da Quarta Colônia.

No cotidiano da região há um movimento intenso de pessoas que não participam da comunidade, mas que vão até ela para conhecer e consolidar o espaço como pólo de italianidade. O indivíduo que, seduzido pela estrangeirice do lugar lá permanece, resolve seu estranhamento através de práticas performáticas. O patrimônio simbólico construído nestes espaços permite a troca cultural sem o risco de fragmentação identitária, ao contrário, favorece a consolidação de uma identidade situacional. Dessa forma, os processos híbridos não são a única variável sócio-cultural, existe um passado comum em construção e um compartilhamento de experiências singulares que são acionados pelas lembranças da "nonna" e do "nonno" e autorizadas pelas vozes competentes. O

³⁷ É comum acontecer casamentos onde um dos parceiros é bisneto ou tataraneto de imigrantes ou por lado de mãe ou por lado de pai. Mesmo estes indivíduos são considerados 'brasileiros' pelos moradores da Quarta Colônia, até o momento de se unir com um de seus membros e adotar suas práticas culturais.

comportamento cultural destas comunidades gera contrapartidas de resistência e reações de “outros brasileiros” que se sentem agredidos com a diferença criada pelos ítalo-gaúchos. O rádio, de certa forma, ajuda a difundir a idéia de que o Rio Grande do Sul é um estado *quase* europeu.

O conceito **de performance**, ligado à construção das identidades situacionais, passa pela idéia de representação física de um acontecimento social, pela transformação do corpo em favor de um ritual de pertencimento. A ação performática dos ‘turistas’ da Quarta Colônia e dos ‘não-descendentes’ que são reconhecidos pelos moradores da região, transita na esfera pública do reconhecimento. Estes sujeitos performáticos repetem as normas que regulamentam o fazer cultural da comunidade italiana sem jamais alterá-las ou questioná-las. Assim, partimos da definição de que a performance é um lugar de definições hegemônicas com múltiplas injunções do corpo coletivo e do corpo individual. Devemos considerar que a performance entre os ‘italianos ocasionais’ legitima a prática identitária dos *italianos por natureza*. Os filhos de imigrantes não são apenas performáticos, o efeito da ação individual deve alcançar um plano coletivo, social.

A performance, portanto, é um lugar de repetição e que está representado no dispositivo narrativo que cada sujeito aciona. No texto de Marie Maclean, *Narrative as Performance*, a autora diz que

the context of performance seemed to provide the best clue to the paly of forces involved. Performance as its most general and most basic level is a canying out, a pretting into action or into shape. Both movement and interaction are involved. (...) Performance always implies submitting to the gaze and measurement of others”, e continua, “every performance is subject to variation. Not only can the performers vary, as can the particiapants in the interaction, but also the context in wich it is set and the different expectations and capacities influencing the production and the reception.

Retirado da representação cênica, o conceito de performance advém das ofertas entre os descendentes que vivem na ambigüidade e que convivem com memórias que não são suas para que, um dia, possam experimentar o novo. Compreendemos com as performances que *não há nada velho que não tenha sido novo e que não há nada novo que não possa vir a tornar-se velho*. Portanto,

dependendo do tempo da ação, um tipo de identidade é acionado. A performance e a identidade situacional são frutos da dupla diferença que existe entre ser estrangeiro para si próprio e ser aceito no grupo social. Apropriando-nos das palavras de Kristeva (1994:13), explicamos o desafio inconsciente em que vivem os moradores da Quarta Colônia:

O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detêm. A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tiver forças para não sucumbir a isso, resta procurar um caminho. Fixado a esse outro lugar, tão seguro quanto inabordável, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além. O estrangeiro, portanto, é aquele que perdeu a mãe.

As múltiplas identidades que se formam em comunidades que convivem com a estrangeirice são perigosas quando o sujeito, na luta pela diferença se faz muito igual aos outros do grupo. O fenômeno identitário que ocorre na região cultural avaliada inicia sua trajetória resolvendo seu espaço e instituído uma identidade ocupacional. Tão logo o território simbólico é conquistado, o controle do tempo e das situações narradas formam as identidades situacionais. Permeados pelos movimentos da mestiçagem e da performance, os sujeitos se deparam com a estrangeirice do mesmo. É neste momento que o cenário social solicita experiências de transformação e inauguram as metamorfoses sociais.

A chegada repentina pareceu para eles um sonho, e tinham feito uma idéia muito diferente. Esperavam encontrar um prédio construído com estilo. A desilusão porém não foi tão grande que impedisse ultrapassar os umbrais daquela construção misteriosa, sem sentirem um não sei quê de místico na alma. Parecia-lhes que pondo os pés na soleira da porta, despiam o que tinham de europeu e estavam se revestindo de tudo o que era americano. Uma espécie de metamorfose.³⁸

O contexto no qual participam os descendentes de italianos é o da **metamorfose**. No episódio narrado pelo descendente, constatamos que o campo simbólico a que pertenciam os italianos foi alterado quando chegaram em terras brasileiras, e mais ainda, a noção de território só é modificada quando, através de

³⁸ Busanello, 1999:38

um gesto performático, o imigrante deixa de ser e passa a construir uma identidade. Entretanto, a constituição do novo eu acontece através de papéis sociais negociáveis, metamorfoseados.

A metamorfose está no plano social, é de natureza simbólica e constitui a realidade identitária e societária na Quarta Colônia. Partilho da definição de Gilberto Velho (1999:29) de que

a permanente latência implica o que poderíamos chamar de potencial de metamorfose, distribuído desigualmente por toda a sociedade. O repertório de papéis sociais não só não está situado em um único plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades. Com isso, talvez, possamos escapar de falsos problemas ditados por uma visão linear da experiência sócio-cultural.

Na metamorfose, a ação parte do interior do sujeito, e é reconhecida pela comunidade com a qual ele negocia culturalmente. A aceitação do sujeito exige que ele conheça as regras e os códigos que pertencem àquela sociedade. O dispositivo radiofônico funciona como um agendador de códigos e de signos que serão negociados na ordem do discurso societária. Através dos programas de rádio é possível ao descendente garantir uma metamorfose 'autêntica' e, portanto, participar da dimensão cultural, social e política das comunidades. O descendente de imigrantes italianos possui uma **identidade metamorfoseada**.

A difusão e a construção de narrativas na mídia possibilitam novos engendramentos de sentidos, novas práticas culturais circulantes e, portanto, novas formas de construir identidades. Assim também, não é possível seguir uma mesma proposta teórica para diferentes situações culturais, sendo necessário buscar elementos que garantam explicar as identidades num terreno movediço. Nossa proposta é desenvolver o conceito de metamorfose como elemento essencial na formação das comunidades discursivas, percorrendo as relações com a mestiçagem, com a saída do conceito de hibridismo e com a verificação das atividades performáticas que fazem dos sujeitos camaleões na própria natureza cultural.

O processo de construção do conhecimento acerca das identidades na Quarta Colônia inicia com uma discussão sobre as mestiçagens e o seu potencial transformador. Observa-se, nesse sentido, uma revisão do lugar-comum que diz

“somos brasileiros, portanto somos mestiços”. O ser nacional, construído principalmente nos regimes autoritários (Estado Novo e Regime Militar), correspondia a projetos políticos interessantes para a manutenção do poder. Assim, quando nos discursos reflexivos, transcritos na parte III, encontramos marcas do apagamento da língua, sabemos que se tratava de uma estratégia do governo de Getúlio Vargas para fomentar a *brasilidade* em detrimento das colônias que poderiam abrigar sentimentos contrários à política popular e nacionalista.

A narrativa homogeneizante e hegemônica da *identidade nacional* mobilizada durante os regimes totalitários, não resiste aos movimentos sociais protagonizados por atores que representam as minorias. Junto aos negros, mulheres e homossexuais, podemos incluir os colonos que tiveram sua identidade étnica sufocada pelos aparelhos do estado. Não foi possível ao descendente de imigrante italiano ultrapassar naturalmente os limites da sua identidade transitória. No meio do processo de incorporação ao ambiente novo, ele foi *obrigado* a participar de cenas culturais sem haver um papel coerente a ser representado. A indeterminação identitária é que o faz mestiço, e não a assimilação cultural. Portanto, discutiremos a partir do próximo ponto, a mestiçagem em trânsito que atualmente negocia em espaços locais e globais e com ofertas midiáticas que minam as marcas deixadas pelo Estado Novo e pelo Regime Militar.

IV.1 As Mestiçagens e as Identidades Culturais

Minha experiência *italiana* nunca foi tão intensa quanto nestes últimos quatro anos. Não havia percebido esse outro lugar que existe em mim. Durante minha infância convivi tranqüilamente com o arroz, o feijão e a polenta. E sempre achei engraçada a história de que meu pai precisou comer o angu cozido ou assado e do qual não gostava, durante o namoro, para conquistar o coração de minha mãe e, por conseqüência, dos meus avós.

Somente agora descubro que estive muito mais perto do passado imigrante do que do presente gaúcho. Há alguns meses, meu pai perguntou se sabíamos o que era uma tafona. E, imediatamente, diante do espanto de seus quatro filhos, explicou que se trata de um artefato utilizado pelos seus parentes para preparar a farinha de mandioca que, depois de pronta, faz o biju. Poucas vezes me recordo dele contando de seu passado indígena. As lembranças que guarda da família de seu pai, cujo sobrenome era “Machado de Jesus”, peculiar aos descendentes de índios catequizados e batizados pelos jesuítas, se apagaram completamente.

Hoje, vendo meu interesse pela região de imigração italiana, se arrisca a falar um pouco de uma história que foi obscurecida pela história dos imigrantes no Rio Grande do Sul. Nunca ouvi ninguém na escola contar de suas origens indígenas, mas freqüentemente realizávamos a festa das etnias, e todas as homenageadas eram européias. Também não percebia minha experiência ‘italiana’ como algo criado e produzido. O olhar de pesquisador me apontou esse detalhe.

Em minha vida, assim como a de milhares de descendentes diretos, indiretos ou de não descendentes que convivem com a experiência dos imigrantes, compreendi o real na sua multiplicidade natural, como uma homogeneidade fictícia. Percebi as diferenças entre os parentes paternos e os maternos, entre a minha família e a de meu marido. E esta co-existência de diversas realidades no mesmo território cultural me fez uma mestiça acidental.

O fenômeno da mestiçagem é geralmente discutido sob o viés do cruzamento de raças e da ambigüidade cultural experimentados na sociedade moderna globalizada. A mestiçagem acidental designa comunidades que

manifestam o desejo de participar de outras realidades, as quais acreditam ser uma e única. O real experimentado por essas comunidades é plural, entretanto, a percepção do corpo social não alcança as fronteiras da diferença.

Podemos até pensar no assimilacionismo étnico e cultural, mas o desafio das misturas está em entender em que condições e em que circunstâncias elas ocorreram. Viana (1922), por exemplo, traçou uma estatística demográfica no início do século XX em favor da tese do caldeamento das raças, já abordada neste estudo. Segundo o pesquisador, o número de casamentos entre colonos imigrantes europeus aumentava consideravelmente o percentual de sangue ariano na massa mestiça. Em 1918 houve o registro de 38 casamentos entre italianos e 138 entre italianos e brasileiros. Dois anos depois, a cifra aumentaria de 60 casamentos entre italianos, para 167 entre brasileiros e italianos. O argumento de Viana não considera o número muito maior de imigrantes europeus no Brasil no curto espaço de dois anos. Assim como ignora a alta taxa de mortalidade entre os negros e o fim do tráfico de escravos. As condições em que se discute a mestiçagem neste período é essencialmente étnica. E o reflexo destas considerações para o mestiço acidental de hoje é a sua participação conjunta nos ambientes sociais oriundos dos dois reais possíveis.

Os casamentos *interétnicos*, como queria Viana, construíram um espaço novo para os descendentes. A Quarta Colônia é um exemplo desse lugar paradoxal: inicia mestiço e se transforma em uno, ou seja, aqueles que freqüentam o território naturalmente plural, são essencialmente mestiços acidentais.

O mestiço acidental é aquele que fabrica sua diferença no compartilhamento do território cultural. O lugar do qual falam é habitado por brasileiros que ora se denominam gaúchos, gringos (os de origem italiana), alemães e polacos. No artigo *Televisión e identidad cultural* (Dialogos, 2000), Veneza Ronsini apresenta este espaço de negociação da cultura regional focalizando os trânsitos culturais de gaúchos e de gringos. Para a pesquisadora, a identidade cultural na parte central do Rio Grande do Sul é resultado da incorporação de valores e comportamentos citadinos pelos migrantes rurais, assim como da apropriação da cultura gaúcha pelas famílias de origem italiana.

Apoiados no texto de Ronsini, explicamos o fenômeno da mestiçagem que circula no território do qual ela também fala. Partindo do pressuposto de que os meios de comunicação e, especialmente a televisão, constroem o território gaúcho, a autora seleciona algumas famílias de colonos italianos (agricultores que migraram de pequenas propriedades rurais da região da Quarta Colônia) e outras de gaúchos. No processo de inclusão e exclusão entre os gringos e os gaúchos no espaço delimitado, ocorre uma ebulição cultural. Ambos negociam com as mesmas ofertas culturais, entretanto as escolhas tendem a se cruzarem em função da identidade idealizada pelos sujeitos.

Seguindo com o raciocínio de que há uma indeterminação identitária que responde pelo fenômeno da mestiçagem, propomos avaliar imediatamente a forma como nos remetemos aos grupos sociais com os quais dialogamos. *Gringos* e *gaúchos* são co-habitantes de um mesmo território geográfico, portanto têm em comum várias práticas culturais; entretanto, são grupos simbolicamente separados e que negociam suas identidades com práticas construídas em contextos diferentes.

Ambos necessitam do lugar facilitador de trocas simbólicas e dos rituais que celebram suas tradições inventadas. Na colônia, a italianidade é soberana e legítima. É ela que autoriza a segregação identitária já presente no significado do termo *gringo*. Assim como nos CTGs³⁹ (Centro de Tradições Gaúchas), o gaúcho é o *patrão*, ou seja, possui o poder de determinar e fiscalizar as regras com as quais os sujeitos devem negociar suas identidades. Através dos espaços simbólicos, os sujeitos determinam suas práticas culturais, assim como a postura midiática determina as ações a serem desempenhadas nesses lugares.

O rádio é o agenciador do *gringo* na Quarta Colônia. Ele convoca o ouvinte a participar das festas, a lembrar e contar suas histórias, a apreciar a culinária da região e a fazer-se *um* no espetáculo da transformação. A televisão, por sua vez, é o principal meio que delega aos gaúchos sua auto-imagem e o seu

³⁹ “Principal instituição que atua no processo de consolidação da identidade regional gaúcha, sendo a articuladora do Movimento Tradicionalista e mentora dos princípios que nortearam o culto às tradições, o CTG é um núcleo congregador de tradicionalistas. Funciona como uma associação, na qual seus membros participam de atividades sociais (festas, fandangos, churrascos), culturais (apresentações musicais, danças, declamações) e esportivas, se consideram-se as práticas ligadas às competições campeiras (tiro de laço, gineteadas, rodeios, domas, corrida de cancha reta, etc). A todas estas atividades os associados comparecem obrigatoriamente ‘pilchados’” (JACKS, 1999:96)

tipo representativo no CTG. O que deve ficar claro, portanto, é que os sujeitos que participam da colônia e do CTG não estão obrigatoriamente excluídos do campo simbólico um do outro. São os mesmos sujeitos que, autorizados, transitam nesses espaços flutuante. Por isso o texto de Ronsini detecta várias situações ambivalentes em que se encontram gringos e gaúchos:

A pesar del debilitamiento de la región sur del Estado, de la notable proyección económica y política de los descendientes de los colonos de origen italiano y alemán que desarrollaron la región norte, de la industrialización y de la urbanización, el tipo representativo de Rio Grande do Sul sigue siendo la figura del gaúcho de la Campiñã (RONSINI, 2000:104).

Os descendentes de italianos da Quarta Colônia fazem parte *do tipo* gaúcho. Eles **são** gaúchos e participam da imagem representativa do Rio Grande do Sul. A italianidade é uma das características que formam esse povo. Entretanto, sua legítima participação está na operação dialética e na transitoriedade identitária. Há uma impossível pureza nos descendentes italianos, assim como há uma surpreendente mistura de significantes entre os gaúchos. De um lado há um obcecado resgate pelas *raízes italianas* e, conseqüentemente, pela formação de uma identidade que nega o nacionalismo mestiço. De outro lado, há a experiência popular que abraça a maioria da população que vive no Rio Grande do Sul: o sentimento tradicionalista que contamina cultural e politicamente os sujeitos sociais. Entre esses dois campos a mestiçagem se levanta como uma perspectiva dualista, intrínseca às representações sociais.

A mestiçagem acidental compartilha o sentimento tradicionalista gaúcho (não poderia ser diferente para quem preserva as tradições), ao mesmo tempo em que reivindica uma imagem européia. Por isso, quando as famílias entrevistadas descrevem o gaúcho, a italiana o faz como sendo um outro, um não igual, embora compartilhe hábitos culturais apontados como tipicamente gaúchos (como o chimarrão, por exemplo). Quando Ronsini, no artigo já citado (p.106), diz que

gaúchos y gringos comparten la Idea de que la mejor representación del gaúcho es la del trabajador asalariado dedicado a las actividades de pastoreo. Además de eso, para las familias Cagnin y Cordone (gringos), Santos y Silva (gaúchos) existen dos modos de ser gaúcho: el del gaúcho rural es saber haber el trabajo de campo y del gaúcho urbano son sus habilidades artísticas. Ambas representaciones del gaúchos son masculinas, al contrario de las representaciones acerca del "italiano", en las cuales la mujer es una referencia siempre presente en la vida doméstica y en el cuidado de los hijos.

Percebemos que, acima de tudo, a família italiana deseja estabelecer limites espaciais entre o estranho próximo e o estrangeiro ameaçador, como continua o texto, "las principales características del gaúcho son sintetizadas (pelos gringos) como una mezcla de fragilidad en relación con el medio urbano, fuerza física para el trabajo y orgullo de las tradiciones que cultiva".

Entende-se o estranho próximo através das qualidades com as quais os sujeitos negociam enquanto mestiços acidentais. Por isso, a descrição realizada pelos italianos é ao mesmo tempo diferente e igual da traçada pelas famílias de *brasileiros*. Ambas valorizam o seu território e se identificam com o lugar de origem. A ambivalência do discurso dos gringos está justamente na ocupação do espaço gaúcho e na identificação com a origem italiana, o que leva, inevitavelmente, os gaúchos a reconhecerem a diferença dessas comunidades por entenderem que são de *outros países*: "marido y mujer en la familia Santos se identifican con los gaúchos porque encuentran que se debe valorizar la tierra donde se nace, que tiene una cultura particular, diferente a la de 'otros países'".

Portanto, para o italiano descendente, o gaúcho é um estrangeiro ameaçador que não pode ultrapassar os limites territoriais, e por consequência os simbólicos, **sem se fazer também um mestiço acidental** e compartilhando o passado cultural imigrante do colono italiano. Por outro lado, as famílias *gringas* (traço semântico de sua estrangeiridade) incorporaram as práticas "restritas" ao gaúcho, tornando-as suas e negociando com elas mediante seu passado imigrante. O cotidiano gaúcho é reatualizado num passado consciente, ao mesmo tempo em que é liderado pelos agentes culturais e intermediados pelos programas de rádio.

Essa transitoriedade é a marca da indeterminação e da mestiçagem acidental. A nomeação dessa característica encontrada nas comunidades latino-americanas foi dada por Martin-Barbero (1997:262) como *mediação*. As mediações são as práticas oriundas dos ambientes culturais de gringos e de gaúchos que tramitam numa dimensão da afirmação étnica. É o próprio Martin-Barbero quem explica as mediações e a sua congruência com as mestiçagens acidentais:

o campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade. Já que é o próprio sentido do artesanato ou das festas o que é modificado por aquele deslocamento 'do étnico ou do típico', que não só para o turista, mas também na comunidade, provoca o esmaecimento da memória que convoca.

Ao falar de comunidades indígenas e de sua fragmentação e integração mediante condutas e necessidades, estendemos o conceito das mediações para a região de imigração italiana no Rio Grande do Sul. O fragmento citado recorta com precisão a realidade mestiça dos descendentes de italianos. Há uma *transformação por dentro*, convocada pelos meios de comunicação e que mobilizam tanto o universo italiano quanto o universo gaúcho. Martin-Barbero diz se trata de uma "dupla operação de desconexão e de recomposição".

Serge Gruzinski (2001), ao explicar o pensamento mestiço, também defende a diversidade do olhar para se aproximar do fenômeno da mestiçagem. A demografia histórica, as genealogias e as histórias de família, as histórias oficiais e as circulantes, os ritos religiosos e a língua são disciplinas que precisam ser consideradas quando falamos de grupos iguais e diferentes, como os gaúchos e os italianos descendentes; e que não podem estar conceitualmente separados e ao mesmo tempo mestiçamente definidos.

Retornando ao texto de Veneza Ronsini, verificamos que há um espaço que não foi considerado. Trata-se justamente do espaço da colônia. Os limites geográficos proporcionam o lugar seguro para estabelecer vínculos entre os fragmentos culturais do passado e os rituais reatualizados. A colônia é esta área que equivale ao CTG, embora muito mais eficiente na produção de bens simbólicos e de identidades culturais. Portanto, é equivocado pensarmos que a

La pérdida de los vínculos con la cultura italiana en el medio urbano puede ser el resultado de su precaria institucionalización, pues con excepción de las fiestas religiosas organizadas por las parroquias o de los programas de radio esa subcultura étnica es institucionalizada para las clases medias y altas (Ibdem: 108).

O lugar da colônia foi revisto por essas mesmas classes medias e altas urbanas que, ao voltar para o seu território, mesmo de bombachas, tocando acordeom (gaita) e trovando, se faz italiano. O lugar favorece essa troca. Portanto, a mestiçagem acontece de forma acidental, a identidade do colono é uma opção que o sujeito social adere neste início de século. Gruzinski (2001:44) lembra que,

as culturas podem se misturar quase sem limites e não apenas se desenvolver, mas igualmente se perpetuar. Interessando-se pela problemática da mudança cultural, da difusão, da assimilação e da aculturação, antropólogos anglo-saxões fizeram a tipologia dos modos de contato (...) e dos modos de difusão (...) e elaboraram uma série de categorias que permitem melhor delimitar as condições e as modalidades da mistura (...).

A mestiçagem acidental é resultado de um embate de culturas coloniais e contemporâneas. De traços europeus opostos à formação mulata, indígena e negra do século XIX, de características forjadas com o CTG 35⁴⁰, que institucionalizou e difundiu o tradicionalismo gaúcho. A emergência dessa cultura mestiça nasce da conjugação dos contrários. O universo identitário construído resulta numa colcha de retalhos conhecida dos estudiosos do fenômeno da mestiçagem. Entretanto, o resultado aparente nas comunidades da região central do Rio Grande do Sul é de uma amálgama que aciona diferentes dispositivos e que garante a sobrevivência do sujeito italiano.

O cimento desta edificação cultural é o rádio. Ele é o veículo que aproxima o grupo social do território da colônia. O rádio difunde o poder simbólico na região. Os sujeitos são um único corpo cultural diante das narrativas

⁴⁰ “Os objetivos dos CTGs têm sua origem na criação do ‘35’ CTG: - zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e conseqüentemente divulgação pelos estados irmãos e países vizinhos; - pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; - fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhe todo apoio possível; - o centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa”. (Lessa, 1985:58, citado por Jacks, 1999:100)

radiofônicas, contribuindo decisivamente para a transformação natural do eu no eu mesmo italiano. A intimidade que acompanha os programas de rádio, traduzida na fala dialetal e na relação continuada do tempo através das memórias narradas, oferece aos sujeitos o encontro das posições identitárias. “O sentido é construído paulatinamente e de forma fragmentada pela narrativa, para culminar com a recuperação moral da história” (Mazzarino, 2001:75). Todo o universo mestiço do qual falamos passa pela experiência da narrativa; e o rádio é o principal articulador do popular e do massivo e que amplia as vozes hegemônicas da região.

A complexidade do universo social mestiço nos permite considerar o dualismo identitário nas comunidades da Quarta Colônia como algo inacabado, em constante transformação. A mestiçagem deve estar livre dos termos restritos como mistura, sincretismo, mas deve considerar que o sujeito social escolhe os elementos culturais com os quais quer jogar: é um mestiço em sua própria natureza.

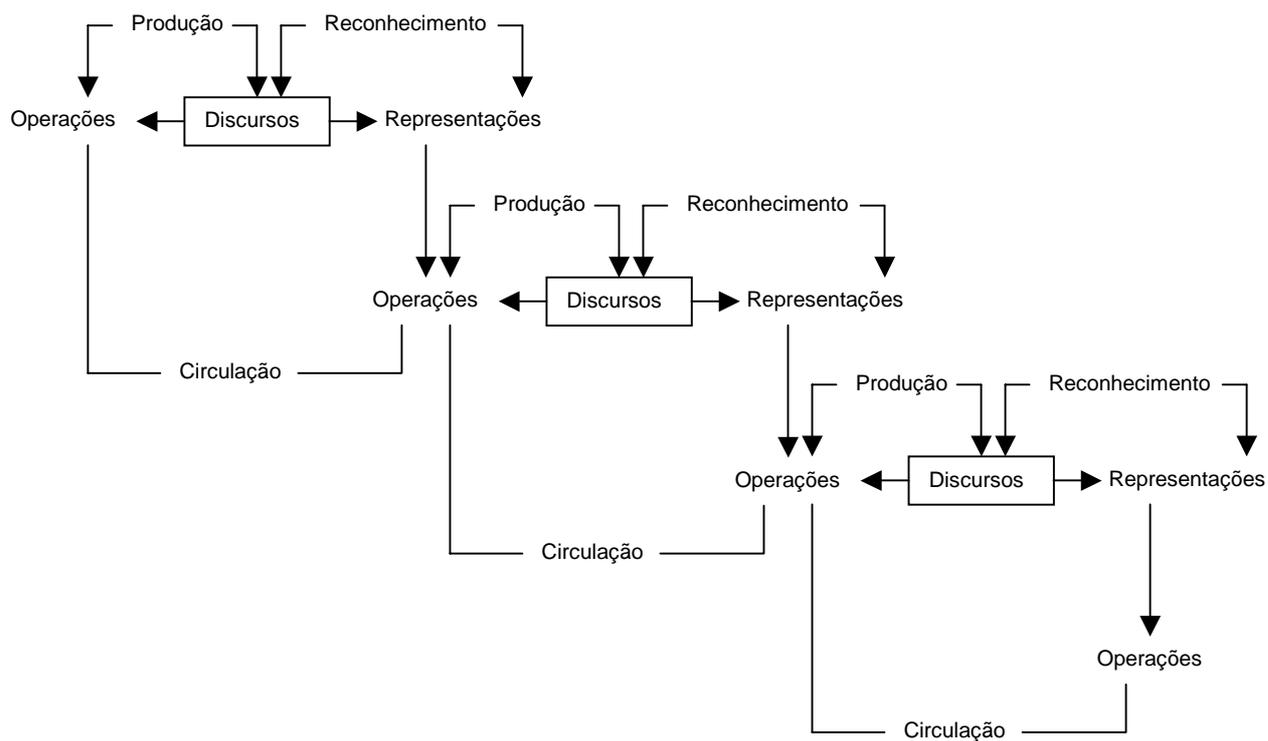
Portanto, as identidades não estão sujeitas apenas ao fenômeno da mestiçagem acidental, elas encampam o percurso do hibridismo não como essencialmente híbridas, mas como identidades em estado nascente que eliminam dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido simbolicamente. O próximo aspecto a ser tratado é justamente o processo de hibridação a luz dos discursos circulantes. Os sentidos que se formam são resultados de *entradas e saídas* do lugar mestiço.

IV.2 Os Discursos como Agenciadores de Relações Híbridas

A posse do território geográfico, a conquista do espaço simbólico e o pertencimento ao lugar não-estranho são traços que sustentam as identidades ocupacionais nas comunidades que circulam entre a cidade e a colônia. O movimento que origina tais identidades aponta a questão da mestiçagem, tanto a mestiçagem biológica quanto a cultural, que estuda as combinações identitárias. Entretanto, estas abordagens são insuficientes para explicar os fenômenos interculturais.

O mestiço acidental é o primeiro recorte sociológico oriundo dos processos identitários em negociação na região central do Rio Grande do Sul. Os vínculos com o passado e as reatualizações na prática radiofônica permitem aos sujeitos novos contratos, mobilizados a partir dos seus desejos e das suas angústias de ser.

Há três partes fundamentais que necessitam ser entendidas para apreender os sentidos que se formam na região estudada. Falamos de um lugar primeiro (parte II) que especifica os conjuntos de produção discursiva: são os discursos fundadores, as vozes autorizadas e os agentes sociais que acionam as partes significantes a partir de marcas materiais. Depois (parte III), visualizamos as condições de circulação, que não são nunca idênticas as de produção e que, através dos programas de rádio e da percepção da audiência, instalam uma variabilidade de sentidos. Finalmente chegamos ao momento do reconhecimento (parte IV) dos sentidos. A rede infinita que se estabelece nas ordens discursivas são avaliadas sob a ótica dos estudos culturais. Os movimentos de fundação e reflexão discursivos originam práticas identitárias movediças neste início de século. Avaliar estas redes semióticas é necessário para compreender as construções sociais que se erguem sobre as comunidades na América Latina. Eliseo Véron (1980:194) representou esquematicamente essa rede discursiva na qual nos apoiamos para falar da Quarta Colônia:



Os estudos culturais e a abordagem latino-americana têm especialmente apontado para a discussão sobre os indivíduos e suas identidades, os deslocamentos e as tensões sociais e o papel dos meios de comunicação na proliferação de novas práticas culturais. Nestor Garcia Canclini é um expoente pesquisador latino-americano que inaugurou, através das teorias sobre a modernidade, as observações acerca do *hibridismo cultural*. Os estudos sobre o hibridismo modificaram os focos de análise das identidades na modernidade e na pós-modernidade, e a questão do híbrido se originou no cruzamento das ofertas do culto, do popular e do massivo.

Ancorado principalmente nas organizações simbólicas da arte, do artesanato, da arquitetura, da literatura e dos meios de comunicação, Garcia Canclini chega ao século XXI tentando entender a discussão epistemológica que se estabeleceu em torno do conceito de hibridismo. Depois de reconhecer que este foi o aspecto mais débil de seu livro *Culturas Híbridas* (1997), Garcia Canclini durante o Seminário Arte Latina (Rio de Janeiro: outubro/2000), permitiu-se revisar o hibridismo sob a luz das ciências sociais: “parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos sócio-culturais em que as estruturas

ou práticas discretas, que existiam de forma separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Esta rearticulação conceitual retira do lugar-comum o termo associado à dinâmica biológica e importado pelas ciências sociais que, diante de cruzamentos e mestiçagens, leva à inevitável esterilidade cultural ou ao crescimento vertiginoso de novas e variadas expressões culturais. O processo de hibridação advém da criatividade individual e coletiva, ou seja, o sujeito, mediante o patrimônio cultural conquistado, se reconverte no tipo desejado. A identidade híbrida não é o resultado de um movimento de troca e de interações, mas um modo equivocado de definir as “entradas e saídas do hibridismo”.

A realidade dos moradores da Quarta Colônia está fundada em estruturas de causalidade e ancorada nos discursos que definem os processos de hibridação. Não é mais possível tomar o híbrido como explicação para as transformações identitárias. Stuart Hall já apontava a possibilidade das traduções no livro *Identidades Culturais na Pós-modernidade*, e ventilava que as culturas híbridas constituíam um tipo de identidade, mas que haveria muitas outras a serem descobertas. O esforço em reavaliar o conceito de hibridismo leva ao olhar que propomos: as identidades passam por instâncias que as fazem ocupacionais e situacionais. Mas mesmo diante do tempo-espço observados, as identidades situacionais e ocupacionais são temporárias como as identidades híbridas. Elas se constituem na transição, e como explica Hall (1998:89), “as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas são irrevogavelmente traduzidas”.

O hibridismo é UM FATOR que determina as mudanças culturais; não é ele a própria mudança. Quando Garcia Canclini fala da sua experiência migrante é levado a concluir que é um ser híbrido porque negocia com as culturas Argentina e Mexicana. Entretanto, a sua condição migrante desencadeia vários processos, entre eles o de hibridismo. Observe como o discurso radiofônico amplia as relações híbridas e faz circular novos significados na dinâmica cultural da região, atentando para as marcas que reforçam a tradução e a transitoriedade das identidades culturais entre os sujeitos da Quarta Colônia:

“o programa de hoje é especialmente sobre turismo, e dentro do turismo destacando o município de Silveira Martins. Entre as atrações turísticas, Silveira conta com locais de belíssimas paisagens e grandes pontos de lazer e diversão. Entre as maravilhas da natureza, a 3 Km da sede (você pode obter informações também no acesso a cidade), você pode conferir o conjunto histórico da Pompéia. Um lugar lindíssimo onde quem cuida praticamente todo aquele complexo da Pompéia é a família Guerra, meus queridos amigos da família Guerra... Na vila Catani, o novo e belo ponto turístico, a chácara Santa Eulália, de propriedade do senhor **Felisberto Barros**. É uma casa mobiliada de forma totalmente italiana, com cantina, venda de vinhos e outros produtos. Existe uma grande expectativa de tornar-se uma grande pousada **para você que quiser visitar a Quarta Colônia**. O monumento do imigrante constitui-se no marco histórico deste povo. Esse monumento é constituído de uma grande cruz de 15 metros de altura simbolizando a fé do imigrante italiano e também de todos os que tombaram no início da colonização. Os quatro elementos em concreto indicam as quatro colônias italianas do Rio Grande do Sul, a pedra e depois o moinho, que recorda a primeira indústria, a escultura mostrando um velho italiano com uma enxada e um menino com um livro na mão, **parecendo dizer que com muito trabalho de ontem e com o estudo de hoje, forjamos e construímos o desenvolvimento deste país (...)**”.

(Programa da Quarta Colônia, novembro/2002).

Sabendo que a situação sócio-cultural em que se encontra o sujeito é transitória e somada ao processo de hibridação, as identidades se constituem não segundo regras que levam a um denominador comum, mas conforme o lugar e as expectativas criadas pelos agenciadores discursivos. Para entender como se produzem as identidades é necessário conhecer as trajetórias do hibridismo diante da heterogeneidade e das políticas dominantes no meio avaliado. Ou seja, a agente autorizada amplia o conhecimento da *italianidade* através do seu programa de rádio e deixa pistas para entendermos a ficcionalização do processo identitário: *o futuro foi forjado e construído*, o território *simbolizado* e os atores já não se restringem unicamente aos descendentes de italianos. Conheci o senhor Felisberto Barros e ele me garantiu que não é neto ou bisneto de italiano. Veio da fronteira (o que não poderia ser mais adequado), e encontrou na Quarta Colônia um lugar adequado para promover o turismo ecológico e gastronômico. Por isso o

convite: “para você que quiser conhecer a Quarta Colônia” e que aceitar participar dos seus rituais cosmopolitas, abrem-se às portas e desencadeiam-se os processos de tradução.



Fig.29 – Monumento em Val de Buia – “escultura mostrando um velho italiano com uma enxada e um menino com um livro na mão”.



Fig.30 – Placa comemorativa ao Centenário de Imigração e Colonização Italiana – Barracão de Val de Buia/Silveira Martins/RS

Os jogos de poder no interior dos discursos imigrantes e as ações dos sujeitos delimitam as fronteiras entre o conhecido e o estrangeiro. As apropriações sociais e culturais nos discursos reformulam as identidades culturais na medida em que o eu é ao mesmo tempo um outro conhecido e visível. Essa

alteridade do sujeito verificada na prática discursiva permite-nos avaliar as identidades como relações de hibridação que facilitam a entrada e a saída do processo cultural desejado, um avanço para as dinâmicas de tradução. Em sua revisão teórica, Garcia Canclini admite que

estes processos incessantes, variados, de hibridação levam a relativizar a noção de identidade (...). A ênfase na hibridação não só encerra a pretensão de estabelecer identidades 'puras' ou autênticas. Mas, coloca em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas, ou que tentam afirmar-se como radicalmente opostas a sociedade nacional ou à globalização.

Os discursos sociais são, portanto, os agenciadores das relações identitárias, ou seja, não permitem o estabelecimento da unidade identitária, mas determinam as redes de negociação entre o agir italiano, o agir brasileiro, o agir gaúcho, etc. Assim, o hibridismo é uma parte do desenvolvimento das identidades culturais. Considerando as identidades como híbridas, corremos o risco de confirmá-las em suas autenticidades e unicidades. O hibridismo as levaria para um confortável lugar conceitualmente resolvido. Entretanto, a análise sociológica aponta para uma formação identitária movediça.

As relações híbridas são facilitadoras no meio cultural heterogêneo e os discursos determinam o domínio social no qual será gerado o quadro identitário. Fairclough (2001:91) explica que é possível distinguir três aspectos dos efeitos construtivos do discurso e, por consequência, dos processos híbridos que se formam:

o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições de sujeito' para os 'sujeitos' sociais e os tipos de 'eu'. (...) Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e de crenças.

Percebemos que a função das identidades híbridas se estabelece na prática discursiva. Os discursos estabelecem as representações textuais, ou seja, na formação dos textos enunciados pelos agentes fundadores ou reflexivos há uma transitoriedade de posições marcadamente vinculada com a experiência

cultural. Como no texto acima transcrito, os vestígios da hibridação estão nos textos circulantes e nas possibilidades de conjugá-los com outros significantes.

É esse movimento transitório de entrada e saída do hibridismo que permite o ritual performático e as identidades em metamorfose. A importância do desdobramento do conceito de hibridismo possibilita o abandono da proposição essencialista da “perda da relação natural da cultura com um território geográfico ou o processo de desterritorialização, assim como a queda das fronteiras entre estratos culturais (erudito, popular e massivo) e culturas diversas (locais, regionais, nacionais e global)” (Escosteguy, 2001:119). E aceita a hibridização como processo ligado à produção discursiva e à mudança social.

A desterritorialização que acompanha os imigrantes italianos já foi resolvida pelos seus descendentes. A noção de território possibilita as articulações culturais e as formações identitárias. A Quarta Colônia agrega um repertório simbólico que permite aos sujeitos participantes oscilarem entre a identidade de origem e a construída, levando-os a falarem “com espontaneidade desses vários lugares, sem misturá-los (...) em alguns casos, o sujeito aceita descentrar-se de sua história e desempenha vários papéis incompatíveis e contraditórios de um modo não dialético” (Garcia Canclini, 2000).

O fazer-se e desfazer-se espacial e temporalmente reforça a amplitude das identidades ocupacionais e situacionais e indica que as estruturas narrativas oscilam conforme o desempenho performático dos sujeitos. Os discursos enunciados contribuem para amenizar o trauma da fragmentação e incentivam a adoção de múltiplos papéis. Os discursos coordenam várias temporalidades quando acionam os dispositivos de memória, quando enfatizam a origem étnica, quando apelam para as diversidades regionais e quando solicitam um desempenho econômico mais justo para a região.

Além de informar sobre as experiências de vida, os discursos facilitam os contratos sociais e coletivos entre indivíduos que representam performaticamente suas identidades. As relações híbridas se manifestam nos discursos quando é solicitada a participação não só do ouvinte ‘italiano’, mas também de tudo aquilo que ele quer e pode ser. O desejo de participar dessas transformações, incentivadas pela mídia, é explicado também através do jogo fictício. A ficção gerada no grupo de descendentes de imigrantes da Quarta Região de Imigração

Italiana acontece através da formação imagética: trata-se de arquétipos de uma comunidade que negocia com a memória, com a diferença e com a referência.

A imagem produzida pelo descendente ficcionaliza sua existência como dupla: brasileira e italiana. O movimento de ficar ou de sair da colônia gera a ficção. O italiano descendente cria uma estrangeirice em território comum, o que não permite identificar a criação de uma outra cultura e tradição que não aquela legítima. Portanto, a relação de estrangeiridade está na não aceitação do natural – de ele ser efetivamente um brasileiro, mas na negociação com as ficções e com as situações planejadas para o sustento de uma identidade imigrante. Para Kristeva (1994:9): “o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades”.

O lugar social dos sujeitos é múltiplo, heteróclito, híbrido. O hibridismo possibilita aos italianos descendentes dialogarem com sua estranheza. Assim, eles permanecem iguais e diferentes aos imigrantes e aos brasileiros. Através da experiência estrangeira, de viver o outro, o sujeito fundamenta uma nova alteridade. O outro é ele próprio que revê, momentaneamente, nos papéis a serem desempenhados. A função dos duplos é ser agente na formação de mundos possíveis. Portanto, as mestiçagens, o hibridismo e os discurso são partes de uma estrutura causal que permite a alteridade identitária e a pluralidade cultural.

Compreendido como os discursos são ligados aos processos de hibridização, é necessário partir para o campo das atuações individuais e coletivas. As performances colocam no cenário discursivo a encenação do sujeito aceito pelo grupo, e as metamorfoses solidificam as relações identitárias a partir do convívio do grupo. Do hibridismo, alcançamos as performances.

IV.3 Do Hibridismo às Performances

É depois do churrasco de domingo, servido com o risotto e a salada de radicci, que a família dos descendentes de italianos reaviva suas memórias. Sentado num canto da mesa e tamborilando seus longos dedos em harmonia com o assovio da milonga, o velho neto de italianos tem o olhar perdido em suas memórias. Embalado pelo vinho, desfia melancolicamente a triste partida da Itália, a aventura em alto mar e as adversidades na colônia. Num breve impulso, abandona as lembranças e veste a gaita como a si mesmo. Languidamente o instrumento emite os sons da melodia “eu sou do sul, é só olhar pra ver que eu sou do sul”. Homem e acordeom são agora um só, e a beleza do momento está no encontro e na despedida do tempo, na experiência de ser e de deixar de ser ritualisticamente.

As identidades que circulam em algumas comunidades da América Latina, assim como na da Quarta Colônia, são sustentadas pela representação da nação idealizada e são integradas ao convívio social através de cerimônias coletivas. Ter *uma identidade* implica ter um espaço de compartilhamento de experiências, implica ocupar um lugar onde os que lá habitam interajam com o mesmo repertório simbólico. Nesses territórios, como já foi explorado anteriormente, a identidade ocupacional entra em cena, entretanto o tempo do espetáculo também deve ser respeitado e a dramatização da vida cotidiana passa a negociar com uma identidade situacional.

A fundação da Quarta Colônia é recente, não data cinquenta anos, entretanto, por mais de um século o território geográfico vem sendo conquistado. Com a chegada dos imigrantes, tudo o que foi oferecido pelo lugar tratou de ser apropriado: as riquezas minerais, a economia, a culinária, os costumes, a língua e as histórias. O pouco que traziam na bagagem foi somado ao outro que lhes foi oferecido. Construiu-se um patrimônio, conservado pelas primeiras e segundas gerações de descendentes. As terceiras o abandonaram e buscaram o espaço do urbano, do saber, da ciência, da medicina, etc. Perceberam, então, que podiam habitar vários territórios, duas nações que os colocassem em identidades transitórias.

Coube à quarta geração recuperar o patrimônio econômico e cultural construído nas batalhas simbólicas dos primeiros italianos. Entre os bens

resgatados não há uma genuína relação com o *italiano da Itália*; as *reliquias* são frutos de várias intervenções sociais e culturais, somadas desde o momento em que se decidiu partir da nação italiana.



Fig.31 – Monumento em Vale Vêneto: objetos recuperados e que simbolizam o patrimônio italiano na Região.

A identidade situacional entende o tempo que foi perdido e o que foi reconquistado e que se manifesta nas celebrações organizadas ao redor dos museus, das igrejas, dos casarões e das ruínas da memória de quem habita pelo menos dois lugares. O tempo não é vazio, mas é um modo de ser que relaciona o passado e o futuro. Além disso, o tempo determina as identidades situacionais pela tradição, ou seja, assim como o passado influencia o presente, a tradição é resultado de práticas repetitivas e da dependência do cenário construído para as representações individuais e coletivas. Guiddens relaciona as tradições a uma dependência angustiante, mas na medida em que se rompe com os hábitos cotidianos, pode-se escolher livremente o sentido da vida. Portanto, o tempo que forma as identidades situacionais passa muito rápido e as discontinuidades culturais impõem um ritmo para a mudança social. O rompimento da passagem linear do tempo é feito pelo ato performático aliado ao desejo incessante de refazer as tradições. Para Guiddens (2000:53),

em situações mais tradicionais, a consciência de quem somos é em grande parte sustentada pela estabilidade do estatuto social que os indivíduos ocupam na comunidade. Onde a tradição falha, e onde prevalece a escolha dos hábitos de vida, a consciência individual não é isenta. A identidade própria tem de ser criada e recriada numa base mais viva do que antes.

A tradição é, portanto, um meio de identidade que se articula no tempo escolhido pelos atores sociais. Entre outros aspectos da tradição, os rituais são práticas que aliam o tempo e o espaço através da repetição simbólica. Os objetos e os discursos fundadores são retomados na experiência ritualística que integra os sujeitos sociais participantes na construção da Quarta Colônia. A legitimidade da celebração influencia as ações ritualísticas cotidianas: através dos discursos reflexivos o sujeito realiza seus atos performáticos, caracterizados pelo lugar que ele ocupa e mobiliza. Os guardiões das tradições são os agentes autorizados e suas mobilizações discursivas encampam os rituais performáticos.

As cerimônias ritualísticas, apresentadas nas formas de romarias aos santos padroeiros oriundos da Itália, nos festivais de vozes, instrumentos e culinários, nas exposições de artesanato, de agropecuária e de novas tecnologias, são dispositivos utilizados para neutralizar as diferenças e cultuar as tradições através das ações repetitivas. Quando se aceita interagir com esses grupos culturais da *sociedade tradicional*, os sujeitos despem-se de suas fachadas e assumem o papel de *italianos na Quarta Colônia*. As diferenças são sufocadas pelo ato performático de representar uma identidade social frente aos apelos do tempo.

Assim como a diferença fica restrita à ação temporal para os sujeitos participantes dos ritos culturais, ela emerge como uma sólida fronteira que integra aqueles que participam da cerimônia daqueles que a rejeitam (Bourdieu:1982). Essa barreira entre incluídos e excluídos é eminentemente simbólica e têm na memória e na narrativa os alicerces da distinção social. Um dos autores que explica os fenômenos da expansão da memória no mundo globalizado é Andréas Huyssen (2000:37), que observa que “se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e

rememoração produtiva (...).” A encenação cultural advinda da prática ritualística permite aos sujeitos sociais escolherem o quê dos seus passados deve ser lembrado e celebrado.

Na seqüência do almoço de domingo, o velho neto de italianos, diante de uma platéia ávida por lembranças, deixa cair uma das máscaras quando conta o seguinte episódio:

Minha sogra era uma italiana muito boa, muito generosa. Ajudava sempre que podia. E tinha uma negrinha que aparecia seguido pedindo alguma coisa. Como minha sogra sempre dava, ela sempre voltava. Um dia, minha sogra não estava e a negrinha apareceu. Meu sogro, que gostava de tomar umas cachaças, a atendeu. Ela pediu um pouco de açúcar e ele respondeu que daria, sem problemas, desde que ela levantasse a saia e mostrasse as calcinhas. A negrinha deu meia volta e não veio mais pedir nada.

As risadas do grupo não abafaram a consternação da esposa do velho neto de italianos que o repreendeu sob a alegação de que “essas coisas não se conta”. A ingenuidade flagrante no momento da narrativa não vinha acrescida de traços racistas ou discriminatórios, mas saltava aos olhos a revelação de um passado escondido, oculto. Negava-se a existência de um italiano bonachão, que gostava de beber e que era chegado a atos de violência (“ele só fazia essas coisas quando estava bêbado”), em favor de um outro, o trabalhador, o que gostava de manter tudo em ordem e o que criou com primor seus onze filhos. Esse patrimônio é construído a partir de fragmentos de memórias e legitimado nos museus da região: assim como se contam histórias de um povo sem mácula, essas características são incorporadas nos ritos promovidos pelos agentes culturais. Hhuysen (2000:67) é quem novamente melhor explica essa transição entre a construção de um passado solene e o esquecimento de um tempo desprezível:

A rememoração dá aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro. Na esteira de Freud e Nietzsche, contudo, ficamos sabendo o quão escorregadia e suspeita pode ser a memória pessoal; sempre afetada pelo esquecimento e pela negação, a repressão e o trauma, na maioria das vezes ela vem atender à necessidade de racionalizar e conservar o poder. Mas a memória coletiva de uma sociedade não é menos contingente e instável; de modo nenhum é permanente sua forma. Está sempre sujeita à reconstrução, sutil ou nem tanto. A memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições. No caso específico das sociedades modernas, ela se forma para espaços públicos de memória tais como o museu, o memorial e o monumento. Mas a permanência prometida pela pedra do monumento está sempre erguida sobre a areia movediça. Alguns monumentos são derrubados com a maior alegria, em tempos de rebelião social, enquanto outros preservam a memória em sua forma mais fossilizada, seja como mito, seja como clichê. Já outros se mantêm simplesmente como figuras do esquecimento, com seu significado e propósito originais, erodidos pela passagem do tempo.

O ato performático permite ao indivíduo reunir várias experiências culturais, ter uma coletânea de papéis e evocá-los conforme o contexto identitário solicita. Essa categoria da dramaturgia é oriunda do processo de hibridação, ou seja, acionam-se enquadramentos, linguagens e posições que permitem aos sujeitos entrarem e saírem do lugar identitário. Portanto, com as performances, todos os comportamentos sociais experimentados na Quarta Colônia são *alusões* às identidades ocupacionais e situacionais que acabam se convertendo em *ilusões* de identidades únicas.

As performances são jogos coletivos que se engendram no campo cultural e que necessitam, inevitavelmente, de interações entre os atores e a platéia. Um museu não existe sem o visitante. O monumento deixa de ser ruína sob os olhos do espectador. No ato performático os sujeitos ocupam cada um uma posição e interagem com suas experiências, embora sob a mesma realidade planejada.

Do espaço híbrido, pontuado pela presença do rádio, os sujeitos em interação lidam agora com o tempo da ação. Eles sabem que aquilo que vivem não é a totalidade do que há para viver; e isso porque os limites são constantemente transformados em cenas performáticas. A realização dramática da transformação do cotidiano em cerimônias performáticas é abordada por Goffman (1985:41):

quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la (...) como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade. Além disso, tanto quanto a tendência expressiva das representações venha a ser aceita como realidade, aquela que é no momento aceita como tal terá alguma das características de uma celebração.

O controle da comunicação está em restringir o acesso dos sujeitos a situações e a cenários não favoráveis à representação identitária. Os discursos autorizados na Quarta Colônia é que determinam as performances individuais e as cerimônias coletivas que serão experimentadas em tempo determinado. A encenação de papéis na região estudada revela a capacidade dramática dos sujeitos em expressar algo que está fora deles mesmos, mas que ele assume e veste como seu de acordo com o tempo e a ilusão construídos:

numa festa de São Marcos, padroeiro da igreja, cuja festa é celebrada a 25 de abril, o coral de Formoso, composto com mais de 50 colonos alemães, fez notável apresentação. Um outro dia foi vez do coral dos italianos retribuírem a visita. Conta-se que um velhinho muito escalado, que não era cantor, queria ir a Formoso, a todo custo participar da festa. Introduziu-se no grupo. Enquanto cantavam, o baixinho só gesticulava a boca como se ele cantasse. O resultado provocava risos entre os participantes comprometendo a boa apresentação, ainda alguém notou que cantava sem partitura. Perguntando como ele conseguia interpretar, prontamente respondeu que sempre fazia assim porque estava acostumado a cantar de cor. O velhinho chamava-se Felice Mainardi. Ele era muito conhecido pelo seu chapéu, cachimbo e senso de humor, como sendo o maior contador de casos (Mainardi, 1999:23).

Como essa e muitas outras passagens, a performance além de integrar o ambiente cênico da Quarta Colônia, também se manifesta no registro das histórias ouvidas e que, alegoricamente fazem a passagem do lugar mestiço e do processo híbrido para as mudanças dos papéis sociais. As performances são atos individuais encenados para a coletividade e é, através dela, que o sujeito descobre seu potencial mutável e sua identidade em metamorfose.

O último ponto que trataremos é o das identidades em metamorfose. A passagem da performance do *velhinho italiano* ilustra o referencial teórico do qual falávamos. O desempenho individual deve ser reconhecido coletivamente, como fez o veterano Mainardi. A transcrição de suas performances indica a notoriedade

da mutação, que deve ser imitada por todos aqueles que compartilham o espaço simbólico da Quarta Colônia. A força identitária não movimenta apenas os anciãos italianos. Os jovens participam ativamente dos rituais e compartilham a experiência da metamorfose. Percebemos na imagem abaixo, um grupo de danças folclóricas que representa a italianidade originária. Ao fundo e à direita, estão o lado gaúcho e o lado brasileiro: observemos a moça vestida de prenda e o rapaz de jeans e camiseta branca. As três ofertas convivem no mesmo espaço inconsciente e completam o circuito identitário da metamorfose. As identidades em metamorfose são traços inerentes aos sujeitos sociais que atuam performaticamente na Quarta Colônia.



Fig.32 – Apresentação do grupo de danças típicas italianas

IV.4 Identidades em Metamorfose

“ - *Venturini, boa noite!*

- *Boa noite.*

- ***E daí, tchê?***

- *É um grande prazer estar de volta a este belo programa e que me dá essa oportunidade para agradecer a todos os que nos ajudaram e **todas as pessoas que participaram do nosso evento** (...) Esses encontros que nós estamos fazendo, e esse é o quarto, **é para nós mantermos acessa a chama da italianidade, das tradições, dos nossos costumes.** Então é importante isso para todos nós, e você, que também se fez presente, o meu muito obrigado por tudo; já que você divulgou esse belo evento.*

- *Não por isso! Tu mereces, porque tu és uma pessoa que trabalha muito pela **causa da italianidade, e nisso aí estamos abraçados** ... estamos abraçados e sempre que possível a gente divulga e, mais que isso ainda, a gente apóia. (...)*”.

(Programa Benedetta Itália, novembro de 2002)

Os ouvintes que acompanharam o programa pela rádio Universidade AM não foram pegos de surpresa com a inesperada expressão do agente discursivo; é fato corriqueiro transitar por esses lugares autorizados, e poucos percebem a mudança, justamente porque ela não reside na diferença. Desta forma, é possível manter por algum tempo a identidade situacional, mas é impossível que ela dure o tempo todo. Há um momento flagrante de transição identitária quando a expressão “*e aí tchê*” é enunciada no decorrer de um diálogo que enaltece a italianidade. A fronteira entre o espaço do estranho e o lugar do conhecido é assimilada pela mestiçagem acidental.

Característico traço do gauchismo, a interjeição “*bha tchê*” está sempre acompanhada da lembrança de um tipo da região da campanha⁴¹: de longo e farto bigode, chapéu de barbicacho, de bombachas e alpargatas, sem traquejo social e machista. Esta descrição do gaúcho de fronteira é fictícia e veste um

⁴¹ O gaúcho de campanha é aquele que vive na zona de campo, apropriada à criação de gado.

personagem; assim também a construção de um Rio Grande do Sul *colono* e *européu* é frágil e dependente do contexto encenado. Portanto, não será a diferença o fator que leva à produção identitária, mas a ocupação transitória do tempo e do espaço estrangeiro, consumada e representada pelas práticas culturais.

A identidade não é fixa, ela é flutuante e temporária e requer todos os atributos com os quais os sujeitos negociam, portanto, é necessário articular sua mestiçagem por inteiro. No espaço-tempo organizado por lideranças locais, os sujeitos são impulsionados a participarem de processos culturais e a desistirem de outros, fazendo o caminho da hibridação. Quando aliados, mestiçagem e hibridismo, a adoção de posturas estéticas e espetaculares favorecem as cerimônias ritualizadas e, facilitam a aparência performática do indivíduo no grupo social e na representação cultural. Dessa forma, as diferenças são inerentes aos sujeitos no processo identitário. É impossível ser, sem não ser ao mesmo tempo.

A diferença, entendida como “aquilo que distingue ou torna desiguais as coisas ou pessoas tomadas em comparação”,⁴² não determina mais o movimento assumido pelos sujeitos sociais, mas a diferença vista como aspecto determinante que articula as identidades no indivíduo é que precisa o conceito. É necessário pensar a diferença como articuladora entre o eu e o não-eu (e não mais entre o eu e o outro – o estranho) e segundo a lógica matemática. Numa operação de subtração, o resultado obtido é chamado de diferença. Com as identidades é assim, contabilizando duas ou mais experiências culturais o resultado, a diferença do processo, é a identidade assumida. Portanto, A é A e também não-A . O resultado é a formação de identidades articuladas na essência da distinção, o que a faz única e comparável apenas com identidades oriundas do mesmo processo. Hall (1996:68) propõe pensar as identidades “como a produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e externamente à representação”. Atestando que as identidades não são essencialmente híbridas ou mestiças, mas que quando se discute as identidades culturais, deve-se considerar as noções de *performance* e *metamorfose* como as diferenças que completam a sucessão de etapas formadoras das identidades.

⁴² Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 6ª ed.

As performances são parte do ritual cênico, são comportamentos esperados pelos grupos e que os indivíduos respondem espontaneamente. O ato performático se realiza quando os atores entoam canções em italiano como “Mérica, Mérica” e “La Verdinella”, quando encenam peças de teatro em dialeto vênето ou quando na locução dos programas de rádio o fazem em um português carregado de sotaque e flexões gramaticais, usando uma forma atrapalhada e pouco culta de tratar a língua nacional. Ao agir performaticamente o indivíduo simula um movimento natural para habitar realidades culturais extremas. As máscaras são artifícios que tornam os atos verídicos e conferem ao indivíduo um caráter social, ou sejam que está apto a participar da encenação.

Se as performances são representações conscientes de papéis em cerimônias preparadas por agentes culturais, as metamorfoses são reações inconscientes ao duplo experimentado coletivamente. As metamorfoses fazem com que os sujeitos sociais convivam com a indeterminação identitária. Não depende apenas de uma opção participar do ambiente italiano, mas há uma fusão do eu e do outro que se articulam em diversas formas discursivas e em diferentes movimentos sociais e culturais. Sem a possibilidade da diferença materializada no estranho e no eu reconhecido, diz Derrida (1974:143), “o desejo da presença como tal não teria espaço para respirar. Isso significa ademais que o desejo carrega em si mesmo o destino da insatisfação. A diferença produz o que proíbe, tornando possível a coisa mesma que torna impossível”.

Nessa posição ambivalente, o indivíduo que executa performaticamente seus papéis, convive com pelo menos duas realidades possíveis: o ser italiano e o ser gaúcho. A brasilidade aflora quando ele deixa a nação e não se faz conhecido fora dos limites territoriais construídos. Grande parte da organização identitária acontece quando, incentivados pelos agentes culturais e discursivos, os sujeitos partem para a reconquista do território italiano. É comum ouvir depoimentos resignados e insatisfeitos quanto às viagens realizadas. A separação territorial entre a Quarta Colônia, o Rio Grande do Sul, o Brasil, a região do vênето e a Itália é muito brusca, e o que deveria ser familiar passa a ser estranho. As fronteiras, que funcionam tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora, organizam as identidades culturais entre os sujeitos da Quarta Colônia. A duplicidade está guardada na memória dos ítalo-gaúchos, que são reconhecidos como brasileiros

no espaço italiano. O fenômeno da 'estranheza' empurra de volta o descendente para o seu lugar construído. É aqui, e somente aqui na Quarta Colônia, que ele autoriza sua posição *italiana*:

ao contrário do que pensava meu pai, a 'italianidade' dos gringos, incluindo aí o seu modo de falar, não era uma excrescência dentro da cultura brasileira. Era uma forma a mais de brasilidade. Para usar uma fórmula do meu agrado, eles não estavam aqui italianizando um pedaço do Brasil, mas abrasileirando a sua tradição de imigrantes. Agora eu começava a entender a sua cultura também com a razão.⁴³

A indeterminação da qual falávamos é então em relação com a separação territorial da nação, no ambiente familiar não há estranheza nem entre gaúchos e *italianos*, nem entre brasileiros e 'italianos'. A diferença para a relação híbrida proposta por Garcia Canclini é que o sujeito não assume todas as identidades ao mesmo tempo, mas em momentos determinados. Assim, o sujeito atuante na Quarta Colônia tem uma identidade metamorfoseada, que passa por processos de hibridação, os quais são representados performaticamente e que encenadas no mesmo contexto apontam a mestiçagem acidental.

Muniz Sodré (2000:35) já chamava de 'identidade atenuada' esse parecer ser único e indeterminado alterar a percepção social do grupo. Para o pesquisador a

identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática, é aquilo de que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de um certo sistema de relações. O idem latino faz referência à igualdade ou à estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbolicamente determinada, é lugar de identidade.

A identidade em metamorfose é a relação de várias diferenças que se fazem semelhantes nos sujeitos sociais. Não se trata do indivíduo que necessita do outro para marcar sua unidade psíquica. Mas de uma completude resultante da soma de várias aberturas e que se fundamenta na experiência coletiva e no sujeito social. O sujeito em si, aquele que desenvolve as performances, prova

⁴³Pozenato,1998:112-115.

conscientemente o jogo de alternância de tipos, mas é o sujeito social quem articula inconscientemente suas posições identitárias. A diferença está em si mesmo e não é abertamente percebida. Desse modo, a troca de papéis é inerente ao movimento discursivo, como explica Hall (2000:107):

a identificação, na verdade, é ambivalente desde o início' (Freud, 1921/1991:134). Em *Luto e Melancolia*, ela não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido. Trata-se no primeiro caso, de uma moldagem de acordo com o outro, como uma compensação pela perda dos prazeres libidinais do narcisismo primal. Ela está fundada na fantasia, na projeção na idealização. Seu objeto tanto pode ser aquele que é odiado quanto aquele que é adorado. Com a mesma frequência com ela é transportada de volta ao eu inconsciente, ela 'empurra o eu para fora de si mesmo'. Foi em relação à idéia de identificação que Freud desenvolveu a importante distinção entre ser e ter o outro.

Essa importante passagem pela vertente psicanalítica nos ajuda a compreender o fenômeno identitário mediante os usos discursivos e os agendamentos sociais. Quando Hall designa que a identidade está amarrada à escolha de alguma coisa perdida, sabemos que entre os italianos trata-se de uma identificação não realizada. Os sujeitos estão à procura do novo ser que somente pode se consolidar na memória construída, nos discursos forjados, "na fantasia, na projeção e na idealização". A articulação dos programas de rádio garante o movimento de incorporação inconsciente do duplo identitário e da manifestação consciente do "eu aí fora". Essas interrupções são mascaradas no próprio discurso radiofônico, como visto no exemplo anteriormente citado e na fala abaixo transcrita.

ser da quarta geração desta gente cheia de tenacidade e vontade de vencer, gera-nos uma certa carência ou culpa (inferioridade?) por não termos grandes desafios a enfrentar ou terras a conquistar. Cabe a nós, a meu ver, a responsabilidade de resgatar a cultura atávica desta estirpe, que é consangüínea nossa. Devemos perpetuar as suas histórias e fazer com que elas, através de documentos e edições possam ser encaminhadas aos futuros estudiosos que se dedicarão, sem dúvida, a fortalecer ainda mais o perfil dessas figuras fortes. Elas se tornarão indelévels, marcantes, não só na fisionomia de nosso Estado, mas também de nosso País.⁴⁴

⁴⁴ Zattera, 1998:pp. 106-109.

As identidades em metamorfose são fenômenos que acompanham o sujeito contemporâneo, colocando-o na experiência global e na prática local. Poder mudar, alterar sua forma sem os outros perceberem (e sem nem mesmo o eu tomar conhecimento), é a grande novidade do século XXI. Quando Gilberto Velho (1999:29) em *Projeto e Metamorfose* explica o que leva a pensar na identidade como algo em trânsito, dizemos que é o início de uma caminhada rumo ao novo conceito de identidade. Para Velho, a metamorfose

possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. Assim, eles não se esgotam numa dimensão biológico-psicologizante, mas se transformam não por volição, mas porque fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade.

As identidades observadas na Quarta Colônia são instâncias articuladas entre o que foram, o que poderiam ter sido, o que deixaram de ser, o que foi construído e o que resta nos discursos sociais. A noção de metamorfose nos ajuda a pensar que essas passagens são realizadas não apenas pelo gesto identitário, mas por várias etapas que culminam nas identificações culturais.

A Quarta Colônia é uma pequena amostra do fenômeno sócio-cultural que surge atualmente. Olhar para esses processos de entrada e de saída, de vestir-se e de despir-se de papéis e de agir na ambigüidade simbólica, faz do estudo um esforço para pensar que os conceitos não podem ser simplesmente incorporados ao social. O agir cultural é que oferece aos pesquisadores a fragmentação conceitual e a fragilidade teórica.

Os sujeitos que se fazem na Quarta Colônia são mobilizadores de uma identidade em movimento, são ampliadores de práticas realocadas, são difusores de saberes e de memórias construídas, são pesquisadores que falam de identidade contando um pouco de sua experiência em metamorfose.



Fig.33 – apresentação de danças típicas com a participação do público espectador e da pesquisadora.

V. Conclusão

Noi, italo-gauço

Iotti-Radicci

Non adianta sair da colônia se a colônia non sái da zente. Questo pode explicar una porçon di cosa que a zente vê por aí em nostro stato do Rio Grande do Sul. Un monte di cosa buona e anca un monte di asneirra que non tem tamanho e é pior que ficá bevendo água em mezzo a una cantina. Si, beber água é horrible, enferruja os mecanismo e non adianta pra nada. Colono que é colono só beve água quando toma sopa, o quando come polenta. E basta. Zá a quantítá de asneirra que se ouve em relaçon ao lavoro dos colono é tanta que me parece una cascata. Calma que io explico:

Houve un tempo que sê colono em quest stato era una vergonha. Veramente era una vergonha ser colono e ter quello sotaque caregado, erando as parola e parlando cosas que denunciavam tua origine.

- Ma vá comprá o *pón*.
- *Non* me vá no fundo.
- Me *cegou* as regra.
- Non me toma *estropecente*.

... e por via... Noi, colono, non podia falá em público que era logo ridicularizado. Nos çamavam di ignorante, di zente senza culturra, di imigrante di seconda categorria e altre robe que nem é buono me alembrá. Me ricordo que una volta me deram una mizada perchê io tava fazendo barrulho pra tomá una sopa de feizon. *Porco Dio*, se o bom di tomá sopa é fazê o baruio, o que querem questos báuco. Diziam anca que a zente era sporco, que amassava as uva com os pé e assoava os nariz com as mon. É vero, mas nunca me pegaram sentado no lavoro. Mio vino sempre foi di buona qualítá, non é questa tinta braba que se toma por aí com rótulo cique, preço carro e ceio di quimica industrial. In questa época os colono tinha vergonha da sua zente, do seu sotaque, da sua famiglia e

anca da sua casa. Tanto que mandemo dirubá um monte di casa veccia que dopo vem zente dizê que éra histórrico.

Dopo me ouve un tempo em que os colono começarro a ganha fiorin. Si, fiorin. Soldi. Dinheirro. Pilla. Como a zente lavorava molto e gastava poco, tanti coloni começarro a ficá rico. Alguns compravam tera, outros caminhonete cabine dupla, tereno na Praia da Cal, apertamento pros fiòl morrá na cidade e tante altre cose... Até motociclo! Tinha colono que andava por cima da carne seca comandando firma de mai di mil empregado, zente que non acabava mai. Me parece que até foi por questo que as cidade se enceram tanto di negri e brasilian que vinham querendo emprego. In questa época molto colono di baúco passô a baron.

Per fine, me parecece una altra situaçon. De repente sê colono virrou moda. Sê colono virou cique, tanto que até a Patrícia (que teson!) Empillar e a Glória (outra gostosa) Pirres me vieram do Rio de Zaneiro pra aprendê a parlá il nostro sotaque. Me parece un monte di italiano vindo da Itália, quelos mesmos que tinham vergonha de tê parente nel Brasile, e nen nos deissavam entrá no aeroporto e nos batiam a porta pensando que a zente querria herrança. Agora aparece aí, querrendo estudá a zente como se fosse bisso do altro mondo. Ma o pior sono o próprio colono que una volta tinha vergonha e adesso tem orgulho. Ma é un orgulho ton grande, ton grande que eles se açam melhor que os outro, se açam una raça superiore que lavora e que Grazie a Dio, sono Talian!... Ma, Dio!! Dio nonè pai de tutta zente que tem nell mondo?

Enton perchê ainda tem zente que se açam melhor ou pior que os outro? Deve ser perchê eles sairram da colônia ma a colônia não saiu deles.

(IOTTI, Carlos Henrique. IN: *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre, ed. UFRGS, 1998. pp.14-15)

Finalizar um estudo, com questões tão abertas, não é tarefa fácil. Procurei no texto de Iotti, cartunista que trabalha com a temática da italianidade, uma saída mais sutil. Sei que posso ter despertado muitos estranhamentos, principalmente para os moradores da Quarta Colônia. Mas sei também que, não é somente deles que falo; sou parte disso tudo, e é um pouco de mim que revelo.

Radicci, nome do personagem central das histórias de Lotti, é a síntese do meu trabalho. Trata-se de uma representação satirizada dos modelos e dos estereótipos construídos nas colônias de imigração italiana no sul do Brasil. As cenas que ele protagoniza, são reproduções do cotidiano desse sujeito do qual falei durante o estudo: é uma boa pessoa, mesmo gostando de tomar umas *cachaças*, é trabalhador, é religioso e não se envergonha de ser colono.

A propósito, gostaria de retomar a questão do colono e do gringo. Quando, na quarta parte, remeti à idéia de mestiçagem acidental, a palavra gringo apareceu como sinônimo de italiano, ou de descendente de imigrantes italianos. Literalmente, gringo significa estrangeiro. Coloquialmente, no Rio Grande do Sul, o termo é utilizado para nomear os indivíduos das colônias italianas e/ou oriundos delas. O principal traço que acompanha a definição de um sujeito ser ou não gringo, é o seu sotaque carregado, as suas preferências alimentares e o seu controle financeiro.

Relendo o texto de Lotti, percebo que ele reforça os traços da estrangeiridade quando escreve em dialeto, quando fala de uma posição histórica e quando defende a igualdade com o pretexto divino, articulando uma posição de mestiçagem acidental. Assim também, o lugar da colônia é a marca fundamental da construção identitária. Não é preciso sair da colônia, mas é necessário que a colônia saia do descendente. Em outras palavras, o processo da hibridação permite participar do lugar estrangeiro (enquanto *gringo*) e sair do estranhamento social; permite negociar com o espaço brasileiro (enquanto *filhos de um mesmo pai*) e desistir da idéia de nacionalismos.

O espaço da Quarta Colônia é esse lugar real e fictício que mobiliza as cenas culturais. No discurso do descendente de italianos não percebo a discriminação social, nem tampouco a sua segregação como minorias culturais. Há uma negociação das experiências identitárias que o faz ser dois ao mesmo tempo.

Não existe o desejo do *retorno* ao território italiano. A *partida* é realizada através dos dispositivos simbólicos construídos no ambiente brasileiro. Assim, há também uma inquietude no ficar. A mutabilidade acompanha o descendente de italianos que, naturalmente, faz do lugar conhecido, o espaço estrangeiro. Na

apresentação de seu livro, Pe. Busanello (1999:06) resume essas premissas de forma poética e profética:

“vindo de tão longe, conquistaram o interior deserto do país, dum modo bem diferente, por exemplo, dos bandeirantes. Estes entraram no sertão com lanças e bacamartes a tiracolo, prendendo, matando, levando seres humanos ao cativeiro, por cima de rios de sangue. Enfim, espalhando a morte por toda a parte. Os nossos empunhavam enxadas, o cabo do machado e a rabiça do arado rasgaram ao ventre da terra; e, porejando rios de suor, fizeram brotar a vida por toda a parte. – Bravos! Vossa memória será sempre abençoada”.

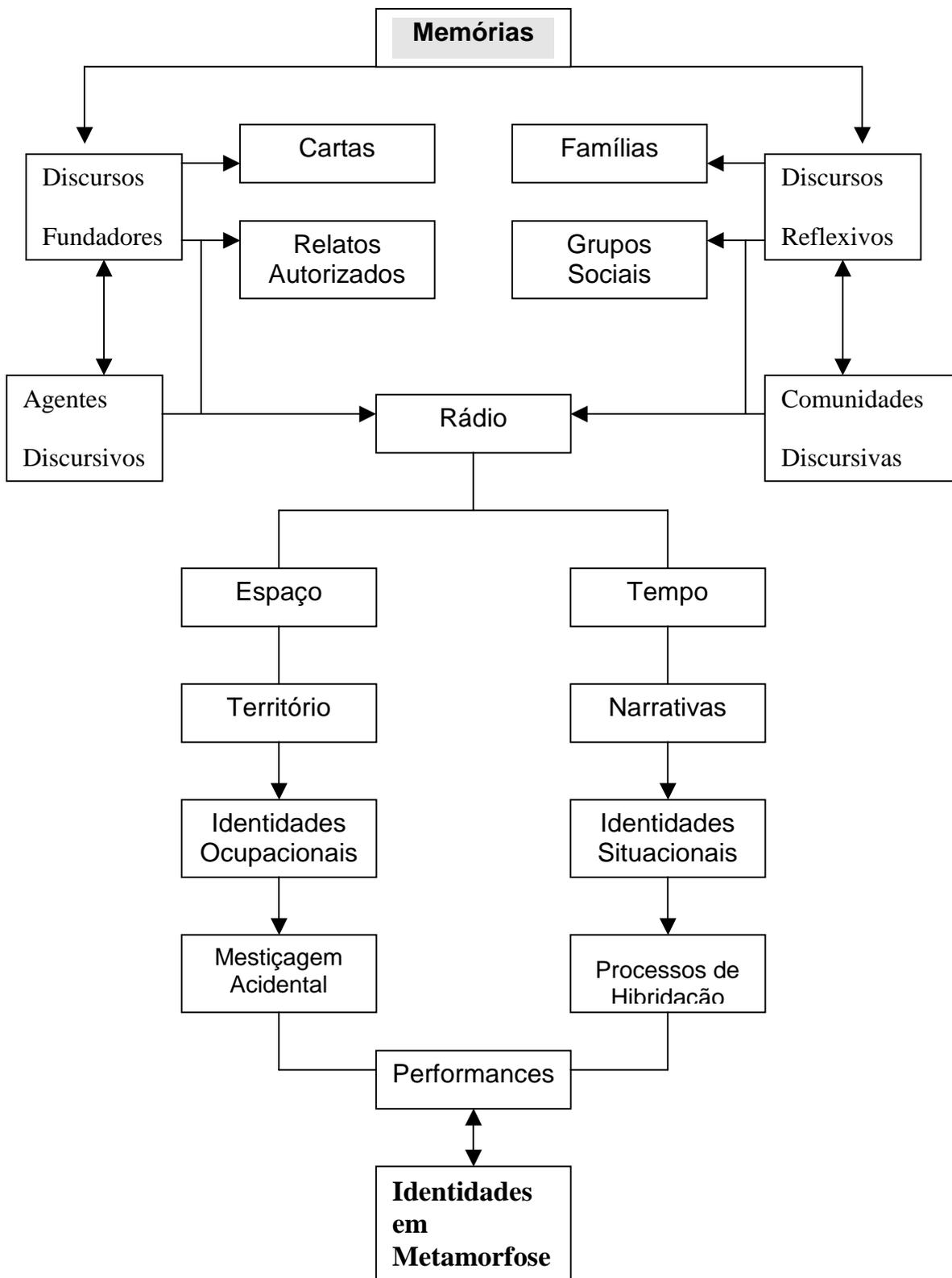
Essas rápidas considerações demonstram o caráter amplo do meu objeto de estudo. As ofertas discursivas e as práticas culturais são infinitamente maiores que a minha capacidade de sistematização. Soma-se a isso, a falta de um trabalho em equipe para organizar os dados coletados e avaliá-los multidisciplinarmente.

A dinâmica do objeto é comprovada através da ambigüidade e da indeterminação sócio-cultural do sujeito. Esta vertente móvel e fragmentada foi descrita várias vezes no desenrolar do trabalho, entretanto, o seu potencial transformador gera dúvidas quanto à clareza do pensamento exposto. Principalmente quando se trata do campo conceitual.

Cabe lembrar que estou tratando de referenciais teóricos em construção, ou seja, cientificamente os conceitos de mestiçagens e hibridismo já foram assimilados pela comunidade acadêmica, mas, metodologicamente, suas aplicabilidades apresentam espaços não preenchidos. A proposta de aliar a Teoria dos Discursos Sociais aos Estudos Culturais e ventilar os conceitos de performances e metamorfoses para preencher esses vazios, significa um esforço muito maior do que, olhar a cena e enquadrá-la em conceitos pré-construídos.

A pesquisa permite refletir, principalmente, a pertinência metodológica dos estudos com os objetivos propostos. Espero ter contribuído para que o pensamento em comunicação saia do lugar comum quando desloca o seu foco de análise para o segundo, quando não, para o último plano. Quero dizer com isso, que bebemos em várias vertentes teóricas, mas que elas devem servir às nossas análises e, não apenas, nós legitimarmos suas pertinências conceituais.

Os motivadores dos pressupostos teóricos são os resultados empíricos, que proponho como lugar de partida. Assim, a Quarta Colônia oferece sua dinâmica cultural que passa a ser avaliada e comparada com pesquisas anteriores.



Colocadas em xeque, avança-se no conhecimento teórico-metodológico. Para explicar a minha opção, que não é a única, apresento o esquema acima:

As identidades culturais, avaliadas empiricamente, resultaram nos campos teóricos acima estruturados. O esquema mostra o caminho percorrido para se chegar ao lugar identitário. Portanto, as identidades são o somatório de vários aspectos sócio-culturais que as fazem mutantes. Ignorar esses pontos de passagens é suprimir do processo de identificação, marcas essenciais da formação do eu.

Os dados obtidos com a prática etnográfica conduzem o percurso. Iniciei com as memórias porque, segundo Ecléia Bosi (1994:90),

“entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, nos desertos dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos”.

Como a minha atuação flutuou entre o ouvir e o narrar memórias, compreendi que essa era a chave inicial do processo de construção das identidades culturais na Quarta Colônia. As histórias que são recuperadas passam por um restauro que as atualizam na modernidade do presente. Fiz uma experiência em sala de aula com alunos que se manifestaram como descendentes de italianos. Indaguei-os sobre o que os tornava italianos. Eles me responderam com histórias que não lhes pertenciam, que eles não viveram. Entretanto, não pude disser-lhes que as *memórias* eram de outros. As memórias são propriedades imanentes do descendente de imigrantes italianos; e o são porque os campos discursivos as reorganizam nos sujeitos.

Os discurso fundadores, agenciados por vozes autorizadas, estão ligados aos discursos reflexivos e, conseqüentemente, às comunidades discursivas, através das memórias. Portanto, as memórias produzem os vínculos necessários que sustentarão os discursos produzidos na Quarta Colônia.

Como mostrado na terceira parte do estudo, os programas de rádio surgem como os mediadores do lugar inicial e do lugar final na trajetória teórico-

metodológica. O papel determinante do meio de comunicação é colocar em relação a dinâmica do espaço/tempo e a abordagem discursiva originárias dos efeitos da memória.

Observou-se que, diante das ofertas midiáticas, formam-se identidades ocupacionais, ou seja, os sujeitos se ajustam ao território conquistado e, conseqüentemente, experimentam o fenômeno da mestiçagem accidental. Em outras palavras, o sujeito se faz mestiço em função do papel que ele representa no lugar encenado. Já as identidades situacionais são provocadas pelas narrativas, as quais são determinadas pelo tempo da narração. Através das identidades situacionais, os sujeitos são impelidos a participarem das relações de hibridização, ou seja, localizados temporalmente, eles podem participar e deixar de participar das encenações.

Tratando-se do fenômeno identitário e mediante a contemplação dos passos percorridos, se poderia parar nas performances por entendê-las como a luta da cultura para manter as tradições através dos rituais e das celebrações representadas. Entretanto, as performances residem no campo da linguagem e estão no nível individual da apropriação identitária. O processo, iniciado com a memória, estaria incompleto se considerasse as identidades culturais como atividades performáticas dos indivíduos.

A metamorfose é o conceito que encerra o ciclo identitário. Ela agrupa os sentidos lançados pelas memórias e desdobrados pelo rádio. As identidades em metamorfose são esse lugar seguro e com o tempo movediço, que denuncia a capacidade constante do sujeito em ser e deixar de ser, sem estranhamentos.

Diante da retomada do quadro conceitual desenvolvido, acredito ter alcançado a proposta de mostrar como as identidades culturais são negociadas na região da Quarta Colônia, contemplando a experiência etnográfica e os efeitos oriundos das produções, das circulações e dos reconhecimentos de sentidos.

Encerro esse trabalho, mas não o estudo. Ao relê-lo, vejo quantas informações não foram contempladas, quantas realidades foram ignoradas e o quanto de mim foi escondido. Continuarei olhando para os meios de comunicação e o seu potencial agendador de identidades, porque, na realidade, somos aquilo

que criamos e, como lembra Lucien Sfez (1994:06), "nem tudo é observável, visível e legível, pois estamos em parte aprisionados pelo que denunciemos".

VI. Bibliografia

AMARAL, A.E. "Santa Maria do meu tempo". In. Correio do Povo, Porto Alegre, 1/2/1966. Publicado em MARCHIORI, J. N. e NOAL Filho, V. A. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria, Ed. UFSM, 1997.

ARAÚJO, Inesita. "Mediações e poder". Texto avulso apresentado ao GT mídia e Recepção, 9ª COMPÓS, Porto Alegre, 2000.

ARTIÈRES, Philippe. "Arquivar a própria vida". In: Revista estudos históricos. *Indivíduo, biografia, história*. (19), 1997/1.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

BELÉM, J. *História do Município de Santa Maria - 1797-1933*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1933.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4ª ed. São Paulo, Pontes, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 4ª ed., Campinas, Ed. Unicamp, 1995.

BUSANELLO, Pe. Pio José. *A história da nossa gente – a primeira história escrita de famílias de imigrantes italianos da Quarta colônia Imperial – RS*. Santa Maria, Ed. Pallotti, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. "Verdades de autobiografias e diários íntimos". In: Revista estudos históricos. *Indivíduo, biografia, história*. (19), 1997/1.

_____ *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. 6ª ed. São Paulo, Escuta, 2000.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século*

- XX. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2000.
- CUSANO, A. "Santa Maria". In *Il Paese dell'Avvenire Rio Grande del Sud*. Roma: Editrice L'Italo-Sudamericana, 1920. Publicado em MARCHIORI, J. N. e NOAL Filho, V. A. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria, Ed. UFSM, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. Baltimore, Johns Hopkins university Press, 1974.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília, Ed. UnB, 2001.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
- _____ *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2ª ed. São Paulo, Ed. USP, 1998.
- _____ "Noticias recientes sobre la hibridación". In: *Seminario Arte Latina*, Rio de Janeiro, outubro de 2000.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. 5ª ed. São Paulo, Ed. UNESP, 1991.
- _____ *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.
- _____ *O mundo na era da globalização*. Lisboa, Presença, 2000.
- _____ *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 9ª ed. Petrópolis,

- Vozes, 1985.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. "Identidade Cultural e diáspora". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico nacional*.(24), 68-74, 1996.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.
- _____. "Quem precisa da identidade?" In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103-133.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.) *Tradições inventadas: finalidades e objetivos*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.
- JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1999.
- KOLTAI, Caterina (org.) *O estrangeiro*. São Paulo, Escuta, 1998.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- MACLEAN, Marie. *Narrative as performance: the baudelairean experiment*. Londres, Routledge, 1998.
- MAINARDI, Geraldo. *Os Mainardi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed., Campinas, Pontes, 1997.
- _____. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa,

- Gradiva, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997
- MAZZARINO, Jane. "Escutas radiofônicas na América Latina". In: *Ensaio em Semiótica – Cadernos de Comunicação 7*. São Leopoldo, COMPÓS, Ed. Unisinos, 2001. p.71-90
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- PINTO, Milton José. *As marcas lingüísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português*. Rio de Janeiro, Numen, 1994.
- _____. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo, Hacker, 1999.
- POZENATO, José Clemente. "Uma história de Brasil". In: MAESTRI, Mário (et al) *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2ª ed. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1998.
- RAMOS, Jair de Souza. "Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20". In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 59-82
- RIBEIRO, Renato Janine. "Memórias de si, ou...". In: *Revista estudos históricos. Indivíduo, biografia, história*. (19), 1997/1.
- RONSINI, Veneza Mayora. "Televisión e identidad cultural". In: *Dialogos*. Lima, FELAFACS, (59/60):102-111, 2000.
- SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre, EST, 1986.
- _____. *Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural*. Porto Alegre, EST,

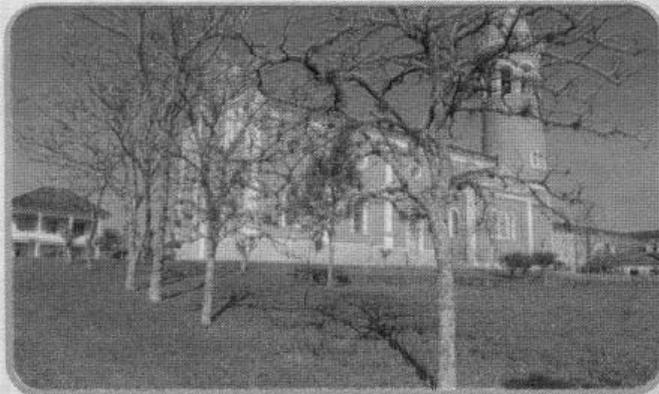
1990.

- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. "Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização". In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 41-58
- SPONCHIADO, Breno Antonio. *Imigração & 4ª Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho*. Santa Maria. Ed. UFSM, 1996.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- TEDESCO, João Carlos. *Um pequeno grande mundo: a família italiana no meio rural*. Passo Fundo, EDIUPF, 2001.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- _____ *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- VIANA, Francisco José. "O typo brasileiro. Seus elementos formadores". In: *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnológico do Brasil – Primeiro Volume*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e Imigração Italiana*, Sulina, Porto Alegre, 1975.
- ZATTERA, Véra Stendile. "Estas mulheres italianas maravilhosas". In: MAESTRI, Mário (et al) *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2ª ed. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1998.

ANEXOS

Silveira Martins

Laura Fabrício – Especial/Diário



- ▼ **População:** 2.611
- ▼ **Área:** 123 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** italiana
- ▼ **Base da economia:** agricultura, principalmente a produção de batata e soja
- ▼ **Data de emancipação:** 11/12/1987
- ▼ **Município de origem:** Santa Maria
- ▼ **Pontos turísticos:** Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, Monumento do Imigrante, Santuário Nossa Senhora da Saúde, Buraco do Vento, Balneário Recanto, Cascata do Mezzomo e Cascata da Neuza

▼ A história da Quarta Colônia começa em Silveira Martins, na localidade de Val de Buia, onde se estabeleceram as primeiras levas de imigrantes italianos, em 1876. Na época, eles chamaram o lugar de Città Bianca (Cidade Branca) porque as barracas que construíram como abrigo eram cobertas por lençóis brancos. O local foi chamado mais tarde de Cidade Nova, por representar o núcleo inicial onde os italianos se estabeleceram.

O berço da Quarta Colônia passou a se chamar Silveira Martins em 1879 e já foi distrito de Santa Maria. No turismo, uma das principais atrações da cidade é a Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, com a torre cilíndrica, única no estilo na América Latina.

Ivorá

Laura Fabrício – Especial/Diário



- ▼ **População:** 2.495
- ▼ **Área:** 132,6 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** italiana
- ▼ **Base da economia:** agricultura de subsistência, fumo e feijão
- ▼ **Data de emancipação:** 09/05/1988
- ▼ **Município de origem:** Júlio de Castilhos
- ▼ **Pontos turísticos:** Casa Museu Alberto Pasqualini, Cruz luminosa, Monte Grappa, Mosteiro dos Monges Cartuxos, Cascata da Queda Livre e Cascata Cara de Índio

▼ Com 2.495 habitantes, Ivorá é a cidade com menor população na Quarta Colônia. A maior parte dos habitantes vive na zona rural, onde trabalha com a agricultura de subsistência e a produção de fumo e feijão.

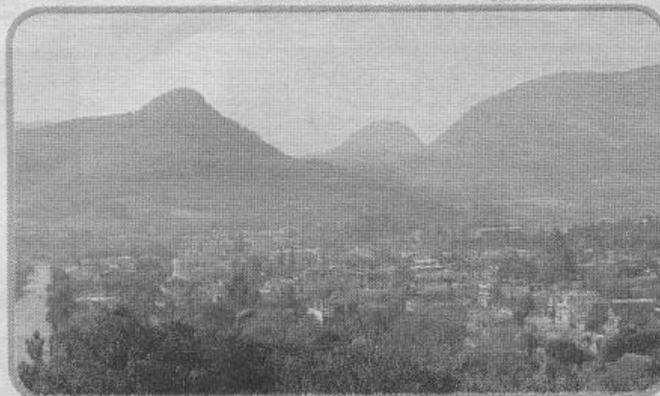
Ivorá foi um dos primeiros locais povoados com a vinda dos imigrantes italianos. No passado, foi denominada Núcleo Norte. Mais tarde, recebeu o nome de Nova Udine em homenagem aos colonizadores que vieram da região de Udine, na Itália. O nome Ivorá foi concedido em 1939 e significa Rio da Praia Formosa. A sugestão foi do Instituto Histórico e Geográfico do Estado.

Um dos destaques turísticos é a casa onde nasceu o Senador Alberto Pasqualini, imóvel tombado pela Secretaria de Cultura do Estado, em 1993.

Anexo 1: históricos dos municípios de Silveira Martins e Ivorá – Jornal Diário de Santa Maria – 30 e 31 de agosto de 2003.

Agudo

Charles Guerra/Diário



- ▼ **População:** 17.444
- ▼ **Área:** 553 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** alemã
- ▼ **Base da economia:** agricultura, com destaque para a produção de arroz, fumo e morango
- ▼ **Data de emancipação:** 16/02/1959
- ▼ **Municípios de origem:** Cachoeira do Sul e Sobradinho
- ▼ **Pontos turísticos:** Cascata Raddatz, Cascata Friedrich, Cascata do Chuvisco, Balneário Drews e Usina Hidrelétrica Dona Francisca

▼ Pelos registros históricos, Agudo aparece pela primeira vez em um mapa de 1800, quando era chamada de Colônia Santo Ângelo. Os imigrantes alemães passaram a povoar o território em 1857, na localidade de Cerro Chato. Em 1865, a colônia se torna o primeiro distrito de Cachoeira do Sul, cidade da qual se emancipou em 1959.

Agudo é hoje a maior cidade em termos de população dentro do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável (Condesus). São 17.444 habitantes, sendo que 11.789 vivem na zona rural. Uma das atrações do município são os seus grupos de danças folclóricas alemãs. Hoje, Agudo conta com tem 15 grupos, sendo que o maior deles é o Freundschaft.

Faxinal do Soturno

Charles Guerra/Diário - 03/07/03



- ▼ **População:** 6.887
- ▼ **Área:** 182 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** italiana
- ▼ **Base da economia:** agricultura, com destaque para o arroz e fumo, e pecuária
- ▼ **Data de emancipação:** 12/02/1959
- ▼ **Município de origem:** Cachoeira do Sul
- ▼ **Pontos turísticos:** Parque de Exposições, Igreja São Roque, Praça Vicente Palotti, Museu Fotográfico Municipal, Estádio Municipal Largo dos Pinheiros e Trilhas do Cerro Comprido

▼ Os 182 quilômetros quadrados de área de Faxinal do Soturno são formados por montes e vales. As margens banhadas pelo Rio Jacuí favorecem a produção de arroz, o principal produto agrícola da cidade.

A colonização italiana está presente nos costumes, na gastronomia e nas festas do município. Uma das maiores é o Festival do Vinho e do Queijo, que ocorre em julho.

Na cultura, um dos principais destaques é a Sociedade Cultural e Artística Santa Cecília, um coral com quase 60 anos de existência, filiado à Federação de Coros do Rio Grande do Sul. No turismo, as atrações lembram a colonização, como o Museu Histórico que conta o legado dos imigrantes italianos que povoaram a região.

Anexo 2: histórico dos municípios de Agudo e Faxinal do Soturno – Jornal Diário de Santa Maria – 30 e 31 de agosto de 2003.

Pinhal Grande

Laura Fabrício – Especial/Diário



- ▼ **População:** 4.850
- ▼ **Área:** 474,80 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** italiana
- ▼ **Base da economia:** Agricultura, destacando-se a soja, o feijão e o fumo, e pecuária
- ▼ **Data de emancipação:** 20/09/1992
- ▼ **Municípios de origem:** Nova Palma e Júlio de Castilhos
- ▼ **Pontos turísticos:** Igreja São José, Moinho dos Rubins, Barragem de Itaúba, Cascata do Lajeado da Várzea e Cascata da Ferreira

▼ Pinhal Grande foi uma das últimas regiões a ser povoada pelos imigrantes italianos que chegaram à Quarta Colônia. A colonização ali começou em 1917 e foi feita especialmente pelos filhos dos imigrantes.

O nome Pinhal Grande tem sua origem relacionada com a existência de matas e pinhais. O município é banhado por diversos arroios, além do Rio Jacuí, que, com suas quedas d'água, sustenta a Hidrelétrica Itaúba.

Na economia, destacam-se a agricultura e a pecuária. Na gastronomia, são conhecidos os vinhos, embutidos e queijos produzidos na cidade.

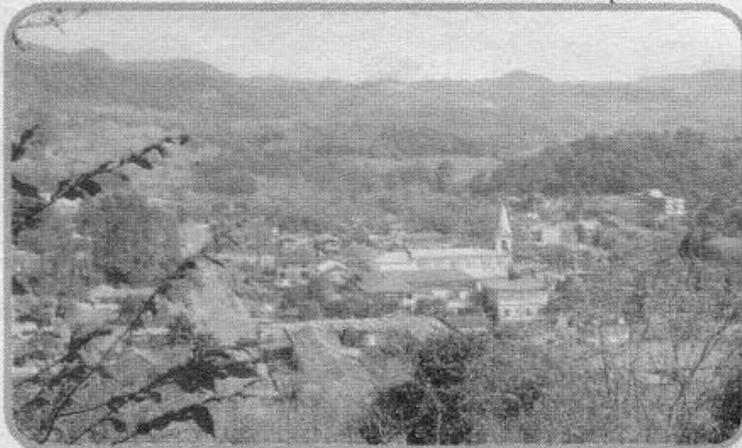
Um dos eventos de destaque na cidade é as Olimpíadas Rurais, que ocorre na semana do município, em março.

SEGUE

Anexo 3: histórico do município de Pinhal Grande – Jornal Diário de Santa Maria – 30 e 31 de agosto de 2003.

Nova Palma

Laura Fabrício – Especial/Diário



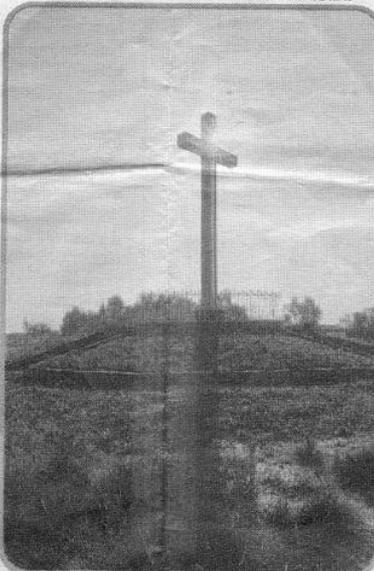
- ▼ **População:** 6.305
- ▼ **Área:** 342 quilômetros quadrados
- ▼ **Colonização:** italiana
- ▼ **Base da economia:** agricultura, especialmente a produção de feijão, fumo e milho
- ▼ **Data de emancipação:** 29/07/1960
- ▼ **Município de origem:** Júlio de Castilhos
- ▼ **Pontos turísticos:** Caverna Nossa Senhora de Fátima, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Monumento Nossa Senhora de Salete, Usina Hidrelétrica Dona Francisca, Cascata do Pingo e Balneário do Rio Soturno

▼ Nova Palma recebeu esta denominação em 1913, em razão da grande quantidade de palmeiras existentes no local. Os coqueiros que havia por toda a extensão eram chamados de palmas pelos imigrantes italianos.

Hoje, um dos destaques do município está na sua cobertura florestal. Da área de 342 quilômetros quadrados de Nova Palma, 41% são ocupados por floresta tropical.

Na economia, o município tem na agricultura, com a produção de feijão, fumo e milho, a sua base. No turismo, Nova Palma se destaca pela beleza dos seus recursos naturais. O Balneário do Rio Soturno, o camping municipal e as cascatas do Pingo e das Pedras Brancas são as principais atrações.

Anexo 4: histórico do município de Nova Palma – Jornal Diário de Santa Maria – 30 e 31 de agosto de 2003.

Dona Francisca <i>Charles Guerra/Diário</i>	Restinga Seca <i>Charles Guerra/Diário</i>	São João do Polêsine <i>Laura Fabricio – Especial/Diário</i>
		
<ul style="list-style-type: none"> ▼ População: 3.893 ▼ Área: 105 quilômetros quadrados ▼ Colonização: italiana ▼ Base da economia: agricultura, especialmente o arroz ▼ Data de emancipação: 17/07/1965 ▼ Município de origem: Cachoeira do Sul ▼ Pontos turísticos: Casa típica italiana Genoveva, Monumento Nossa Senhora dos Navegantes, Parque Histórico, Cascata Segatto e Parque Turístico Teleférico e Tobogã 	<ul style="list-style-type: none"> ▼ População: 16.644 ▼ Área: 954,76 quilômetros quadrados ▼ Colonização: alemã, italiana, portuguesa e africana ▼ Base da economia: agricultura, com destaque para o arroz e indústria moveleira ▼ Data de emancipação: 25/03/1949 ▼ Município de origem: Cachoeira do Sul ▼ Pontos turísticos: Estação Ferroviária, Buraco Fundo e Balneário das Tunas 	<ul style="list-style-type: none"> ▼ População: 2.805 ▼ Área: 83,95 quilômetros quadrados ▼ Colonização: italiana ▼ Base da economia: agricultura, principalmente a produção de arroz ▼ Data de emancipação: 20/03/1992 ▼ Município de origem: Faxinal do Soturno ▼ Pontos turísticos: Museu do Imigrante, gruta Nossa Senhora de Lourdes, pólo religioso do diácono João Luiz Pozzobon
<p>▼ O nome do município é uma homenagem. Quando Manuel José Gonçalves Mostadeiro se estabeleceu na região, resolveu dar à gleba que adquiriu o nome da sua esposa: Francisca. Mais tarde, quando se emancipou de Cachoeira do Sul, em 1965, a cidade permaneceu com o nome. O município está situado entre a serra de São Martinho e as várzeas do Rio Jacuí. A proximidade com o rio, dá a Dona Francisca o título de Namorada do Jacuí e impulsiona a economia do município. As várzeas férteis fazem da cidade uma das maiores produtoras de arroz do Estado. Um dos destaques é a Igreja Matriz de São José. Ela foi construída em 1942, em estilo romano, e é considerada uma das mais bonitas do Rio Grande do Sul.</p>	<p>▼ O município teve sua origem em grandes propriedades rurais. O desenvolvimento veio com a construção da estrada de ferro Porto Alegre-Uruguaiana, em 1885. Na época, a cidade também recebeu uma caixa d'água, que virou o ponto de parada dos trens. O local passou a ser conhecido como Terra da Caixa d'Água. O nome Restinga Seca foi dado mais tarde, pelo fato de a cidade ficar próxima a arroios que em época de pouca chuva ficam com o curso raso. Restinga Seca se diferencia pela sua colonização diversificada. A população tem origens alemã, italiana, portuguesa e africana. O plantio de arroz é hoje o que impulsiona a economia do município. A pecuária, indústria moveleira e comércio também se destacam na cidade.</p>	<p>▼ São João do Polêsine é a cidade com a menor área na região da Quarta Colônia. O território foi chamado por este nome pelos imigrantes italianos devido as semelhanças com as planícies do norte da Itália. A religiosidade do povo fez com que eles homenageassem São João Batista como padroeiro. Um dos aspectos que favorece o turismo na cidade é a gastronomia. Na chegada ao município, pela RS-287, o turista encontra várias casas comerciais onde estão à venda guloseimas típicas italianas como salames, vinhos coloniais e massas. Um dos eventos de maior destaque de São João do Polêsine é o Festival de Inverno. Toda a programação se desenvolve no distrito de Vale Vêneto, no mês de julho.</p>

Anexo 5: históricos dos municípios de Dona Francisca, Restinga Seca e São João do Polêsine – Jornal Diário de Santa Maria – 30 e 31 de agosto de 2003.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)